

Um avião da Marinha americana em patrulha sobre Okinawa



EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 12



Organizando o Mundo para Preservar a Paz

AS NAÇÕES UNIDAS E SEUS INGENTES ESFORÇOS PARA UMA NOVA ORDEM

POUCO a pouco, lenta mas continuamente, vão as nações do mundo avançando no propósito de criar uma organização capaz de impedir a erupção das guerras. Agora mesmo, pouco depois de segunda devastadora guerra mundial, e, em parte, como resultado dela, firma-se a base da estrutura duma paz duradoura. E uma base profunda e sólida porque representa o produto de numerosos acordos vitais entre as nações. E a extensão destes acordos já está refutando àqueles que anteciparam e insistem antecipando que conflitos de interesses nacionais serão um estorvo à adoção duma fórmula geralmente aceitável para manter a paz.

E' bem verdade que conflitos têm surgido durante o curso das cogitações a bem da paz, e os problemas decorrentes de tais divergências pareciam assumir, no momento, grande e inquietadora importância. Na maioria dos casos, porém, a discussão persistente, a negociação paciente, a tolerância e, sobretudo, um profundo senso da matéria em questão convertia o conflito de opiniões em perfeito acôrdo. Os exemplos de ocorrências passadas são garantia de que a mesma paciência e persistência predominarão no futuro, à medida que fôr tomando corpo a estrutura da paz duradoura sôbre as bases já assentadas.

O sonho da paz, que através dos séculos tem animado a imaginação humana, conta agora para a sua urgente materialização com uma nova e impressionante realidade: a bomba atômica e suas armas conexas, criadas no século XX. O tremendo instrumento de destruição que tanto contribuiu para pôr um brusco termo à guerra contra o Japão transformou-se em pesadelo ameaçador da paz subsequente. Em tôdas as capitais do mundo ressalta agora a certeza de que, com o emprego de novos conhecimentos científicos, mais uma guerra será capaz de devastar nações inteiras num período de poucas horas. Por tôda parte cresce o sentimento contrário à possibilidade de mais uma guerra. Esta corrente de opinião assumiu proporções que, certamente, demandará extraordinário estudo e atenção durante os primeiros meses de 1946. Tem-se feito, progresso, aliás imperfeito, vagaroso e às vêzes penoso, nas três grandes fases definidas

○ sucesso da Assembléia da Organização das Nações Unidas é, em grande parte, uma resultante dos trabalhos preliminares realizados pela comissão preparatória

EM GUARDA, revista publicada mensalmente pelo BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, 489 Pennsylvania Ave., N. W., Washington, D. C. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Philadelphia, Pennsylvania, E.U.A. Classificada como Imprensa de segunda classe na Repartição dos Correios de Philadelphia, a 8 de abril de 1941, de acôrdo com a lei de 3 de março de 1879. Ano IV, Número 12.

A direção de EM GUARDA lamenta participar que a publicação da revista termina com este número. A generosa acolhida que recebemos de nossos numerosos leitores demonstrou que EM GUARDA preencheu seus fins, muito contribuindo para estreitar ainda mais os laços da tradicional amizade reinante entre o povo do Brasil e o dos Estados Unidos





Os Almirantes Ernest King e Chester W. Nimitz, e (em baixo), o General Dwight D. Eisenhower, cuja ação no comando de forças navais e militares dos Estados Unidos tanto contribuiu para a vitória

dêste trabalho simultâneo. A primeira prende-se aos reajustamentos feitos imediatamente após a paz; a segunda, tem a ver com a criação da Organização das Nações Unidas, e, finalmente, a terceira refere-se aos planos para uma cooperação internacional que deverá, por necessidade precípua, intensificar-se cada vez mais.

A primeira fase, dos reajustamentos de após-guerra, envolve certo encorajamento às nações derrotadas no sentido de se organizarem democraticamente, em regimes pacíficos, dando imediata atenção à obra de reedificação material e espiritual em meio do caos causado pela guerra. Envolve também a ajuda a heróicas nações aliadas, como a China, que, tendo sido, durante muitos anos, um renido campo de batalha, procuram agora firmar-se em governos sólidos e representativos, e numa economia sã capaz de habilitá-las a desempenhar a parte que lhes cabe nas atividades internacionais. Esta primeira fase, por fim, também focaliza a atenção nas colônias e nas áreas dependentes do mundo. Impunha-se a elaboração de programas específicos estabelecendo nessas áreas várias medidas garantidoras do seu crescente bem-estar econômico e de sua capacidade de auto-administração.

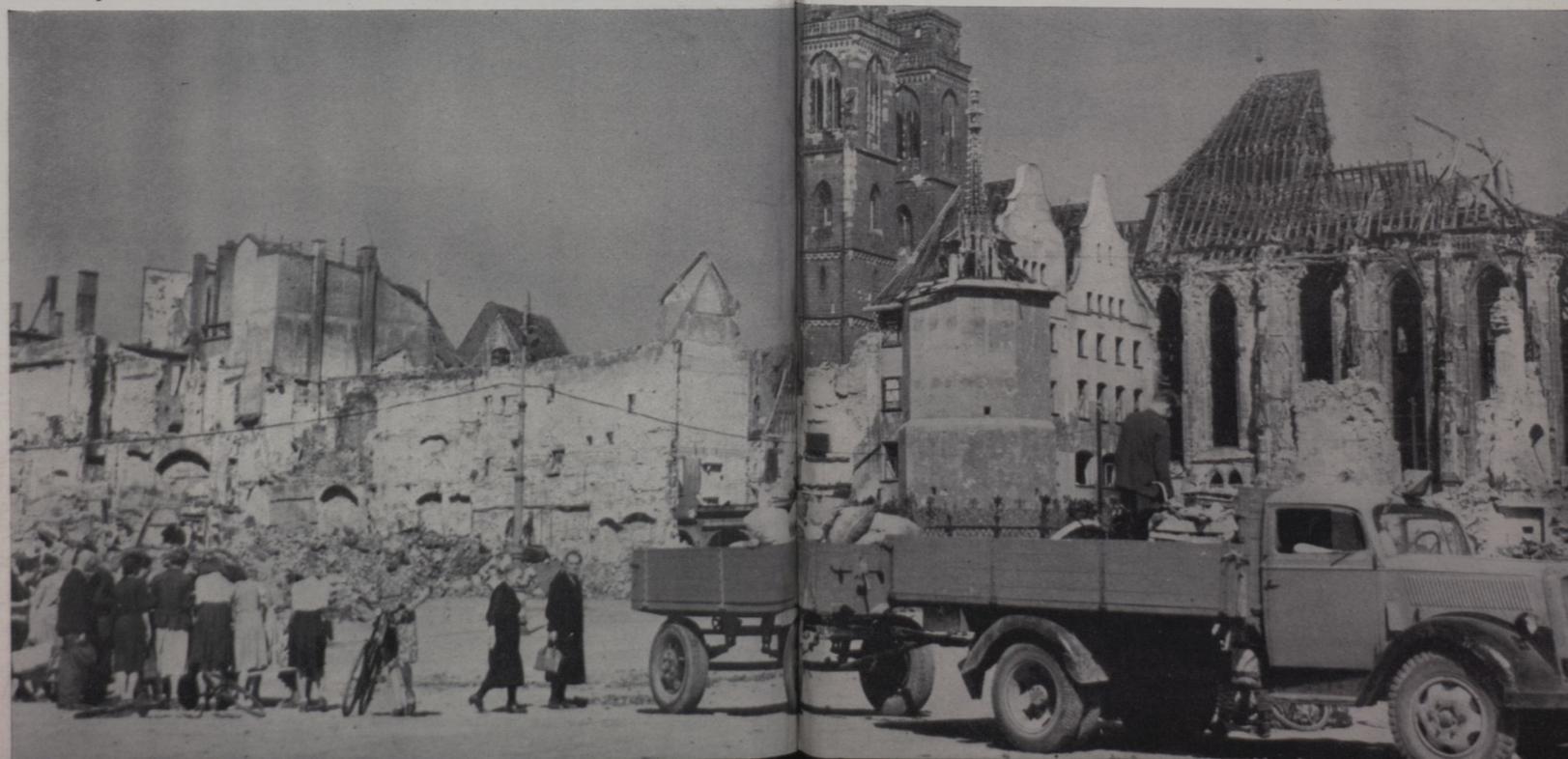
A segunda fase, referente à criação da Organização das Nações Unidas, renuiu um conjunto de meia centena de nações ainda ressentidas de mútuas desconfianças passadas. Agora entregam-se à obra de estabelecer métodos de cooperação cujo objetivo é remover esses receios, que, no passado, conduziam aos secretos tratados de aliança, às *esferas de influência* e toda sorte de paliativos elaborados pelo homem num mundo sem ordem alguma internacional.

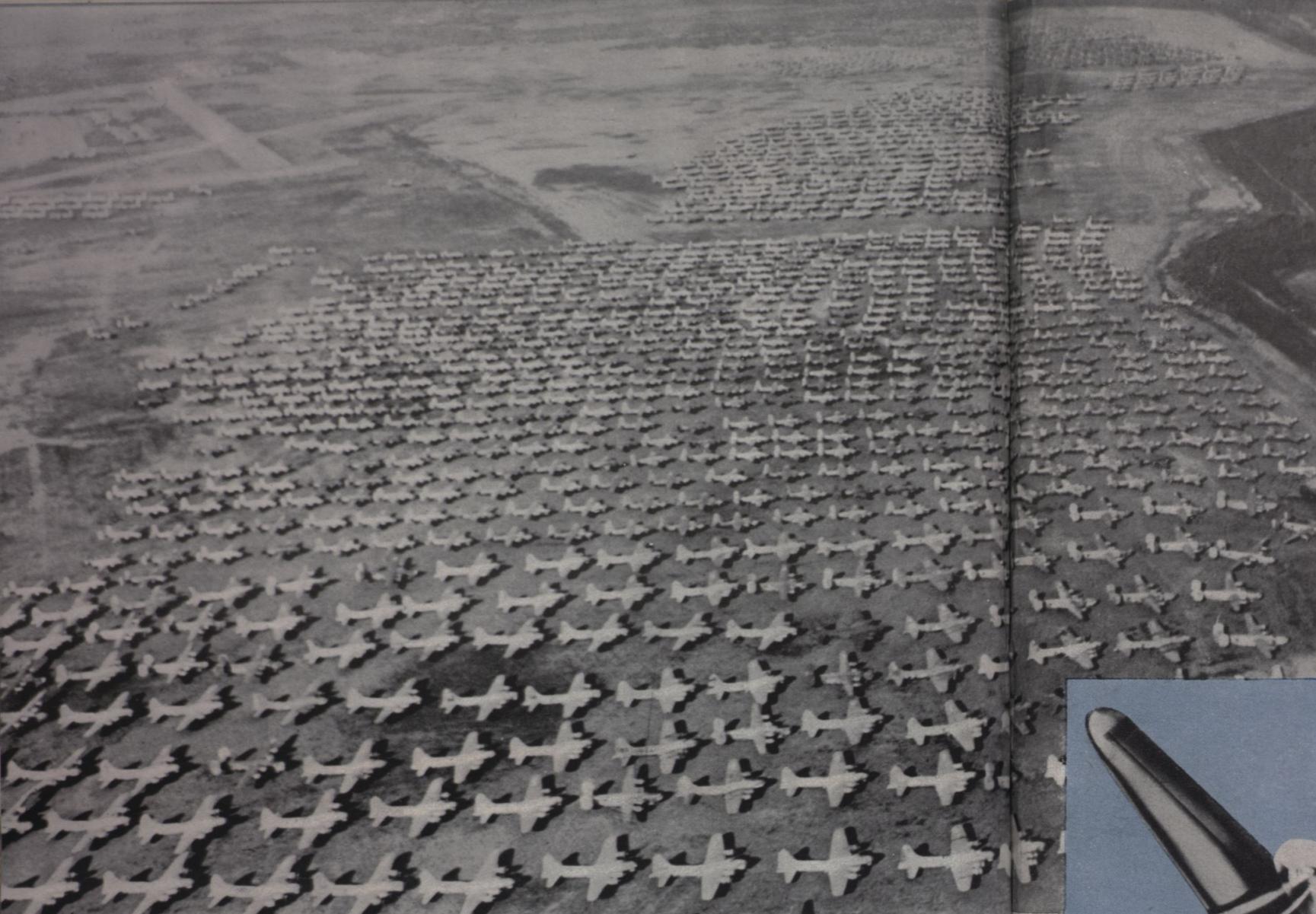
A terceira fase, sobre o progresso a bem duma união internacional cada vez mais perfeita, tem que evoluir dos dois primeiros esforços. Contudo, o trabalho neste sentido já está em andamento, com as propostas para a garantia das básicas



Os Secretários do Exterior Bevin, Molotov e Byrnes, da Inglaterra, Rússia e E.E.U.U., respectivamente, afirmam sua união de vistas. Em baixo: Crianças europeias, antes da chegada de auxílio dos aliados

A fome chega à Alemanha. Residentes de Nuremberg esperam a sua vez para comprar batatas trazidas em caminhões. A despeito dos esforços dos aliados, a Europa inteira passa por tremenda crise de alimentos





a armas que os cientistas pudessem aperfeiçoar, não haveria defesa efetiva. Contudo, a desintegração da energia atômica, base da bomba secreta, poderia ser de incalculável valor na produção de energia para inúmeras aplicações pacíficas. O Presidente Harry S. Truman referindo-se a essa maravilhosa nova fonte de energia, afirmou:

“Ela talvez ainda venha a ser mais revolucionária no progresso da sociedade humana do que a invenção da roda, o uso dos metais, ou a máquina a vapor e o motor de combustão interna. Mas — acentuou o presidente — a força atômica em mãos ignorantes ou malignas poderá causar desastres sem conta ao mundo inteiro. A sociedade não terá esperança de se defender e muito menos de imaginar os benefícios da nova descoberta, se não agir prontamente contra os azares do seu abuso.”

Conquanto a fabricação da bomba fosse levada a efeito pelos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, as teorias conduzentes à sua produção estão ao alcance do conhecimento do mundo científico. Em declaração conjunta, o Presidente Truman, o Primeiro-Ministro Clement R. Atlee, da Grã-Bretanha, e o Primeiro-Ministro W. L. MacKenzie King, do Canadá, afirmaram:

“Estamos prontos para partilhar, em base recíproca, com outras Nações Unidas, informações detalhadas sobre a aplicação prática industrial da energia atômica, logo que forem estabelecidas garantias efetivas contra o seu uso para fins destrutivos.”

Noutro período da história seria difícil uma tal oferta para a cooperação internacional; mas no ano de 1945 o pensamento humano mudou de curso, no seu crescente interesse pela garantia da paz universal, depois da maior de todas as guer-

ras. Pouco depois, em Moscou, os representantes da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de sua aliada, a Rússia, concordaram em lançar um programa destinado a controlar a bomba atômica, quando todas as Nações Unidas se reunissem em Londres, em princípios de 1946.

Em outros aspectos a conferência de Moscou também foi assinalada por sucessos que contrastaram com o fracasso da conferência anterior, em Londres. Os dois esforços, considerados em conjunto, ilustram a marcha em frente sempre ascendente que está caracterizando a colaboração internacional.

“É exatamente quando há verdadeiras dificuldades em chegar a acordos que os ministros de Exterior devem se reunir num esforço para compreender os problemas de cada um,” afirmou o Secretário de Estado Byrnes, ao regressar da conferência de Moscou. Sua opinião encerra um conceito, que, de há muito se tornou valioso nas reuniões promovidas pelas nações americanas.

Ao raio de 1946, a Organização das Nações Unidas, entrando em seu período de formação definida, deverá encontrar obstáculos e disputas inevitáveis. Mas foi justamente para discutir e resolver tais problemas que se cogitou de reunir as nações do mundo.

Todos reconhecem o inevitável das disputas e dissensões, circunstância inerente à própria existência dos homens e das nações. Isto, porém, não justifica o descaso ao estudo do muito que ainda pode ser realizado para evitar desacordos, mal-entendidos e conflitos. No caso da arma atômica, por exemplo, o problema havia sido tratado apenas ligeiramente ao tempo da reunião da assembléia da Organização das Nações Unidas. Seu controle e o uso da própria energia atômica deverão ser ainda estabelecidos.

liberdades humanas; com a criação de entidades específicas encarregadas de animar o intercâmbio cultural entre as nações, e promover outras medidas. A coroação deste esforço, para interligar as nações do mundo, depende do sucesso das duas primeiras fases do vasto programa, nas quais as nações aprenderão, primeiro, a solucionar suas dificuldades mais prementes num mundo esfacelado pela guerra; e depois, a erigir a estrutura da forma básica de cooperação internacional que servirá de norma para o imediato futuro.

E assim, a obra de edificar a paz progride com os homens cientes das imperfeições do passado, mas com perfeita visão do que lhes compete fazer, e sem nunca esquecer os sagrados objetivos do futuro. O progresso atual é a cristalização de pacientes esforços levados a efeito nestes últimos anos; e quaisquer que forem as imperfeições de agora, nem por isso serão menos importantes como a pedra angular que, futuramente, apoiará a estrutura da harmonia internacional que ora se visualiza.

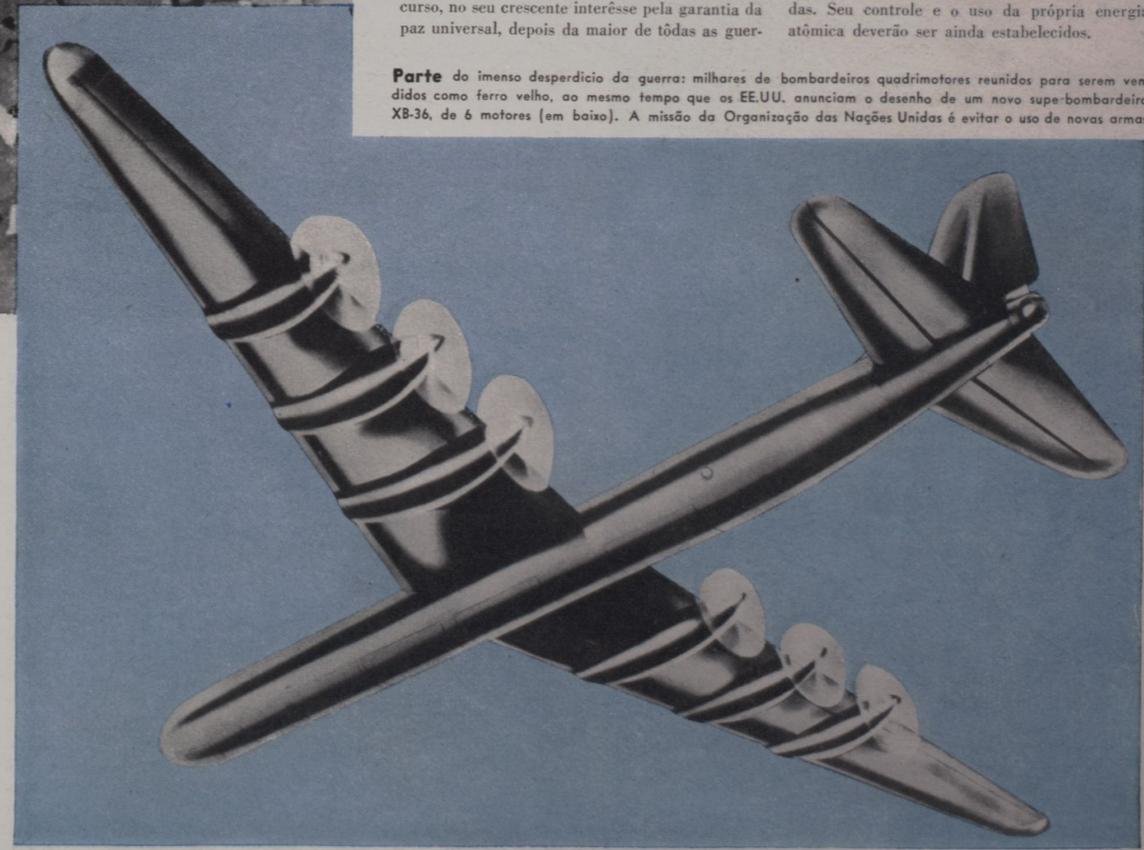
Já em 1944, por exemplo, foram assentadas as bases da Organização das Nações Unidas na conferência de Dumbarton Oaks, em Washington. Em 1945, a organização tornou-se realidade na conferência de San Francisco, marcando um extraordinário triunfo de colaboração internacional. E em sua fase final, quase todas as nações fizeram concessões ou abandonaram certas atitudes clássicas em matéria de assuntos internacionais.

Enquanto isto, as nações do Novo Mundo edificavam o seu próprio sistema de segurança coletiva. Pelo Pacto de Chapultepec, assinado na Cidade do México, as repúblicas americanas comprometeram-se a se consultar e a agir conjuntamente para repelir qualquer ataque contra qualquer uma delas, ou qualquer ameaça de ataque. Este objetivo, naturalmente, não ficou completo numa única conferência; outras reuniões serviram para integrar os propósitos dos ideais interamericanos.

Ao mesmo tempo, através da ação da Organização das Nações Unidas e do plano de Bretton

Woods, elaborava-se uma série de medidas atinentes a remediar os conflitos econômicos, que, em face da história, têm conduzido as nações à guerra. Em Bretton Woods criou-se o fundo monetário internacional, reunião de recursos destinados a manter a estabilidade das várias moedas e a facilitar um elevado intercâmbio comercial mundial. Um segundo fundo será destinado a ajudar a reabilitação dos países devastados pela guerra.

Por conseguinte, a colaboração internacional e a entrosagem destinada a torná-la operante na manutenção da paz, já estavam bastante adiantadas muito antes de terminar a guerra. Mas eis que irrompeu a bomba atômica, a arma de guerra que poderia ser transportada a qualquer parte do mundo por meio de projéteis-foguetes, do tipo usado pela Alemanha contra a Inglaterra, ou por meio de aviões. Vastas áreas, como Nova York ou Detroit, para citar apenas duas, poderiam ser arrasadas em poucas horas por uma nação agressora servindo-se de tais bombas. Contra esta hipótese e contra outras referentes



Parte do imenso desperdício da guerra: milhares de bombardeiros quadrimotores reunidos para serem vendidos como ferro velho, ao mesmo tempo que os E.E.U.U. anunciam o desenho de um novo super-bombardeiro XB-36, de 6 motores (em baixo). A missão da Organização das Nações Unidas é evitar o uso de novas armas

O DINÂMICO PREFEITO



La Guardia dirigindo-se aos seus concidadãos em sua costumeira palestra pelo rádio, todos os domingos, através da emissora municipal de Nova York



O ex-prefeito La Guardia é entusiasta fotógrafo amador. Aqui o vemos fotografando a estrela de cinema Merle Oberon. Na gravura em baixo: Ao lançar a bola inicial da temporada de primavera de "baseball", acontecimento de grande importância para La Guardia e milhões de outros entusiastas do jogo



A MAIOR metrópole da América — Nova York, famosa por tantas razões, teve mais uma, na pessoa de seu dinâmico prefeito Fiorello La Guardia. A maneira como o governador da grande cidade projetou-se na apreciação pública, fazendo o desusado, granjeou-lhe uma situação de grande popularidade no cenário norte-americano.

Depois e exercer o cargo durante três períodos administrativos sucessivos, La Guardia torna à vida privada animado de mesmo espírito de servir ao bem público. E todos quantos acompanharam suas atividades na administração da cidade de Nova York são acordes em reconhecer que a marcante projeção do ex-prefeito tanto nos assuntos nacionais como nos internacionais continuará como um reflexo da vigorosa ação do homem público cujas opiniões se manifestam num vasto âmbito de assuntos sempre tratados com maestria. Foi, portanto, muito expressiva a honrosa distinção que lhe conferiu o Presidente Truman indicando-o para ser seu representante pessoal, como embaixador extraordinário, na posse do Presidente General Eurico Gaspar Dutra.

Durante várias legislaturas no Congresso Federal La Guardia foi uma personalidade de grande realce, antes de se apresentar candidato ao cargo de prefeito de Nova York, em competição com a poderosa máquina eleitoral que então predominava na cidade. De começo, não lhe foi dado muito ensejo para revelar-se em suas qualidades combativas; mas não tardou em sobrepor-se galhardamente à oposição e vencer duas vezes mais nas eleições subsequentes. Seus admiradores não lhe negaram as honras devidas aos seus ingentes esforços administrativos, considerando-o um dos maiores *reformistas* da cidade.

Muitos são de opinião que o cargo de prefeito de Nova York só é sobrepujado em importância pelo de presidente da República. La Guardia, por exemplo, governou mais gente do que a que existe sob o cetro do rei da Suécia. Dispôs dum orçamento anual maior do que o de muitas nações e teve sob suas ordens cerca de 250.000 empregados municipais.

A vida do dinâmico prefeito tem sido bastante agitada. Como político, tem variado seu apoio de um partido para outro, atitude que também se manifestou quanto aos vários candidatos. Tem pisado nos pés a muita gente, e muitos são aqueles que não gostam de seus métodos nem de algumas das mudanças que ele realizou durante sua administração. O prefeito, de fato, tem numerosos adversários políticos, mas esta circunstância não lhe esbate o vigor com que se entrega a qualquer campanha.

No exercício do cargo, foi frequentemente criticado por perder a calma; aqueles que com ele trabalharam mais de perto, negam essa assertiva, sendo unânimes em afirmar que o prefeito dava-se bem com todos e que seus *repentes* só se manifestavam quando se tratava de ordens suas não devidamente observadas, ou quando deparava com erros crassos que comprometiam seus planos administrativos.

De sua atividade de governador é justo acentuar o interesse de partilhar de tôdas as responsabilidades inerentes ao cargo, mesmo aquelas às quais poderia ele esquivar-se sem maiores preocupações, como a de estar presente, fosse qual fosse a hora da noite, aos trabalhos de extinção de grandes incêndios; no local dos grandes crimes e de outras graves ocorrências urbanas. Não somente chegava para dar instruções como para ajudar no que fosse preciso. Por isso os neorquinos se acostumaram a ver seu prefeito aparecer em fotografias, nos jornais, usando a indumentária dos bombeiros, no alto duma escada, de mangueira em punho atacando as chamas. La Guardia não considera isto simples exibicionismo, e sabe que o público valoriza essas atividades. Outro ponto de grande reflexo na sua ação administrativa foi o fato de não se esquivar o prefeito de conviver de perto com todos os funcionários municipais. Para ele, este é um dever indeclinável, pois só assim poderá o governador da cidade conhecer intimamente todos os problemas que afetam seus governados.

Era comum encontrar-se o prefeito La Guardia em qualquer parte da metrópole, no seu amplo automóvel, equipado de rádio-telefone de onda curta e de pequenas mesas destinadas ao trabalho; ou num dos automóveis da polícia, num dos carros vermelhos do Corpo de Bombeiros, e até no *side-car* da motocicleta dum policial. Em sua residência, o prefeito tinha vários aparelhos de rádio-telefone de onda curta, transmissores e receptores, para mantê-lo informado, dia e noite, sobre todos os importantes acontecimentos. E nunca se esquivava de atender a qualquer chamado. Uma vez le pé, pela manhã, o incansável prefeito não parava, aten-



Durante sua administração La Guardia recebeu numerosos visitantes das outras Américas. Ei-lo quando recebia um grupo de estudantes latino-americanos contemplados com a bolsa de estudos concedida anualmente pela cidade de Nova York

No local dum tremendo incêndio, em Nova York, dirigindo os trabalhos de extinção e salvamento. La Guardia era sempre dentre os primeiros a chegar



dendo aos vários afazeres que demandavam sua atenção. Em seu gabinete, o movimento era contínuo de pessoas que o procuravam, saindo e entrando com uma precisão cronométrica. Nos intervalos, um ou dois discursos, inspeções e numerosos outros deveres, inclusive a atenção dada a enorme quantidade de correspondência e relatórios. Não raro ia de avião a Washington, ou alguma outra cidade, e estava de volta a tempo para outros compromissos à noite. Em geral, deixava seu gabinete de trabalho às 16 horas, mas frequentemente atendia a outros afazeres do cargo de caminho para casa, onde, após o jantar, ainda se entregava à leitura de papéis importantes.

Uma das atividades do prefeito era a sua palestra pelo rádio, todos os domingos, através da emissora municipal. Nestas palestras, sempre repassadas de simplicidade, tratava de assuntos do dia, dando especial atenção àqueles diretamente ligados à vida da cidade, comentando, combatendo ou sugerindo, conforme a natureza do tópico.

Filho de um antigo mestre de banda de música militar, La Guardia, que também é músico, aparecia, ocasionalmente, dirigindo bandas e orquestras. Apaixonado do teatro lírico, sempre que lhe ofereciam entradas para camarotes preferia trocá-las por lugares na platéia, nas primeiras filas, onde "sentia-se mais à vontade entre os demais espectadores, apreciando melhor a música e as vozes."

Quando La Guardia assumiu o cargo pela primeira vez, em 1934, fez questão de cercar-se de auxiliares comprovadamente capazes, nomeando especialistas para chefiar os vários departamentos da Municipalidade. Daí os resultados assinalados de sua administração em vários serviços da cidade. Nova York ficou dotada de um magnífico sistema rodoviário; novas pontes foram construídas; a saúde pública teve ao seu dispor intensos serviços de pesquisa; centros sanitários encarregaram-se em grande escala da prevenção de doenças; foram construídos numerosos *playgrounds* e outras locais de recreio; o serviço de esgotos e de incineração de lixo passou por grande remodelação; aumentou e melhorou a assistência pública hospitalar em geral e aos idosos em particular.

Todos os meios de transporte foram melhorados. Várias linhas de bondes antiquadas que atravancavam as ruas da cidade foram removidas, adotando-



Músico e apaixonado pela música, aqui vemos o ex-prefeito dirigindo a orquestra municipal durante um de seus concertos ao ar livre, no Central Park

se auto-ônibus modernos e confortáveis; as antigas e vagarosas barcas do serviço fluvial foram substituídas por novas e mais rápidas; grande extensão das linhas de trens elevados que não mais satisfaziam às necessidades urbanas foram removidas, abrindo novas artérias, dotadas de luz ampla e arborização apropriada; novas linhas de trens subterrâneos foram construídas, interligando todos os distritos da cidade, rápida e confortavelmente; foi construído o famoso aeroporto La Guardia, e agora o mais recente, Idlewood, constitui, por suas enormes dimensões e aperfeiçoamentos o mais moderno e maior do mundo.

No governo municipal, La Guardia deu ainda especial atenção ao problema da infância. Melhorou o sistema escolar, desde o jardim de infância ao colégio, e a Municipalidade intensificou seus cuidados através do Bureau de Orientação das Crianças e do Bureau de Auxílio à Infância, este da Polícia; das várias varas do Juízo de Menores; do Departamento de Parques e Jardins e das bibliotecas públicas. Várias associações formadas de pais e cidadãos em geral colaboraram com o prefeito no sentido de prestar ainda maiores e mais úteis serviços à nova geração. O plano escolar expandiu em todos os aspectos. Após completar o curso nas escolas elementares e secundárias, todos os alunos podem continuar os estudos gratuitamente num dos quatro colégios mantidos pela Municipalidade.

O Departamento da Polícia passou por grande modernização, destacando-se pelo seu serviço de rádio-patrulha, pelos trabalhos de polícia científica e pelo seu numeroso equipamento motorizado. Melhoramentos especiais alcançaram também o Corpo de Bombeiros, que se impõe pela sua marcante eficiência.

De grande importância foram os esforços da administração La Guardia quanto ao problema de habitações baratas, cuja solução encontrou franco sucesso, com a construção de milhares de apartamentos. Outros projetos estão em andamento com o mesmo fim, dependendo apenas da obtenção de materiais, retardada por causa da guerra. O prefeito também impulsionou a reabilitação de prédios localizados em zonas menos favorecidas, e a demolição de todos quantos não estavam em condições habitáveis. Nova York pode orgulhar-se de ter enfrentado o período da crise mundial e o desta guerra mantendo sua

perfeita estabilidade financeira, sem alterar o escopo da administração. Os planos delineados por La Guardia não se resumem unicamente à área de Nova York. Agora mesmo seus esforços intensificam-se no sentido de dotar a nação inteira de um magnífico sistema de aeroportos. Seu entusiasmo pela aviação vem de longa data, desde os tempos de sua participação nas Forças Aéreas dos Estados Unidos durante a primeira guerra mundial. Como presidente da Conferência de Prefeitos dos Estados Unidos, sua influência foi considerável.

Firme na convicção de que já chegou o momento de uma nova ordem política e econômica, La Guardia externa-se como um dos grandes entusiastas da colaboração internacional. Ao receber, recentemente um grupo de visitantes procedentes das outras repúblicas americanas, teve ocasião de acentuar, em perfeito castelhano: "Uma nova ordem mundial surge deste conflito. Agora é tempo da verdadeira amizade. Hoje, um inimigo dum das nações americanas tem que ser considerado inimigo de todas as demais". Este é um exemplo da franqueza que caracteriza a personalidade de Fiorello La Guardia, sempre na vanguarda dos movimentos que agitam a opinião pública, definindo-a nas grandes causas. Esforçado propugnador da perfeita ligação interamericana, o ex-prefeito orgulhou-se de ver a grande metrópole de Nova York, através de seus institutos de ensino superior, atraindo numerosos estudantes latino-americanos contemplados com as bolsas que lhes proporcionaram um valioso contato com o progresso educacional norte-americano.

Assumindo o governo da gigantesca Nova York num período de tremendas responsabilidades, La Guardia soube enfrentá-las galhardamente, aceitando ainda os encargos decorrentes da guerra.

Seu dinâmico temperamento o colocou entre os homens públicos cuja ação continua a vibrar de vigor e iniciativa mesmo depois de afastados dos cargos administrativos. Voltando novamente ao receso do lar, como simples cidadão, La Guardia encontrará mais tempo para a convivência familiar, na companhia da esposa e de seus dois filhos, Eric e Jean. Mas em nada se abaterá seu grande interesse pela causa pública, à qual soube dar, durante doze anos de contínuos serviços na Municipalidade de Nova York, as provas mais significativas.

La Guardia revelou-se um trabalhador incansável durante sua administração. Aqui o vemos na Prefeitura



A lancha-capela na qual os padres de Maryknoll levam o culto às povoações do interior da Bolívia, enfrentando os perigos e as enfermidades da selva

Os Padres de Maryknoll

E SUA GRANDE MISSÃO NO INTERIOR BOLIVIANO

NUMA obra paciente e proveitosa, os famosos padres Maryknoll levam ao cerne de selva boliviana o ensinamento religioso de par com a realização de um programa de esportes e de assistência aos necessitados. Sob a direção do monsenhor Escalante, bispo de Pando, os sacerdotes católicos estão constantemente ocupados, percorrendo longas distâncias em seu mister de facilitar às crianças o conhecimento de esportes, visitar os enfermos e atender às necessidades religiosas dos habitantes da vasta região.

Conforme pode observar-se nas gravuras contidas nesta página, os padres converteram um pequeno barco fluvial em capela flutuante. Pelo amplo e lamacento rio Madre de Dios viajam eles até remotas paragens, arrojando os perigos de doenças e de sofrimentos físicos animados unicamente pelo espírito de pregar a fé religiosa. Nas trevas da noite, uma canoa desliza silenciosamente como um jacaré ao lado da embarcação do sacerdote. Momentos depois, um dos padres dirige-se para celebrar um casamento ou para assistir espiritualmente a algum enfermo.

Na ribanceira da enseada, os habitantes da localidade reúnem-se enquanto a capela flutuante é puxada para a encosta. Ali, num cenário de beleza primitiva na selva, realizam-se os serviços religiosos, celebram-se casamen-

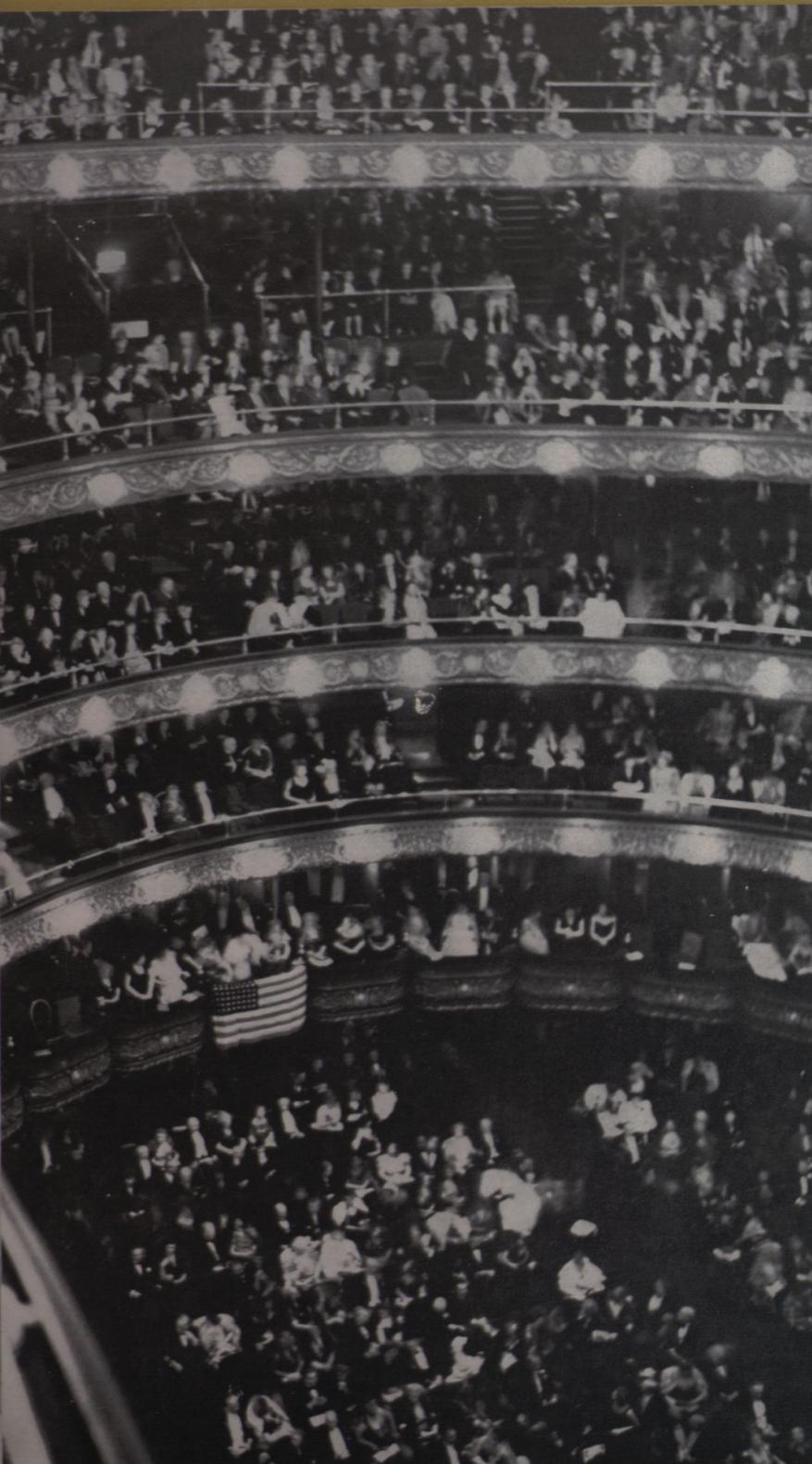
tos e batizados, e as crianças ouvem a história de Cristo. Nos fundos da residência dos padres, situada na vila de Riberalta, num páteo batido pelo sol, os jovens aprendem vários esportes, usando equipamento fornecido pelos missionários. Passam horas de alegre atividade, avigorando o corpo e afazendo-se ao respeito às regras e decisões nos jogos como fator de grande valia para a boa convivência e o trato com os seus semelhantes. Há ainda jogos de xadrez e dominó que sempre atraem grande concorrência, notando-se também a praça de tênis.

Nas imediações ergue-se o moderno hospital aos cuidados das freiras de Maryknoll que foram dos Estados Unidos dedicar-se aos trabalhos do programa sanitário nesta região tropical. Padres e freiras levaram ao *hinterland* boliviano mais do que a religião: estão ensinando que a amizade, a boa vizinhança e os maiores ideais da fé religiosa se fundem numa significação única.

Os operosos missionários nunca relatam as dificuldades que tão frequentemente lhe são opostas pela natureza sem enaltecer com expressivo entusiasmo o concurso dos nativos. Estes, por índoles afeitos a partilhar dos riscos da selva, são os primeiros a animar os missionários, ajudando-os no seu mister de valorizar cada vez mais o homem na sua própria terra.

A MÚSICA

NOS
ESTADOS UNIDOS



CONQUANTO sejam os vastos plainos do Oeste uma das grandes fontes de baladas tão populares nos Estados Unidos; e a região do Sul continue a ser outra inspirada fonte de música de dança e dos cantos espirituais; e os compositores em Nova York e Hollywood produzam dezenas de apreciadas canções de amor tôdas as temporadas, a música sinfônica continua como uma das atrações de maior entusiasmo popular. Trinta grandes orquestras sinfônicas realizam mais de 2.000 concertos durante as temporadas do outono e do inverno nos vários grandes centros metropolitanos do país.

É interessante saber das preferências do público norte-americano em matéria de música sinfônica. Em recente análise feita por uma das revistas dedicadas à música, sobre os programas de mais de 3.000 concertos realizados por 23 grandes orquestras sinfônicas, o resultado foi o seguinte, quanto aos compositores favoritos: Beethoven, Brahms, Tchaikowsky, Mozart, Wagner e Bach, respectivamente.

É notável a contribuição dos compositores norte-americanos de trabalhos para orquestra sinfônica e para o bailado. Tal como ocorre noutras repúblicas americanas, o folclore e a história são grandemente usados no esforço criativo musical.

Apesar de ser Nova York o grande centro musical dos Estados Unidos, há grande atividade musical nas cidades menores e nas pequenas localidades. Os gerentes dos artistas profissionais de concertos estimam que há aproximadamente 4.000 localidades no país onde o povo geralmente tem oportunidade de ouvir concertos. Muitas destas cidades, grandes e pequenas, tem auditórios cívicos ou escolares onde se realizam os concertos.

Há atualmente centenas de cantores, violinistas, pianistas, quartetos e outros grupos musicais percorrendo o país, dando concertos de grande sucesso. Em toda parte tem o povo ensejo de assistir aos concertos dados pelos mesmos artistas que aparecem em Nova York, Chicago, Nova Orleans, San Francisco e outros grandes centros musicais.

E assim se desenvolve nos Estados Unidos a apreciação de seu povo pela boa música. É um público que cresce continuamente graças às grandes facilidades na apresentação e divulgação da música, e também porque a música faz parte do sistema educacional.

A instrução musical, a participação em grupos polifônicos corais, bandas e orquestras, assim como o desenvolvimento generalizado da apreciação da música nas escolas, são todos fatores importantes no sistema escolar norte-americano, desde o jardim de infância ao curso secundário.

Os colégios e universidades americanas oferecem igualmente muitas oportunidades para a participação nas atividades musicais, e os estu-

Inauguração da temporada lírica na Metropolitan Opera House de Nova York, com a ópera "Lohengrin"



Aspecto dum dos concertos de orquestras sinfônicas realizados nas principais cidades dos Estados Unidos, e cujo programa é transmitido pelo rádio

dantes que se interessam profissionalmente podem colher nestes centros educacionais os mais proveitosos ensinamentos. São também numerosos os conservatórios e os professores particulares que contribuem para a formação de musicistas profissionais e amadores no país inteiro. Nova York, naturalmente, é a mecca musical para aqueles que ambicionam dedicar-se a especializações, ao concerto, ao rádio, à ópera, etc. Nestes últimos anos o interesse pelo canto tem se desenvolvido consideravelmente através dos programas seletos de rádio. Nada menos de quatro vencedores em provas especialmente organizadas, todos os anos, têm sido distinguidos com contratos para trabalhar na famosa Metropolitan Opera Company de Nova York. Cada vez mais se evidencia o aproveitamento do talento americano na Metropolitan, que agora conta com artistas americanos natos, num total de 75 por cento.

Os amantes da ópera podem ouvir todos os sábados as seleções da Metropolitan nas *matinées*, através do rádio, estando constatado que esse público já é de 12 milhões de pessoas. Além da Metropolitan, há ainda várias outras companhias líricas permanentes nos Estados Unidos, notadamente em Boston, Filadélfia, Chicago e San Francisco. Há também companhias em *tournees*, como a San Carlo que percorre constantemente todos os Estados da União. Estas companhias dão espetáculos durante suas temporadas locais, percorrendo depois várias outras cidades vizinhas, divulgando a apreciação do teatro lírico. Mas os Estados Unidos não são uma nação que

apenas ouve e aprecia música; são também uma nação que canta. Os grupos corais, de folclore ou de melodias populares são um dos passatempos favoritos de seu povo.

Em Bethlehem, famosa cidade industrial de Pensilvânia, pode apreciar-se todos os anos o seu conjunto coral no famoso festival de Bach, na primavera, em grandes composições corais de Bach, notadamente a *Missa em Si Menor*.

Estas festas musicais são outro meio favorito de tornar a música acessível a um maior número de pessoas nos Estados Unidos. De grande popularidade são os concertos ao ar livre.

Boston tem a sua série de concertos de verão realizados na esplanada do Rio Charles pela excelente orquestra sinfônica municipal. Em Nova York, o Estádio Lewisohn atrai enorme concorrência durante os concertos de verão; Filadélfia orgulha-se de seu Robin Hood Dell, centro de convergência de amantes da música durante os oito semanas da temporada de verão; em Washington, os residentes da capital na nação afluem ao grande anfiteatro ao ar livre, às margens do histórico Rio Potomac, para ouvirem a Orquestra Sinfônica Nacional, em seus concertos Watergate. As duas cidades do centro-oeste, Cincinnati e St. Louis, também destacam-se pelas suas temporadas musicais ao ar livre. Chicago tem os concertos do Grant Park, com capacidade para 30.000 pessoas, e os do Ravinia Park; em Denver, no coração da região dos Montes Rochosos, três orquestras cívicas sinfônicas dão magníficos concertos durante o verão; Salt Lake City,

notável principalmente pela excelência do seu Côro Mormon, cujos programas são irradiados de costa a costa; e no Texas, a capital, Dallas, oferece famosos concertos noturnos ao ar livre.

Na espetacular Hollywood Bowl, perto de Los Angeles, a temporada musical apresenta-se sempre como um grande acontecimento. Enorme concorrência pode apreciar as "Sinfonias sob as estrélas" e outros programas famosos, sob a batuta de Leopold Stokowski e outros regentes, especialmente convidados. O Festival de Música Americana, realizado em Rochester, Nova York, representa uma interessante variação. Seus programas são devotados a composições novas, particularmente sinfonias, obras de compositores americanos. Este festival já está em sua décima-sexta temporada.

Algumas cidades americanas financiam suas atividades musicais por meio de pequeno imposto, como acontece em San Francisco.

Durante o último quarto de século dois outros fatores têm contribuído para incentivar a apreciação da música nos Estados Unidos: os discos fonográficos e o rádio. Ambos levaram a boa música aos pontos mais remotos do país, popularizando-a.

Deve notar-se ainda que as bibliotecas públicas e as das escolas no país inteiro facilitam a todos amplos conhecimentos sobre música, livros, biografias, história, publicações, material para composição e orquestração, originais, etc., prestando-se a indicar tôdas as numerosas fontes de interessantes pesquisas.

Os Problemas da Reconversão Industrial

NOS ESTADOS UNIDOS

ESTAO novamente em produção nas fábricas de Detroit automóveis e caminhões destinados ao mercado civil; rádios, refrigeradores, máquinas de lavar roupa e dezenas de outros itens que se achavam fóra da produção durante quatro anos estão agora ocupando lugar predominante como produtos de muitas fábricas que no decurso da guerra ocuparam-se unicamente da produção de material bélico e munição.

Verifica-se assim, nos Estados Unidos, como fato único em toda a história, a maior transformação industrial que, passando da produção de guerra, entrega-se às atividades da paz. Este processo de reconversão começou antes mesmo da capitulação germânica; porém o maior impulso na *marcha à ré* da produção bélica norte-americana só se efetuou após o cancelamento de numerosos contratos avaliados em dezenas de bilhões de dólares de material de guerra quando terminaram as hostilidades no Pacífico, em agosto último.

Sob muitos aspectos, a mudança da entrosagem industrial agora é mais lenta e mais difícil do que a transformação realizada para os trabalhos de guerra pouco antes e logo após o ataque japonês contra Pearl Harbor, em dezembro de 1941. Em muitas indústrias a reconversão é vagarosa e irregular, assinalando-se como uma das causas principais a escassez de matérias primas, como o estanho e o papel. A reconversão é ainda retardada pela necessidade de reinstalar máquinas e ferramentas para a nova produção; pelas greves; pelos problemas de preços e pela delonga decorrente da reorganização dos departamentos de vendas e de outras atividades de tempo de paz.

Deporrem ainda muitos meses até que o comércio em geral fique abastecido com o estoque de artigos manufaturados cuja produção ficou suspensa durante a guerra. Automóveis, por exemplo, talvez não estejam ao alcance do grande público comprador senão daqui a dois ou três anos, a não ser que se verifique a hipótese duma maior aceleração no processo de reconversão fabril. A procura acumulada de automóveis, refrigeradores, rádios e produtos similares é extraordinária, e registra-se não somente no mercado interno como no mercado exportador. Segundo informam os exportadores, cresce nos outros países da América a procura de



Uma grande fábrica que, há pouco tempo, produzia tanques, canhões, munição e outros materiais bélicos, está agora produzindo refrigeradores para o consumo civil. Em baixo: Uma vista da montagem de aspiradores de vácuo, um dos itens de uso doméstico cuja produção esteve completamente paralizada durante a guerra



artigos manufaturados, destacando-se particularmente o equipamento para o transporte motorizado.

Os fabricantes procuram satisfazer os pedidos o mais depressa possível. As restrições constantes do controle da exportação foram eliminadas ou diminuídas pelo governo dos Estados Unidos a fim de facilitar os embarques para o exterior. Muitos fabricantes tencionam conceder a mais alta prioridade aos pedidos procedentes das nações do hemisfério. As prioridades oficiais ainda podem ser obtidas para as necessidades mais urgentes do mercado exportador.

A primeira parte do gigantesco trabalho de reconversão ficou completa em setembro, quando cessou a produção de guerra nos estaleiros, nas fábricas de aeronáutica, de munição e de outros artefatos bélicos, cujo trabalho absorvia milhões de operários. O efeito da rápida suspensão da produção de guerra manifestou-se num drástico declínio da produção industrial.

Desde então, as fábricas, em crescente número, efetuaram a transformação de seus labores, da guerra para a paz, começando a produzir os artigos destinados aos mercados civis, no país e no exterior. A reconversão, entretanto, em seu conjunto, é um movimento gradativo. Muitas fábricas efetuaram a reconversão mas não podem entrar em completa produção antes de meados de 1946 ou mais tarde ainda. Alguns economistas calculam que só em 1947 dar-se-á a normalização da produção e do nível geral dos empregos.

A reconversão está distribuída desigualmente. Algumas indústrias apenas mudam de fregueses durante o período de alteração. Os altos fornos, por exemplo, produzem o mesmo ferro doce, quer se trate de indústria de paz ou de guerra. Dos cotonifícios sai o mesmo fio de algodão para o consumo civil que antes destinava-se à aplicações bélicas; os produtores de petróleo estão agora vendendo mais gasolina aos motoristas civis do que às forças armadas. Muitas outras indústrias encontram bastante simples a variação de sua produção, da guerra para a paz.

Na indústria manufatureira é que a reconversão torna-se complicada. Suas fábricas, em elevado número, foram as que deixaram de produzir uma enorme variedade de material civil, desde locomotivas até ferros para encrespas cabelo, afim de concentrar suas atividades exclusivamente na produção de armas para as Nações Unidas. O resultado dessa adaptação foi o formidável fornecimento de armas em quantidade nunca jamais vista no mundo. A gigantesca indústria automobilística é um notável



Apesar de estarem os fabricantes fazendo sua reconversão para a produção civil mais rapidamente do que fizeram para a produção de guerra, serão precisos alguns anos de intensa produção para atender aos pedidos acumulados de novos rádios e máquinas de lavar roupa. O mercado, por sua vez, aumentou bastante



exemplo dos problemas oriundos da presente reconversão. As cadeias de montagem de suas enormes fábricas só começam a operar eficientemente depois de uma complexa integração de elementos tais como materiais, mão de obra e máquinas, rigorosamente sincronizados no processo final da produção. É uma obra que exige profunda planificação e inteligente aplicação de máquinas e ferramentas para impulsionar a produção em série em escala comparável à da época em que se deu a brusca interrupção causada pelas necessidades da guerra.

Algumas das grandes indústrias bélicas fecharam completamente após a derrota do Japão, sem intenção alguma de restabelecer seus trabalhos na produção de paz. Este é o caso especialmente de muitos estaleiros de construção naval e de fábricas aeronáuticas, que, pela sua própria natureza, não eram facilmente adaptáveis à produção civil. Contudo, algumas das especialidades destas indústrias, expandidas por causa da guerra, continuam sendo produzidas para o consumo público. Uma fábrica de aviões está diversificando a sua produção, que agora vai de maquinismos agrícolas a cutelaria para uso doméstico. Um dos estaleiros navais no sul está construindo quatorze navios mercantes para o Brasil. Outros firmaram contratos de construção de navios para a Holanda e para companhias de navegação norte-americanas interessadas em modernizar suas respectivas frotas para as diversas linhas interamericanas e européias.

Os fabricantes de aeroplanos também estão empregando parte de sua capacidade de tempo de guerra para produzir maiores e mais velozes aviões de carga e de passageiros para as rotas nacionais, interamericanas e transatlânticas. Estas operações de transporte aéreo de pós-guerra representam a colocação de pedidos para a fabricação de aeroplanos num total avaliado em mais de cinquenta milhões de dólares, e a serem entregues de 1946 em diante.

Em muitas indústrias o nível de produção e de mão de obra nos anos próximos futuros deverá atingir às cifras do tempo de guerra. Várias entidades econômicas oficiais e particulares prevêem um aumento no uso de mão de obra pelas indústrias manufaturadas.



Em todos os lares haverá numerosos e simples aparelhos de grande aplicação, como ferros de engomar e ventiladores (nos gravuras em cima e em baixo). A produção de aparelhamentos mais complicados ainda se ressentirá da falta de matérias primas e de certas ferramentas especiais de montagem

tureiras no primeiro semestre de 1946. A Junta de Produção de Guerra antecipa para meado de 1946 um fornecimento de artigos pelas indústrias metalúrgicas, a preços correntes, que será de três vezes mais a média registrada durante o ano de 1939.

Isto não significa um rápido retorno ao equilíbrio entre a oferta e a procura; pelo contrário, tanto os economistas oficiais como os homens de negócios previnem o consumidor em geral contra qualquer ultra-optimismo em relação às possibilidades de abastecimento do mercado. Apontam para o fato de ver-se a indústria na urgência de primeiro atender às necessidades acumuladas de artigos manufaturados causadas pela guerra, antes de se restaurar o equilíbrio natural entre a oferta e a procura.

Tanto no mercado interno como no do exterior, inclusive o das outras nações americanas, os futuros compradores têm acumuladas nos bancos economias em dinheiro e em títulos liquidáveis que batem todos os recordes. A fim de evitar que a extraordinária procura no mercado force uma alta de preços, o governo dos Estados Unidos continua a manter em vigor o interno, com certa margem para cobrir custos e riscos próprios dos negócios de exportação.

De um modo geral, o produto da reconversão, da guerra para a paz, é em escala maior do que a produção de antes da guerra. Uma explicação deste fato encontra-se na cifra de 25 bilhões de dólares destinada a aumentar as facilidades produtivas durante a guerra. Grande parte de capacidade adicional verificada na fabricação de aço, de produtos químicos, de aviões, de ferramentas, etc., será aplicada na produção de paz. Daí resultar um considerável aumento na capacidade produtiva industrial da nação.

Um outro fator neste sentido é o emprego de numerosos novos métodos resultantes dos acentuados progressos realizados na química, na eletrônica e outros ramos de atividade agora empenhados em suprir as necessidades do mercado civil. Vale citar, por exemplo, o uso que far-se-á do radar nos meios de transporte; as aplicações de valiosas drogas, como a penicilina, e a generalização do uso dos materiais plásticos de das fibras sintéticas.

Distinguidos com o Prêmio Nobel

A expressiva distinção do Prêmio Nobel coube, em 1945, nas Américas, a duas ilustres personalidades, ambas de humilde origem, mas que souberam atingir aos mais elevados florescimentos da imaginação. Uma é poetaisa das mais brilhantes e inspiradas; outra é um estadista cujo renome transcende os limites pátrios para consagrar-se entre os grandes vultos da história.

A Cordell Hull, antigo Secretário de Estado dos Estados Unidos, jurista e campeão da organização mundial, coube o prêmio Nobel da paz. A Gabriela Mistral, poetaisa chilena cuja habilidade de expressar as emoções humanas tem comovido tantos leitores de seus versos, coube o prêmio de literatura.

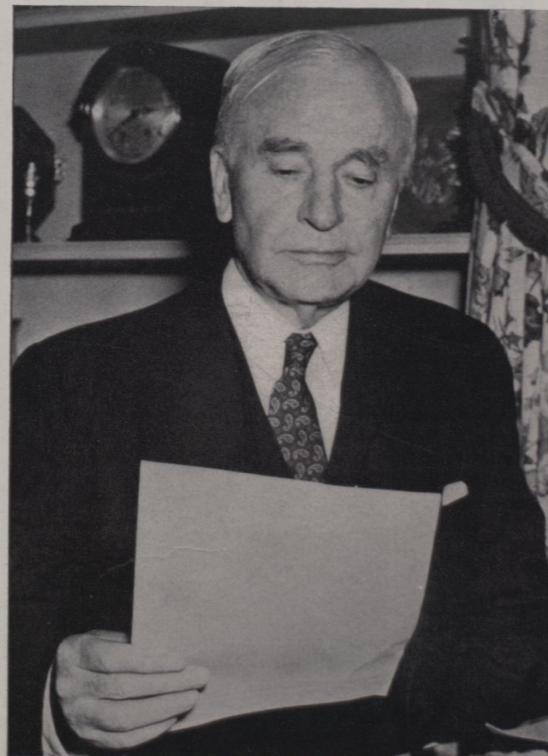
Quando Alfred Bernhard Nobel, químico e engenheiro suéco, inventor da dinamite, faleceu em 1896, o mundo foi informado de que ele deixara sua fortuna para o estabelecimento de prêmios anuais em vários campos da atividade humana.

Ao selecionar Cordell Hull como o que mais se distinguira em 1945 numa destas atividades — a promoção da paz universal — a comissão encarregada da concessão dos prêmios conferiu uma honra ao estadista que o saudoso Presidente Roosevelt chamara o pai das Nações Unidas. Desde seus primeiros tempos de estudante, em seu Estado natal de Tennessee, Cordell Hull atraiu atenção pela manifestação cristalina de seu pensamento, empolgando pela lógica com que arguia batendo-se pelas causas que ele abraçava. Como advogado, como militar, como senador da República e, finalmente, Secretário de Estado, Cordell Hull sempre se impôs ao respeito e à admiração.

Enquanto se acumulavam as nuvens da guerra, Hull laborava pela paz. E especialmente entre as repúblicas americanas, foi ele considerado um propugnador do conceito de que as nações pacíficas devem unir-se para a realização de seus ideais. Após o rompimento das hostilidades, Hull continuou a urgir o estabelecimento duma ordem mundial capaz de assegurar a vida pacífica aos homens. Afastado, recentemente, de suas



A poetaisa chilena Gabriela Mistral, notável por sua obra de grande elevação e poder expressivo, contemplada com o prêmio Nobel de literatura, em 1945. O cobiçado prêmio Nobel da paz foi conferido a Cordell Hull, antigo Secretário de Estado norte-americano e infatigável propugnador da cooperação internacional



atividades, por motivo de saúde, conseguiu, não obstante, ver a consagração de seus ideais na Organização das Nações Unidas, cuja estrutura ele ajudara a erigir.

A detentora do prêmio de literatura, Gabriela Mistral (cujo verdadeiro nome é Lucila Godoy Alcayaca), nasceu na vila de Vicuña, no vale de Elqui. Filha dum nestre escola, seguiu a carreira paterna. Mas um concurso de poesia, realizado em Santiago, reservou-lhe um novo destino. Nesse certame, a jovem poetaisa, sentada na platéia entre a numerosa assistência, mal imaginava que dos versos lidos pelos julgadores, os seus iriam merecer o primeiro prêmio. Seguiu-se a fama. Em 1922, um professor da Universidade de Colúmbia, de Nova York, ao ler algumas das poesias de Gabriela Mistral, em jornais espanhóis, não ocultou seu entusiasmo, considerando-a uma grande poetaisa. Outros professores partilharam de mesma opinião, e, pouco depois, era publicado em Nova York o seu primeiro livro *Desolación*, cujo sucesso estendeu-se rapidamente às demais nações americanas e à Europa.

Entretantes, Gabriela Mistral continuava ativa, servindo no campo da educação rural no México, a convite do respectivo governo; foi delegada ao Instituto de Cooperação Intelectual, da Liga das Nações; em 1931 veiu aos Estados Unidos, lecionar nos Colleges Barnard e Middlebury, tendo ainda servido na carreira consular chilena, exercendo postos em Palermo, Lisboa, Madrid, sendo atualmente consul de sua pátria na cidade de Petrópolis, Brasil.

Conquanto o número de seus livros publicados seja relativamente pequeno, apenas dois mais após o seu primeiro publicado em 1922, seus versos, traduzidos em português, francês, inglês, italiano, alemão e suéco, constituem uma valiosa contribuição às letras.



A área do Centro Cívico, no coração da cidade de Denver, vendo-se os edifícios da administração pública, a biblioteca e o grande teatro ao ar livre

DENVER—A ALTANEIRA

EL TURCO, o índio, apontou com o dedo no velho mapa em espanhol e disse ao seu amo: "Aqui está a cidade com as ruas calçadas a turquesas e com casas de ouro!"

Francisco Vasquez de Coronado, em busca das sete fabulosas cidades de Cibolo, ouviu e acreditou; e, em abril de 1541, foi o primeiro estrangeiro a pisar as terras que os grandes conquistadores espanhóis chamaram Colorado. Mas não encontrou nenhuma cidade com ruas de turquesas nem tão poucas casas de ouro. Os índios hostis e os rigores da caminhada exterminaram numerosos dos aventureiros, e, por fim, o próprio *El Turco* confessou seu desapontamento e acabou perdendo a vida. Francisco Vasquez de Coronado desistiu da empresa e voltou. A marca deixada no mapa pelo dedo lamacento do índio, quando apontou a cidade fabulosa que Coronado nunca alcançou, indicava, aproximadamente, o local da atual cidade de Denver, capital do Estado de Colorado.

Naqueles tumultuosos dias de conquista, a Espanha chamou a si o domínio da vasta região. E o território onde os índios caçavam enormes manadas de búfalos, antílopes e corças, caiu por sua vez sob o domínio da França, do México e da República do Texas, respectivamente. Foi somente em 1806 que o tenente Sebulon Montgomery Pike, chefiando uma expedição organizada pelo Presidente Thomas Jefferson, primeiro

desfraldou a bandeira americana ao descobrir o agora universalmente famoso Pike's Peak, topo de montanha situado a 120 quilômetros ao sul do local onde se ergue a maior cidade entre a zona do rio Missouri e o Oceano Pacífico.

Foi ainda somente em 1857, depois de cinquenta e um anos da descoberta do tenente Pike, que Denver teve os seus dois primeiros residentes. Era um casal — John Simpson Smith, mercador e caçador, e Wapoola, sua mulher, índia da tribo dos Sioux. Armaram uma barraca, cercaram-na, e assim se ergueu a primeira habitação na futura Denver.

No verão seguinte, um punhado de aventureiros na busca de ouro, por ali parou bateando nas ribanceiras dos rios Platte e Cherry. E ao escoar da bateia a água barrenta, um deles exclamou: "Ouro! Ouro!" Outros correram ao local, impulsionados pela febre que tem animado os homens em tôdas as eras, e assim começou o grande alvoroço na busca do ouro.

Dentro de dois anos, havia 23.329 pessoas na localidade, e hoje, Denver tem uma população de 450.000 almas.

O ouro foi a primeira atração, mas sua fonte encerrava-se nas montanhas, em Central City, Black Hawk e Idaho Springs. Nas pegadas dos mineiros vieram os mercadores, os caçadores e os artífices, e, com suas famílias, estabeleceram-se no congestionada comunidade nas ribanceiras

núas do rio Platte. Deram à localidade o nome do então governador do Território de Kansas, general James William Denver.

A este, a 960 quilômetros do rio Missouri, estende-se a planície então denominada *grande deserto americano* pelo qual trilharam os pioneiros em suas carroças, afrontando destemidamente os riscos da aventura de alcançar o pico de Pike. A oeste, a poucos quilômetros do local onde ora se argue a palácio de Legislativo estadual, e a uma altitude de 1.600 metros, elevavam-se as encostas até atingirem as arestas irregulares do grande *divisor continental*.

Os construtores da primeira via férrea, a Union Pacific, seguiram pelo caminho de Overland, mais fácil, através de Cheyenne, a 1.600 quilômetros ao norte. "Temos que construir a estrada de ferro por cima da montanha ou por dentro dela!" — afirmaram aqueles pioneiros de Denver, dispostos a tentar a realização do grande feito. E fizeram as duas coisas, conquanto o túnel de Moffat, numa extensão de quase dez quilômetros, atravessando o centro de grande divisor continental, só ficou completo em 1927. Agora, sete vias férreas passam por Denver, seguindo para o norte, sul, este e oeste. A rodovia transcontinental da Vitória atravessa a cidade, e outras excelentes rodovias daí se irradiam em tôdas as direções, numa rede importantíssima. Seis meses após a descoberta do ouro, che



Aspecto do centro comercial da cidade, nas proximidades do cruzamento da Broadway e da Rua 16

Vista da bela Catedral da Imaculada Conceição, um dos numerosos templos da cidade de Denver

gava a educação para Denver, trazida na pessoa de O. J. Goldrick, de 26 anos, de County Sligo, Irlanda, portador dum título universitário.

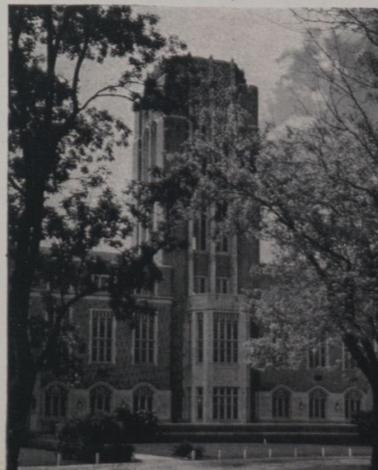
Denver agora tem sessenta e duas escolas elementares, dez escolas secundárias do primeiro grau (*junior high schools*), e cinco escolas secundárias do segundo grau (*senior high schools*). A Universidade de Denver, com suas 15 escolas e colégios é a maior dentre seis instituições de ensino superior. A universidade patrocina o Conselho de Assuntos Interamericanos, e, durante os últimos três anos tem mantido estudos interamericanos. Dentre seus importantes centros de arte nota-se o Museu de Arte de Denver, detentor duma das melhores coleções de arte aborígene do país.

Breve será lançada a primeira pedra do edifício do novo Museu de Arte no famoso Centro Cívico. Denver orgulha-se de ter produzido notáveis artistas, atores e escritores. Sua organização musical mais importante é a Orquestra Cívica Sinfônica, composta de 110 professores.

O Museu de Histórica Natural de Colorado encerra uma das maiores exposições zoológicas do mundo. Com suas coleções de minerais, animais prehistóricos reconstituídos e vasta coleção de meteoros, o Museu apresenta um permanente e valiosíssimo repositório do passado e do presente.

Denver também é privilegiada como um dos pontos prediletos de recreio do país, dando acesso a quatorze parques nacionais e trinta e dois monumentos nacionais. Nêstes parques, nas montanhas, destacam-se o famoso Monte Evans, numa elevação de 4.750 metros, acessível pela

A Universidade de Denver, para onde afluem muitos estudantes das outras repúblicas americanas



mais elevada rodovia da América do Norte, e local do mais elevado laboratório do mundo, consagrado ao estudo dos raios cósmicos.

Denver, entretanto, é mais do que um centro de atrações. Situada numa região de imensos recursos naturais, Denver tornou-se importante cidade industrial, com mais de 600 fábricas, cuja produção se escôa para todos os pontos do planeta.

Nos arredores da cidade há grandes refinarias de petróleo, pois o Estado de Colorado é o segundo mais antigo produtor deste combustível nos Estados Unidos. Colorado é ainda o segundo em extensão de área irrigada e o terceiro na produção de equipamento para mineração; é o maior produtor de prata nos Estados Unidos, sendo ultrapassado apenas pela Califórnia na produção de ouro. Normalmente, porém, a maior indústria de Denver é a de carnes congeladas, destacando-se seus grandes matadouros, considerados dentre os maiores no país.

Com sete grandes bancos nacionais, três bancos estaduais, uma Casa da Moeda federal e uma filial do Banco Federal de Reservas, a cidade, fundada graças à descoberta do ouro, é a capital financeira da região do oeste dos Montes Rochosos. O grande divisor continental, a mesma coluna vertebral rochosa que, na América do Sul toma o nome de Cordilheira dos Andes, não constitui agora barreira alguma aos transportes aéreos. Denver é considerada um dos pontos cardiais nos novos mapas aéreos do mundo. E a cidade prepara-se para impulsionar o aproveitamento dos valiosos recursos naturais do Estado, como o carvão, o petróleo, e a força hidráulica.

Na gravura em baixo vê-se uma fazenda de criação de gado. A pecuária é uma das riquezas de Denver



A Transição no Teatro Americano



Cena da sátira "The State of the Union", revelando preparativos para uma eleição presidencial. A artista principal é Ruth Russey, do cinema, e que aqui faz sua estréia na Broadway. Em baixo: Maurice Evans numa moderna versão do clássico "Hamlet"

REFLEXOS DA GUERRA E DA PAZ NOS ÊXITOS DA BROADWAY

BROADWAY — *via lactea* de Nova York e o maior centro teatral dos Estados Unidos encontra-se na sua primeira temporada desde o restabelecimento da paz. O palco passa por um período de transição, no qual só agora manifestam-se as tendências das novas peças que tomarão o lugar das antigas favoritas do público durante a guerra.

Um aspecto, entretanto, já se delinea definitivamente: o público teatral sente-se mais aliviado depois da vitória militar, mas continua interessado em temas sérios, exigindo, ao mesmo tempo, peças que tenham o mérito de ser *bom teatro*.

O termo das hostilidades veio alterar o gosto da platéia, e, por esta razão, as peças tipicamente sobre assunto de guerra não mais alcançam popularidade. Uma que, anteriormente, poderia saber ao paladar do público é *The Sound of Hunting*, de Harry Brown. É interessante combinação de diálogo vivaz, bom humor e realismo de atitude dos soldados exaustos de batalhas; mas chegou à Broadway após a vitória, e a platéia perdeu o interesse, por julgá-la fora de tempo. Em contraste, duas novas primorosas peças surgiram, uma sombria, outra hilariante,

ambas contendo um mixto de divertimento e de comentário sobre os acontecimentos mundiais. Casas repletas, aplaudindo ambas as peças demonstram um interesse sem precedente do público americano pelos assuntos internacionais.

Robert Sherwood, autor de *Idiot's Delight* e de *There Shall Be No Night*, escreveu a primeira peça, intitulada *The Rugged Path*. Simboliza a rude jornada que ele acredita terão de enfrentar os campeões da democracia e da cooperação internacional. O autor cristaliza seu tema nas melancólicas, mas finalmente triunfantes aventuras de um desiludido jornalista liberal que reganha sua fé na democracia, lutando (e morrendo) entre homens simples na guerra no Pacífico. A expressiva e difícil interpretação deste personagem coube ao popular Spencer Tracy, de fama cinematográfica, que se houve com sua tradicional maestria garantidora do sucesso da peça.

Noutro teatro a poucos passos da Broadway desenrola-se a representação de *The Rugged Path*, e, pouco mais além, a de *State of the Union*. Os que assistem estas duas peças retiram-se guardando na memória inesquecíveis trechos do diálogo de par com uma íntima satisfação causada pela jovialidade do entrecho. Não obs-



A comédia de costumes do princípio do século, "Life with Father". Um dos autores, Howard Lindsay, desempenha também o papel de protagonista principal. Em baixo: O popular ator Frank Fay mostra o coelho "Harvey", visível só para ele, na peça do mesmo nome

tante, com toda a sua alegria, ambas as peças encerram material para séria meditação.

State of the Union é uma criação de dois dos mais hábeis escritores teatrais americanos, Howard Lindsay e Russell Crouse. Um de seus sucessos anteriores, *Life With Father*, é uma comédia que ainda permanece no cartaz na Broadway, e *Arsenic and Old Lace*, misteriosa farça envolvendo duas velhas tias cujo passatempo predileto é matar gente.

Lindsay e Crouse produziram agora uma comédia política na qual satirizam o presente estado da União, isto é, os Estados Unidos, procurando melhorá-lo. O enredo desenvolve-se em torno dum fabricante de aeroplanos, homem de grande visão, e que gostaria de ser eleito presidente da República em 1948. O papel é desempenhado por outro astro do cinema, Ralph Bellamy. Os líderes dum dos grandes partidos políticos pensam em apresentar a candidatura do industrial; mas quando o aconselham a fazer concessões, no que se refere aos seus ideais, a fim de conquistar votos, e o precavem a enfrentar francamente as cruciantes questões do momento, ele os abandona e decide-se a escrever seus próprios discursos da campanha política.

Com estes elementos, Lindsay e Crouse aproveitam o ensejo para satirizar politiqueros obstinados, de ambos os principais partidos. E vão além; futuram uns Estados Unidos que, passada a guerra, têm de escolher entre o recuo a uma situação de cego interesse próprio, ou cooperar

para a unidade nacional e harmonia internacional. No primeira hipótese, admoestam os autores, podem resultar complicações internas e uma nova guerra mundial. A decidida apreciação da platéia, aplaudindo os retumbantes discursos do herói sobre a cooperação universal, revela francamente a natureza do sentimento predominante entre os espectadores, isto é, o público.

Duas outras peças tratando de sérios tópicos focalizam a ação nos problemas internos norte-americanos. Ambos analisam a situação de brancos e pretos que constituem a população de localidades onde antigos preconceitos de raça ainda imperam, consequentes de dificuldades econômicas sobrevindas com a guerra civil. Estudam a sua convivência à luz de modernos conceitos sociais mais progressistas. A primeira destas peças, *Deep Are the Roots*, de James Gow e Arnaud d'Usseau, aborda o regresso, da frente de batalha, de um jovem do Exército, rapaz culto, e que se envolve num drama amoroso com a filha de seu patrão. *Strange Fruit*, a outra peça, trata de tema similar, dramatizando um romance do mesmo título, escrito por Lillian Smith. Expõe, em cores vivas, aspectos da vida numa pequena cidade na região meridional dos Estados Unidos.

As tradições de família, o afeto e a lealdade constituem o elemento básico de vários dos presentes sucessos teatrais na Broadway. Algumas peças são novas, outras de há muito que se demoram nos cartazes. *I Remember Mama*, por





"I Remember Mama", a comédia sobre a vida duma família norueguesa. A ação passa-se em San Francisco da Califórnia. É outro sucesso da Broadway

exemplo, conta, em seus detalhes, a história duma família norueguesa que se instalou em San Francisco. É uma adaptação que John Van Druten fez para o palco do livro de Kathryn Forbes. Outra obra, de Clarence Day, relatando interessantes memórias de sua família, resultou na peça *Life With Father*, que, desde sua estréia, há sete anos, continua a ser um dos sucessos da Broadway.

A comédia musicada *Oklahoma!* revela a vida de família e os costumes nacionais na região do centro-oeste. Num dos números anteriores de *Em Guarda* publicamos várias gravuras coloridas de cenas dessa peça de grande popularidade. Uma segunda *troupe* está atualmente percorrendo outros pontos do país, levando à cena *Oklahoma!*, enquanto a sua apresentação em

Nova York prossegue invariavelmente com casas cheias. *Carousel* é outra peça também de êxito, baseada na simplicidade da vida do interior.

No gênero opereta, destaca-se *Polonaise*, baseada na vida de Kosciusko, e abrilhantada com composições de Chopin. *Song of Norway* apresenta a vida e a música de Grieg.

O teatro clássico, como sempre, tem seu público irredutível. Este ano *Hamlet* apresenta-se com uma particular atração — Maurice Evans, que já se havia destacado no grande drama, e atua agora na versão condensada de *Hamlet* na qual se distinguiu recentemente em várias representações para os combatentes das Nações Unidas. O nova versão tem um fundo que é do século XIX, sendo considerado por alguns críticos como de real vantagem para a compreensão

da peça, em seus momentos altamente dramáticos, pela platéia moderna. Igualmente popular é outro trabalho de Shakespeare, *The Winter's Tale*, apresentado em sua versão original. George Bernard Shaw também figura no cartaz da Broadway, com *Pygmalion*, apresentando Gertrude Lawrence no papel principal. Uma moderna versão francesa de *Antigone*, com Katharine Cornell é outra peça atualmente sendo apreciada pelo público de Nova York.

No presente período de transição dramática, a crítica aguarda ansiosamente o retorno de vários talentosos escritores teatrais que estiveram afastados, servindo nas forças combatentes. Dêles se espera novos e vigorosos trabalhos de valor social e político, produtos de farta experiência e acurada observação dos tempos que correm.

"Carousel", ao contrário de outras peças de tema político-social, é uma alegre opereta de excelente música. outro grande êxito do palco em N. Y.



Nesta sala ampla e arejada as crianças paraguáias dedicam-se a vários trabalhos simples manuais, em alegre passatempo, até o regresso de suas mães

Educação Doméstica no Paraguáí

Os Centros de Trabalhos Domésticos criados no Paraguáí, destinados a orientar as mulheres da lavoura nos conhecimentos de variados trabalhos caseiros, estão beneficiando um grande número de mulheres que antes se ressentiam da falta duma organização desse gênero.

As mulheres de Capiata, por exemplo, o distrito agrícola mais cêrca da capital da república, mostraram-se vivamente interessadas quando se

realizou a abertura do primeiro centro, em outubro de 1944. Na primeira semana, foi grande o número daquelas que tiveram a satisfação de poder costurar, fazendo vestidos, cortinas, fronhas, lençóis e outras peças, e pintar mesas, cadeiras e outros objetos de uso doméstico. No bem tratado terreno por trás do Centro plantaram legumes a serem usados na preparação de alimentos de acôrdo com processos modernos que mais aproveitam o seu valor nutritivo. Nota-se que tôdas tem interesse em aprender.

Ao entrar-se no amplo adifício de estilo hispano, depara-se com uma vasta sala, a sala de costura. Ao longo duma das paredes estão várias máquinas de costura e no centro uma grande mesa onde as mulheres cortam os moldes. Há também um grande tear no qual uma antiga perita em tecelagem, uma mulher de 85 anos, ensina às presentes os trabalhos de tecelagem de algodão plantado e colhido pelas próprias mulheres que agora afluem ao Centro.

À esquerda da sala de costura fica a sala de aula, com um grande quadro negro, uma vasta mesa e cadeiras em redor. Aí se reúnem moças e velhas, para aprender a ler, escrever e aprender elementos de aritmética. São mulheres cujas idades vão de 13 a 85 anos, formando um grupo de sessenta alunas atentas a tudo quanto se lhes ensina. Para as crianças menores de sete anos, que não podem frequentar as escolas públicas, há aulas especialmente organizadas.

No pitoresco terreno arborizado vê-se um grupo de meninas, limpando o algodão colhido nas plantações onde suas mães trabalham. As meninas maiores encarregam-se de desfiar o algodão para a tecelagem, transformando-o em tecidos que vão servir de material para centenas de vestidos, lençóis, toalhas, camisas, etc.

Fronteira ao jardim, a sala das crianças é batida pelo sol que aviva as interessantes decorações de suas paredes, com desenhos de animais e ramos floridos. Nesta sala as mães deixam seus filhinhos brincando, enquanto elas se entregam aos trabalhos de costura, tecelagem, de cozinha,

ou assistem às aulas. Aí também as gestantes recebem conselhos e instruções do médico local, preparando-se para dar ao recém-nascido todos os cuidados prescritos pela ciência.

A sala das crianças reflete a alegria dos seus ocupantes, a brincar arastando as pequeninas cadeiras de um lado para outro. Contíguo, estão o pequeno banheiro das crianças e a sala de refeições. Nas paredes decoradas vêem-se duas cenas típicas da vida rural paraguáia: uma representa uma menina carregando à cabeça uma cesta de laranjas, perto do córrego; a outra mostra uma mulher num burro carregado de produtos da lavoura, a caminho do mercado. A longa mesa está coberta com uma bela toalha tecida à mão e bordada pelas meninas. Acima da mesa há uma prateleira com vários objetos de barro vermelho.

Nesta sala de jantar, tódas as que aprendem a costurar e outros trabalhos caseiros recebem lições na técnica de servir uma refeição. E aí também se servem da alimentação preparada na cozinha que fica nos fundos do edifício principal. A cozinha é dotada de um fogão de tijolo, tipicamente paraguáio, duma mesa e um armário com os utensílios culinários.

Nesta cozinha realizam-se as aulas práticas de preparação de alimentos fartos e nutritivos, usando legumes cultivados pelas próprias alunas. É parte do programa do Centro ministrar conhecimentos sobre os legumes mais ricos em vitaminas, e animar seu plantio para consumo diário.

O Centro realiza festividades de grande atração, nas quais as meninas e meninos tomam parte em seus vestidos e costumes regionais e adornos

A diretora do centro, e que muito contribue para a preparação de outras especialistas e professoras para os demais centros no país inteiro



Os cuidados com os recém-nascidos e com a infância em geral são parte importante do programa de educação proporcionado às mães paraguáias

característicos. Há danças e palestras, numa reunião em que se fazem novos conhecimentos e se cultivam os velhos. Famílias inteiras apreciam esta convivência que solidifica os laços sociais e nacionais.

A diretora do Centro, multiplica-se no seu constante labor de desenvolver essa comunhão de interesse. Tódas as semanas percorre grandes distâncias, a cavalo, para visitar as famílias e prestar-lhes os auxílios ao seu alcance, merecendo porisso o cognome de *amiga dos pobres*.

O Centro é produto da iniciativa de autoridades paraguáias e norte-americanas, agindo em íntima cooperação. Mais recentemente foi inau-

gurado um segundo Centro de Trabalhos Domésticos, em Yaguaron, vila de 1.500 habitantes, situada a 48 quilômetros de Assunção. O Presidente Morinigo e seu Ministro da Agricultura estiveram presentes ao ato, fazendo alocações expressivas da importância do empreendimento. Este Centro está sob a direção de duas senhoras, ambas graduadas nos cursos especializados de Capiata, e, em Yaguaron, ministrarão conhecimentos a outras auxiliares destinadas a dirigir os demais centros a serem criados no país. E dessarte a mulher do campo enfrenta uma vida mais proveitosa para si e para os seus.

Flaqrante da cerimônia da inauguração do primeiro centro cujos resultados estão influido consideravelmente na vida econômica e rural da nação





Vista geral do Tribunal de Justiça de Nuremberg, durante o julgamento, pelos aliados, dos principais delinquentes de guerra nazistas, acusados de vários crimes.



Entre os acusados encontram-se vários maiores do partido nazista, dirigentes da nefasta política que, depois de conflagrar o mundo, arruinou a Alemanha.

PUNINDO OS GRANDES DELINQUENTES DE GUERRA

O MEMORÁVEL JULGAMENTO DE NUREMBERG

ESTES acusados representam sinistras influências que perdurarão no mundo até muito depois de haverem seus corpos se tornado em pó. São os símbolos vivos do ódio racial, do terrorismo e da violência, da arrogância e da crueldade do poder."

Foram estas as palavras proferidas pelo Ministro da Corte Suprema Robert H. Jackson, atuando como procurador criminal dos Estados Unidos no tribunal internacional que, em Nuremberg, está julgando os delinquentes alemães de guerra. São palavras de especial significação porque foram proferidas na presença de vinte e tantos acusados, que, pouco antes, tinham títulos como o de Ministro do Exterior do Reich Alemão; Reichsminister da Produção; General da S.S.; Presidente do Reichsbank; Comandante da Força Aérea Alemã; Reichscommissioner da Áustria, da Holanda, etc.

A cena desenrola-se num edifício na própria Alemanha, o Palácio de Justiça de Nuremberg. Os acusados são todos alemães; as provas foram colhidas em território alemão pelos procuradores criminais aliados, baseando-se no depoimento de testemunhas oculares, em documentos constantes dos arquivos alemães e nos trágicos remanescentes dos campos de concentração e morte criados pelos alemães, em toda a sua sordidez.

O libelo acusatório, repassado de linguagem simples, é tecnicamente completo. Consta de quatro artigos principais. No primeiro, provará que todos os indiciados são responsáveis coletivamente pelo plano criminoso cuja execução se verificou durante dez anos, envolvendo a maior parte do mundo civilizado; no segundo, que os acusados são culpados dos crimes cometidos contra a paz, do planejamento, preparação e iniciação da guerra de agressão, ou da guerra em flagrante violação dos tratados, convênios e garantias internacionais; no terceiro, que nos crimes de guerra atribuídos aos acusados ficou perfeitamente definida a violação das leis e normas de guerra, culminando no assassinio, nos máis tratos infligidos às populações civis, sujeitas ainda à deportação para trabalhos forçados; no assassinio de prisioneiros de guerra e de reféns; no esbulho da propriedade; na destruição de centros populosos, cidades e vilas, ou na devastação não justificada pelas necessidades militares; e, finalmente, no quarto artigo, que os acusados cometeram crimes contra a humanidade, consubstanciados no assassinio, no extermínio, cativeiro, deportação e outros atos deshumanos praticados contra populações civis antes e durante a guerra, assim como nas perseguições políticas, raciais e religiosas.

Mais vívida que a expressão dos artigos do libelo acusatório foi a prova apresentada. Em certo ponto do julgamento, escureceu-se a sala, e os filmes cinematográficos começaram sua projeção numa tela. Era um espetáculo de horror; muitos dos presentes não puderam reprimir o espanto. Os acusados, porém, durante a maior parte da exibição conservaram-se aparentemente calmos, enquanto na tela vão passando as cenas dan-

tescas, de pilhas de corpos humanos ao serem lançados na vala comum por um gigantesco trator, os cadáveres rolando uns sobre os outros, empurrados pela enorme pá, num labor mecânico, impressionante.

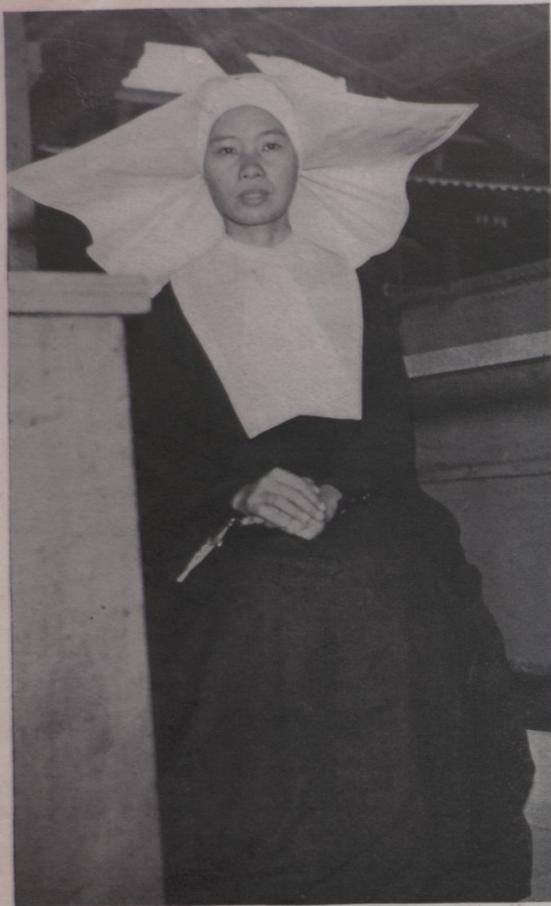
Apesar de manterem a compostura durante a exibição dos filmes e por ocasião da apresentação de outras provas, os acusados já tinham demonstrado sua ansiedade, semanas antes, quando, ao serem interrogados, proclamaram sua inocência, alegando, repetidamente, que apenas cumpriram ordens, sem terem conhecimento de outros objetivos. Mais tarde, entretanto, mostraram-se menos positivos dessa circunstância, quando confrontados com suas próprias assinaturas em documentos ordenando o fuzilamento de prisioneiros de guerra; o extermínio em massa de judeus; a esterilização de poloneses, e as mórbidas experiências científicas. Ademais, em sua constante desconfiança uns dos outros, os acusados formaram o hábito de escrever profusos diários citando nomes, e de apor sua assinatura pessoal em toda sorte de documentos, para que não restasse dúvida alguma quanto à iniciativa de cada mandante, em seu afã de prestar serviços à causa.

Este julgamento de guerra, sob a orientação das grandes potências aliadas, tem por fim chamar à responsabilidade apenas vinte e tantos acusados considerados incitadores e líderes da gigantesca conspiração nazista. Hitler, naturalmente, não estava presente para ouvir a leitura do libelo contra ele; e outros preferiram pôr termo à vida a terem de enfrentar o julgamento. Mas ainda havia alguns dentre os mais notáveis: Goering, o morfinômano, cuja sede de sangue tanto o recomendara ao Fuehrer,

desde os primeiros dias do partido nazista, em Munich; Streicher, o famigerado sadista; o neurótico Hess; von Ribbentrop, ardiloso em seus esquemas internacionais; Rosenberg, o filósofo da doutrina nazista do ódio racial.

Outros criminosos nazistas de menor calibre foram submetidos a julgamento anteriormente. Um dos julgamentos mais sensacionais, realizado em Luebeke, foi o de Josef Kramer, a fera de Belsen, e de 47 de seus assistentes, inclusive dez mulheres ferozes que o ajudaram na administração do nefando campo de concentração de Belsen. Estes acusados, como todos os acusados de delitos de guerra, tiveram à sua disposição todos os recursos de defesa, a cargo de hábeis advogados, a fim de garantir-lhes toda proteção dentro das leis dos homens civilizados. Mesmo assim, seus próprios depoimentos foram, frequentemente, a maior prova contra eles.

Irma Grese, uma das assistentes de Kramer, ao ser interrogada, declarou: "Pedi para servir no campo de Belsen porque gostava dum oficial da S.S. estacionado lá." E continuou relatando como castigava as mulheres a chicote e a pau, e como tinha ajudado a lançar cães famintos contra indefesos prisioneiros. Concluiu seu depoimento afirmando com visível orgulho: "Eu podia ser uma jovem tímida de 18 anos quando entrei para o serviço do campo de concentração, mas não tardei em aprender." Com extrema paciência a procuradoria criminal dos aliados compiliou a prova. Conquanto o total dos acusados fosse relativamente pequeno, o mundo sentiu, ao acompanhar a marcha do julgamento, que uma grande



A freira filipina Irmã Paz San Buenaventura, testemunha no julgamento dos criminosos de guerra no Pacífico, declara, em Manila, ter visto a decapitação de um piloto norte-americano e de cinco filipinos, em Cebú. Em baixo: Um dos informantes que depuseram relatando atrocidades cometidas pelos japoneses

porção do povo alemão também estava sendo julgado, pela sua parte em permitir que os nazistas ascendessem ao poder, e por apoiar o nazismo mesmo depois de evidenciado os seus sórdidos objetivos. Esta é a verdade histórica da qual os alemães não podem escapar.

Mais impressionante foi a aparente calma com que numerosos criminosos de segunda categoria, homens e mulheres, confessaram seus feitos; os assistentes que declaram ter administrado mortíferas injeções de morfina em centenas de prisioneiros poloneses e russos num manicômio perto de Wisbaden; o médico da prisão, Adolph Merkle, que falsificava os atestados de óbito, dando como *causa mortis* infecção pulmonar.

Da série de julgamentos constavam vários que diziam respeito a crimes cometidos contra os próprios alemães, pois os nazistas não conheciam limites de nacionalidade. Em Preungesheim, uma prisão situada perto de Frankfurt, centenas de alemães foram decapitados por cometerem ofensas tais como ouvir as estações de rádio proibidas ou matar coelhos para comer. Estas execuções constavam cronologicamente dos livros da prisão. Ao condenarem as autoridades responsáveis por estes atos, algumas a prisão celular por longo período, outras à pena de morte, os aliados tiveram em mente acentuar o fato de que as Nações Unidas não tolerarão a flagrante violação dos direitos humanos básicos em qualquer parte do mundo.

Diferente apenas em detalhes foi o julgamento dos japoneses, no outro lado do planeta. Em Manila, o general Tomoyuki Yamashita teve amplo direito de defesa, inclusive o de apelação para a Corte Suprema dos Estados Unidos, a nação que ele antes ameaçara de entrar como conquistador. Em face da tremenda prova acumulada contra ele e em virtude da qual foi condenado à morte, pelas atrocidades cometidas contra os prisioneiros de guerra nas Filipinas, Yamashita protestou veementemente, declarando nada saber da notória *marcha da morte* de Batám, na qual cidadãos americanos e filipinos, famintos e maltrapilhos, foram espancados, baionetados e abandonados, já moribundos, ao longo da estrada. Seus protestos revelaram-se menos convincentes quando o depoimento das testemunhas de vista, os gráficos e os mapas acentuaram o fato de ser o seu quartel-general situado a pouca distância do local do crime.

Outros crimes de guerra que o exército japonês, em sua certeza da vitória, nunca podia imaginar pudessem ser provados exuberantemente, vieram à luz durante o julgamento, como o bombardeamento do grande hospital de Batám; o assassinio de americanos e filipinos então internados, como enfermos; a decapitação duma família filipina inteira, e o uso de prisioneiros de guerra filipinos como alvos em exercícios de baioneta.

Enquanto isto, no Japão próprio, outros julgamentos foram iniciados. Alguns dos acusados eram homens e mulheres humildes, responsáveis por atrocidades cometidas contra prisioneiros; outros eram altos elementos



Masatoshi Fujishige, comandante duma divisão de infantaria japonesa em Luzón depõe no julgamento do general Yamashita. Em baixo: O Rev. Joseph Cosgrave descreve a matança de sacerdotes e leigos no Colégio de la Salle, em Manila. Estes são alguns dos acusados de crimes cometidos contra a humanidade

do governo imperial, responsáveis pela política de crueldade e agressão.

Conduzir os julgamentos de guerra era uma tarefa árdua e da qual não havia evasiva possível. A punição dos culpados pelos atos de deshumanidade que precederam e marcaram todo o decurso da guerra não restaurará à vida aos que morreram, nem curará os incapacitados pelos sofrimentos, ou confortará os sobreviventes. Mas, para citar as palavras do Procurador Jackson, há um outro propósito, de significação permanente: "Se pudermos cultivar no mundo a idéia de que a guerra de agressão conduz à barra do tribunal em vez de granjear honrarias, teremos feito alguma coisa para a consolidação da paz."

De certa forma, o julgamento destes delinquentes de guerra, contribui para remover a falta de que se ressentiam os preceitos do direito internacional — a falta da sanção. E, conforme lembra o procurador norte-americano, se os futuros agressores internacionais tiverem a certeza de que estarão se arriscando às mesmas penas e sanções existentes no direito privado das nações, é de esperar que se lhes arrefeça o ardor combativo a tempo de meditarem nas consequências.

O julgamento dos criminosos de guerra, em Nuremberg, representa, portanto, o advento duma nova fase nas relações internacionais, qual a do verdadeiro respeito à palavra dada; a da santidade dos tratados e, principalmente, a do respeito aos mais simples direitos humanos. Bastante significativo é ainda o fato de ter sido realizado em próprio território alemão esse julgamento que abre para as gerações presentes e futuras novos horizontes na apreciação da culpa daqueles que fomentam a discórdia humana.



FESTA DE ANO NOVO

A TRADICIONAL BATALHA DE FLORES DA CIDADE DE PASADENA

para ouvirem a descrição detalhada da sensacional prova clássica. Há outros *matches* populares de futebol noutros estádios — *Sugar Bowl*, em Nova Orleans; *Orange Bowl*, em Miami; *Sun Bowl*, *Cotton Bowl* e *Oil Bowl*, em cidades do Texas, mas o jogo de *Rose Bowl* é o mais tradicional e mais empolgante de todos.

O aspecto do grande estádio de Pasadena, no momento de começar o jogo é eletrizante. Horas antes, já a multidão começara a dirigir-se para as arquibancadas belamente decoradas com bandeiras e flâmulas, vendo-se ao fundo os majestosos picos nevados da Serra Madre. Homens, mulheres e crianças, todos mantêm um ar de comunicativa alegria que se espalha pelo amplo local.

As bandas de música dos dois institutos de ensino cujos *teams* vão competir no vasto campo fazem-se ouvir, marchando de um lado para outro, tocando as canções favoritas de cada grupo. A multidão aplaude entusiasticamente os malabarismos dos respectivos balistas. De repente, ouve-se um agudo trilar de apito: é o sinal convencionado do *referee*. Vão começar o jogo. Num instante, a bola rompe os ares, e a multidão, num lance de entusiasmo, levanta-se automaticamente.

Pasadena começou a se preparar para o grande jogo de Ano Bom pouco depois da *match* do ano anterior. E há já muito tempo que este gran-

de acontecimento anual constitui para os 80.000 habitantes da cidade um motivo de tanto orgulho quanto a sua volumosa produção de frutas e as suas indústrias, sobretudo a de carnes congeladas e de produtos enlatados.

A especial festividade do dia Ano Bom, em Pasadena, remonta a 57 anos, pouco mais de um século após o estabelecimento da cidade pelos espanhóis no pitoresco vale de San Gabriel, distante apenas 14 quilômetros a nordeste de Los Angeles e 40 quilômetros do Pacífico. Teve primeiro um caráter inspirado nas famosas batalhas de flores de Nice. Nos primeiros anos, não havia a partida de futebol para encerrar as festividades do dia, porisso que esse esporte, em Pasadena, data de 30 anos. A grande atração era, pois, a batalha de flores, com os seus magníficos carros fartamente decorados a flores, fazendo o curso entre o entusiasmo da multidão que afluía, enchendo as ruas do percurso.

Mais tarde, a popularidade do festival assumiu proporções tão grandes que a municipalidade criou uma entidade especialmente encarregada de organizar todos os detalhes, a Associação do Torneio das Rosas. Agora, grande parte do ano é dedicada aos preparativos da festa, cuja fama já é universal. Flores aos milhares entram na confecção das numerosas criações alegóricas dos carros que compõem o préstito. Depois da passagem deste, realiza-se a última parte do programa do dia, a competição esportiva no grande estádio.

Um mês antes, são selecionados os dois *teams* que vão jogar a sensacional partida de futebol. O *team* local é, naturalmente, o melhor de um dos colégios ou universidades da liga do Pacífico. Seu oponente, por sua vez, é um dos melhores de qualquer outro setor do país. O *team*



Vista aérea da multidão de entusiastas durante o renido encontro universitário de futebol, o acontecimento que coroa os festejos do dia

E' O DIA de Ano Bom. Cem mil entusiastas do esporte estão reunidos na *Rose Bowl*, o magnífico estádio de Pasadena, Califórnia, para assistir a uma das mais renidas competições do mundo esportivo, a partida de futebol que, todos os anos, se realiza na encantadora cidade americana.

Nos demais pontos do país, nas regiões frias do norte ou nas tépidas terras meridionais, milhões de entusiastas do tradicional esporte estão atentos, juntos aos seus aparelhos de rádio,

de fóra, juntamente com a banda de música escolar e numerosos alunos chegam à Califórnia alguns dias antes, a tempo bastante para os preparativos. São festivamente recebidos pelo povo de Pasadena e cumalados de gentilezas, visitando Hollywood, sendo recebidos pelos astros de cinema e outras celebridades.

Mas a despeito de tantas atrações sociais, ambos os *teams* passam horas a fio treinando nos últimos detalhes do jogo e experimentando novos passes para surpreender seus respectivos oponentes no estádio. Estes jogos preparatórios são cercados de todas as precauções para evitar qualquer publicidade. Os cronistas esportivos, porém, mantêm-se alertas, procurando desvendar o mistério, fazendo conjecturas e emitindo opiniões que, embora sejam apenas probabilidades, despertam grande interesse e discussões no vasto círculo de entusiastas.

Chega, afinal, o grande dia da batalha de flores e do ansiado *match*. A preparação dos carros alegóricos absorve a noite inteira; todos os edifícios ao longo do itinerário ficarão com suas janelas superlotadas, sendo ainda erigidas grandes barracas artisticamente decoradas. Homens, mulheres e crianças atiram febrilmente os últimos retoques. Há flores por toda parte, perfumando o ar, e a ansiedade aumenta à medida que são terminadas as alegorias, na esperança de ganhar um dos grandes prêmios. À meia-noite, há o intervalo geral, para uma refeição, e, ao romper do dia, os carros estão galhardamente prontos. É um soberbo conjunto de belíssimas criações floridas apreciado com extraordinário entusiasmo por uma cidade fartamente engalanada.

À hora convencionada, os carros são dispostos em linha, prontos para o préstito a ser aplau-

dido pelo público, e pelos juizes reunidos no pavilhão erigido à Avenida Orange Grove. Bandas de música são intercaladas entre os numerosos carros alegóricos que se distendem em longa formação. O povo, em grande parte, começou a afluír durante a noite, para garantir os melhores pontos de observação; e há forasteiros procedentes de toda parte, atraídos pelo famoso torneio.

Quando termina a passagem do préstito, horas mais tarde, e os carros vencedores recebem os prêmios, a multidão agita-se, seguindo para o estádio, em remate das celebrações do dia. E desde o trilar do apito do *referee*, marcando o início do jogo, até o tiro de pistola que assinala o seu termo, a atmosfera mantém-se vibrante de caloroso entusiasmo dos espectadores e torcedores. A *torcida* é sumamente organizada, com seus líderes dirigindo os grandes grupos de torcedores em movimentos feitos com extrema precisão, expondo enormes cartazes, ou produzindo outros efeitos de conjunto que animam freneticamente a massa popular nas arquibancadas.

Findo o primeiro tempo, os jogadores retiram-se para um ligeiro repouso e para receber instruções relativas à estratégia a ser empregada no resto do jogo. As bandas de música movimentam-se pelo campo em intrincadas formações executando canções e marchas populares. O sol da tarde já vai desaparecendo por trás do estádio e a sombra das arquibancadas distende-se pelo campo quando termina o jogo. E o *team* vencedor fica nos anais da história do futebol como uma das grandes memórias do estádio de Pasadena.

A multidão, após tantas horas de contínuas excitações, escósa-se em direção às saídas. À noite, ainda há reuniões, bailes e o zum-zum natural nas ruas como que impregnadas da suave fra-

grância das flores. Mas o dia comemorativo está oficialmente encerrado. Pasadena não tarda a recolher-se ao seu sossego normal; mas não tardará muito em começarem os organizadores da próxima festa a preparar seus planos.

De janeiro a dezembro a cidade fervilha em sua atividade industrial e no cultivo de suas flores. Mas o comentário predominante é o famoso festival de Ano Bom, o ensejo sempre ansiado de dar expansão à jovialidade dum povo que sabe se divertir com flores e esporte.

A beleza das "girls" e das flores reúnem-se neste carro alegórico, durante o préstito do dia de Ano Bom, em Pasadena. Após o préstito, há o futebol



Miss Patricia Auman, de 17 anos, aluna do Pasadena Junior College, é a rainha da festa de 1946



A CIÊNCIA AJUDA A DONA DE CASA

NOVOS RECURSOS QUE SIMPLIFICAM E MELHORAM OS QUE FAZERES NO LAR

GRAÇAS aos progressos da ciência, a moderna dona de casa pode organizar a vida de sua família sabendo exatamente qual a alimentação mais apropriada para o consumo quotidiano; como fazer o dinheiro render mais, ou como manter sua casa em ordem sem exaustão alguma, mesmo com poucos recursos.



Revizando um cordão elétrico para determinar o melhor método de repará-lo e alongar sua duração. Em baixo: Trabalhando em constantes experiências no laboratório do Bureau de Economia Doméstica



Nos Estados Unidos há uma entidade oficial destinada a auxiliá-la nestes e muitos outros detalhes. É o Bureau de Nutrição Humana e de Economia Doméstica, do Departamento de Agricultura. Especialistas em nutrição, economistas, químicos, físicos e demais técnicos especializados estão em trabalho incessante em seus laboratórios em Beltsville, Estado de Maryland, perto de Washington, atacando a solução dos problemas que defrontam a mulher no lar, e informando-a, em linguagem simples, pelo rádio, pelos jornais e revistas, e pelos próprios boletins publicados pela organização sobre tudo quanto lhe interessa saber.

O Bureau é chefiado por Miss Hazel K. Stiebeling, que, com vasta soma de conhecimentos e experiência, sente-se perfeitamente à vontade, quer se trate duma conferência internacional; da visita a uma fazenda, ou mesmo numa cozinha, empunhando caçarolas e preparando cardápios. Formada em química e higiene alimentar, ela primeiro despertou grande atenção pelos seus planos dietéticos organizados numa base de custo de quatro variantes, cada uma em condições de satisfazer tôdas as necessidades duma boa nutrição. A esse tempo Miss Stiebeling fazia parte da divisão de economia doméstica do Bureau.

Seus estudos e pesquisas sobre o regime alimentar nos vários pontos do país, e como as famílias equilibram seus orçamentos domésticos, já a tornaram famosa na Europa e na América. Despretensiosa, recebe com um ligeiro sorriso o elogio feito ao Bureau por uma mulher que, valendo-se de seus conselhos e sugestões, mantém seus filhos bem nutridos e bem vestidos, a despeito de seus pequenos recursos.

Foi necessário longo e paciente trabalho antes de poder o Bureau informar a dona de casa a quantidade de leite, de pão, de legumes e outros alimentos necessários a uma boa alimentação, dentro dos limites semanais do orçamento caseiro, tomando em consideração a idade das crianças e a natureza do trabalho dos adultos. Os planos de alimentação familiar são agora publicados, facilitando assim uma orientação segura

Outra importante função técnica do Bureau: o exame de tecidos para determinar sua maior durabilidade



na compra e preparação dos alimentos de maior valor nutritivo. No caso de laranjas e tomates, importantes itens por conterem Vitamina C, a mãe de família, precisa saber com certa exatidão a quantidade requerida pelo seu bebê de um ano de idade, pela irmãzinha de três anos, e pelos próprios pais.

Em 1888, W. C. Atwater, então diretor da repartição recém-criada, incumbida de unificar o trabalho das estações agrícolas experimentais estaduais, afirmou aos congressistas que "no estudo dos alimentos para os animais não se tinha o direito de esquecer a alimentação do homem." Mais tarde teve ocasião de dirigir várias investigações especiais para determinar as exigências do organismo humano em matéria de alimentação; quais os princípios nutritivos e quantitativos contidos nos diferentes alimentos; quais os alimentos geralmente usados e a maneira de prepará-los. Estes estudos levaram à criação, primeiro, de uma repartição de economia doméstica, em 1914, e, depois, em 1923, à organização do Bureau, que, em 1943, passou a ter também na sua denominação a especialidade de nutrição humana. Os peritos, em seus constantes estudos, ainda continuam a expandir as respostas às indagações originais feitas por Atwater.

Outros aspectos de problemas domésticos, tais como o do vestuário e da administração do lar, passaram a ser investigados detalhadamente. O Bureau procura antever e solucionar quase todos os problemas relacionados com a vida do lar, prestando um serviço de real valia a milhões de donas de casa.

O Bureau tem 208 funcionários, na maioria mulheres, sendo 136 pesquisadores profissionais que trabalham nos laboratórios de Beltsville, dotados de todo equipamento moderno. Em seus trabalhos sobre nutrição humana estes técnicos bem sabem que sua tarefa não termina quando informam ao público qual o alimento melhor indicado para cada caso. Reconhecem que os alimentos têm que saber ao paladar e, mais que isto, precisam estar ao alcance dos interessados. Por esta razão as recomendações dos especialistas



Ferros de engomar sendo postos a prova. Em baixo: Fazendo experiência na preparação de pratos apetitosos, nutritivos e econômicos. Tôdas as receitas são comprovadas antes de oferecidas às donas de casa



tas em nutrição sempre tomam em consideração as últimas notícias sobre os alimentos disponíveis nos mercados e os hábitos alimentares da população em geral.

Quando ovos ou batatas são abundantes no mercado, o Bureau prepara várias indicações para o melhor aproveitamento desses gêneros alimentícios. Para preparar, por exemplo, batata com creme, de paladar diferente, recomendam uma pequena adição de cebola ou queijo ralado, ou a mistura com ervilhas e cenouras, ou ainda com salsa. Tomates fazem boa combinação com o arroz, com um pouco de toucinho especial, ou bacon, pimentão verde e cebola. E assim por diante. Se a carne está escassa, recomendam outras maneiras de conseguir as proteínas necessárias ao organismo, destacando-se o uso de queijo, feijão, ervilhas, etc.

Os cientistas há anos que se dedicam ao estudo das proteínas vegetais, a fim de verificar os limi-

tes dos substitutos da carne. Durante a guerra, o Bureau preparou várias receitas culinárias com o propósito de popularizar o feijão sóia como excelente fonte de proteína. O Bureau de há muito recomendou o cozimento da carne a uma temperatura moderada, como o melhor método de manter os sucos naturais.

Há já alguns anos o Bureau determinou a quantidade diária de Vitamina A requerida pelo corpo, em provas práticas realizadas nos próprios funcionários, que, segundo os resultados alcançados, puderam constatar a habilidade de ajustar a vista nos contrastes entre a luz e a escuridão.

Depois dos alimentos, o problema do vestuário é o de maior monta para a dona de casa. E, neste particular, o Bureau também está em condições de orientá-la. Especialistas em têxteis experimentam os produtos a fim de verificar quais as fibras mais indicadas para uma maior durabilidade e resistência de lençóis, toalhas, etc.



No laboratório de Beltsville há instalações completas para fazer a prova de todos os materiais



Esta é uma das milhares de mulheres que se beneficiam das investigações procedidas pelo Bureau de Economia Doméstica para facilitar o trabalho de costura, economicamente, de roupas boas e duráveis

Recomendam a melhor maneira de remover manchas. A primeira coisa a fazer, aconselha o Bureau, é começar enquanto a mancha está fresca. Uma mancha causada por café num material lavável, por exemplo, muitas vezes pode ser removida simplesmente com água quente.

O Bureau analisa os métodos e o equipamento para lavagem de roupa, a fim de melhor preservar sua qualidade e cor. Para assistir às mulheres em seus trabalhos de costura, há boletins especiais dando instruções aplicáveis às necessidades mais comuns no lar, quer se trate de vestidos ou de roupa de homem, indicando a maneira de cortar, costurar ou de fazer alterações.

Considerando a situação dos Estados Unidos, como grande produtor de algodão, o Bureau deu especial atenção a um estilo de meia de algodão capaz de atrair a preferência feminina. Quando a guerra suspendeu a importação da seda do Japão, 200 desenhos de meias de algodão estavam prontos para os fabricantes. O Bureau foi também um pioneiro no desenho de vestuário feminino para o trabalho, encarando o problema sob todos os pontos de vista, de conforto, de segurança, de aparência, utilidade e durabilidade. E assim foram preparadas modelos especialmente destinados às mulheres do campo, às operárias de fábricas de aeronáutica, às mecânicas e tantas outras especialidades.

Muita dona de casa tem agradecido ao Bureau pelos seus boletins informando "Como fazer que seu refrigerador dure mais", e semelhantes bro-

churas sobre o cuidado que se deve dispensar à máquina de lavar roupa, ao ferro de engomar, ao fogão, aos artigos de borracha, aos artigos de lã, etc.

Os conselhos dados são simples, ao alcance de todos. No caso dos artigos de lã é só "conservar bem limpo, arejar, concertar a tempo, evitar mudanças bruscas de temperatura, proteger contra insetos." Para melhor aproveitamento do ferro de engomar, "não se deve aquecê-lo de mais, porque desperdiça corrente elétrica, é perigoso e prejudicial ao elemento térmico; nunca se deve desligar qualquer aparelho elétrico puxando pelo fio." Quanto a artigos de borracha, "todo cuidado é pouco contra os inimigos da borracha: o calor, a luz solar, o óleo e a graxa; guardar o artigo sempre que não estiver em uso; não se deve dobrar qualquer peça de borracha; mas se for indispensável dobrá-lo, pulverize-se com talco as superfícies que se tocam."

Os que visitam os laboratórios do Bureau ficam surpreendidos pelo local onde estão as cozinhas destinadas às provas de eficiência culinária. Várias especialistas preparam uma refeição para uma família de quatro ou oito pessoas, anotando cada passo da operação, fazendo o mesmo quanto à lavagem da louça. As partes móveis da cozinha facilitam a experimentação de variar a sua disposição, para economia de espaço, em todos os sentidos. Estas provas são aplicáveis na construção de habitações baratas.

Conquanto o Bureau tenha 18 funcionários ho-

mens, alguns dos quais são cientistas bastante conhecidos, todas as cinco divisões da repartição são dirigidas por mulheres: a de Economia Doméstica; a de Alimento e Nutrição; a de Textéis e Vestuário; a de Habitações e Equipamento Doméstico e a de Informações. E se é verdade que os serviços do Bureau contribuem para a boa saúde e satisfação da família inteira, o fato é que se trata de um serviço prestado por mulheres para mulheres.

Por estar a boa nutrição definitivamente ligada à boa saúde, somente neste sector os trabalhos do Bureau avultam cada vez mais, orientando o cidadão em geral, como consumidor, e a própria indústria de produtos alimentícios, uma das mais importantes e em constantes pesquisas para melhor servir o seu vultoso mercado.

E se a alimentação alcança assim um lugar preponderante no pensamento de governantes e governados, notável está sendo também o esforço para a solução de inúmeros problemas concernentes às modernas habitações, fato que, por seu turno, atrai a atenção para tantos outros assuntos correlatos, como o da economia doméstica, já agora encarada como uma ciência de profundas ramificações. E o Bureau de Nutrição Humana e de Economia Doméstica, cuja criação foi urgida por uma necessidade pública, está aparelhado para orientar a dona de casa no aproveitamento de todos os benefícios oriundos dos progressos da ciência.



No julgamento dos delinquentes de guerra, em Nuremberg. Sentados, na primeira fila: Hermann Goering, Rudolf Hess, Ribbentrop e Wilhelm Kietel

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capos e contra-capos, respectivamente, Paul Guillumette, British Combine, Acme, BAI; páginas do texto: 1, British Combine, 2, Marinha dos E.E.U.U., Acme, 3, 4, 5, 6, Acme, 7, BAI, 8, Acme, 9, BAI, 10, Int., 11, Pix, 12, 13, 14, Acme, 15, Pix, Acme, 16, F. Lewis, 17, F. Lewis, E. Galloway, Screen Traveler, 18, Vandamm, A. Valente, 19, Vandamm, 20, Vandamm, Acme, 21, 22, 23, BAI, 24, 25, British Combine, 26, Acme, 27, PA, Acme, 28, Wide World, 29, Wide World, Acme, 30, 31, 32, Creative Arts. Chave das abreviaturas: Int., Internacional, PA, Press Association, BAI, Bureau de Assuntos Interamericanos.



Chacaltaya, ponto favorito dos esquiadores nas montanhas bolivianas

LIBERTAÇÃO



OS ALIADOS NA FRANÇA



A TAREFA DOS ALIADOS era imensa: a França era uma fortaleza nazista, com 3.140 km. de costa defendidos por uma muralha de betão e aço pesada-

mente artilhada, e guarnecida pelas 29 melhores divisões de Hitler, com 16 outras em reserva. Cidades bem fortificadas guardavam as estradas de Paris.



SOLDADOS AMERICANOS DESEMBARCAM AO AMANHECER NAS PRAIAS DA FRANÇA, AVANÇANDO CAUTELOSAMENTE ENTRE OBSTÁCULOS POSTADOS NO MAR PELOS NAZIS

A FRANÇA LIVRE

PODEROSA INVASÃO ALIADA LIBERTA PARIS EM 80 DIAS

“Eliminado o 7.º Exército Alemão como força militar organizada, a batalha da França está ganha.”—Eisenhower, 26 de Agosto, 1944.—Em 80 dias os Aliados decidiram a sorte da campanha da França, fulminaram o inimigo, e puseram-no em fuga a caminho da Alemanha. Paris sacudiu o jugo. Marselha libertava-se. E os exércitos sob o comando supremo do General Dwight Eisenhower irrompiam para além do Sena, a caminho do leste.

É fácil dizer 80 dias: mas nada pode exprimir os anos de preparo e meses de esforço que alicerçaram a empolgante estratégia dos Aliados. Havia o Grande Plano. Roosevelt, Churchill e Stalin declararam em Teheran: “Chegamos a completo acôrdo quanto ao alcance e horário das operações, as quais vão ser empreendidas pelo leste, o oeste e o sul.”

No oeste, os Aliados decidiram-se à temerária invasão por mar, para romper a Muralha Atlântica que Hitler fortificara e guarnecera com umas 45 divisões (mapa à esq.). A 6 de Junho o raio caiu na Normandia.

Muito antes da invasão o mundo já sabia, e Hitler também, que a Inglaterra era a única base possível de concentração dos homens e das máquinas destinados ao ataque. Impossível esconder 4000 navios e o sem-número de outros barcos que levariam os Aliados ao assalto no dia D.

Dois coisas, porém, ignorava Hitler: 1) a audácia e aptidão do Comando Aliado, cedo demonstrada na fértil imaginação dos seus generais, nos engenhosos métodos de suprimento, no uso consumado da aviação e da

blindagem; 2) a fúria irresistível das tropas aliadas, que se batiam como uma falange solidária, em movimentos impecavelmente combinados.

Oitenta dias bastaram para mostrar o teor da estratégia aliada. O ataque frontal às praias foi matematicamente coordenado com o assalto de tropas aéreas à retaguarda. Um dos aspetos do ataque, ainda mal definido, prova que as leis clássicas do suprimento não governam mais a guerra. A esmagadora tonelagem de materiais desembarcados em praia aberta, para suprir as forças terrestres do Gen. Bernard L. Montgomery, deixou o inimigo siderado. Foi possível dispensar portos para as tarefas dum grande porto.

Uma vez que forças imensas tomaram posição em terra (77 dias após o Dia D, só os americanos eram mais de 1 milhão, a maior força ianque jamais entrada em combate), o Comando Aliado desencadeou o seu “Mês de Movimento” (25 de Julho a 25 de Agosto) que havia de ficar memorável.

Rompido o anel de ferro da Normandia, a estratégia aliada não tardou, no oeste, a bater os nazis em rapidez, poder fulminante e agilidade de manobra. O avanço motorizado do Gen. Patton tipifica a superioridade de cerebração dos Aliados: foi uma série prodigiosa de grandes talhos de foice. Um dos seus avanços coordenou-se com o dos anglo-canadenses, ao norte, para pulverizar os alemães encurralados entre Argentan e Falaise. Outras e mais possantes colunas de Patton galgaram além do Sena, acima e abaixo de Paris, e aplicaram ao inimigo a terrível pressão concêntrica que o forçou a relaxar na capital e facilitou o levantamento popular.



UM DOS SETORES DA TESTA-DE-PRAIA DA NORMANDIA, ONDE OS NAVIOS DE DESEMBARQUE VOMITARAM ENORMES MASSAS DE HOMENS, ARMAS, MUNIÇÕES E VEÍCULOS. LOGO

À DIREITA DO CENTRO PODEM VER-SE DOIS TRANSPORTES DE TANQUES. OS BALÕES DE BARRAGEM PROTEGEM O DESEMBARQUE CONTRA A "PICADA" DOS AVIÕES INIMIGOS

A TESTA-DE-PRAIA

DONDE OS MATERIAIS FLUEM PARA A FRENTE

O primeiro problema era desembarcar. O segundo, aprofundar a penetração, para que as praias pudessem ser usadas no suprimento das enormes quantidades de material necessário para alcançar os objetivos posteriores. Estes objetivos foram tomados em 19 dias, e as linhas sólidas estabelecidas abaixo de Isigny e Bayeux. Cherburgo caía ao vigésimo dia, mas o pôrto estava devastado e entupido de material. Os 70 km. de

praia, arenosa umas vezes, outras rochosa, eram ainda o único cais livre.

Cruzadores e couraçados pairavam ao largo, seus enormes canhões silenciando a artilharia inimiga de grande alcance, que podia ter pulverizado montanhas de suprimentos. Mais perto da costa, centenas de navios transportavam homens e materiais para as lanchas de desembarque, sob um dossel de aviões aliados. Os alemães não ousaram mostrar-se à luz do dia.

Desembarcou tudo o que um exército moderno pode precisar: canhões, tanques, caminhões, munições, víveres, e até um óleoduto em seções para abastecer aeródromos e garages. Hospitais de 40 camas eram desembarcados de uma só vez, sem faltar uma seringa. Tudo era urgente, em quantidades, no lugar e à hora prefixados. O pôrto de Nova York não despacha em um dia tanto material como desembarcou nessa praia em vinte e quatro horas.



OS TRÊS GRANDES LÍDERES ALIADOS, STALINE, ROOSEVELT E CHURCHILL, TRAÇARAM EM TEHRAN, EM DEZEMBRO DE 1943, A ESTRATÉGIA SUPREMA DA PRESENTE CAMPANHA

ESTRATÉGIA DA VITÓRIA

A AÇÃO FULMINANTE DOS EXÉRCITOS ALIADOS EXECUTA AS DECISÕES TOMADAS EM TEHRAN

O Grande Plano nasceu da Conferência de Teheran. Amadurecido em 6 meses de conversas entre os Aliados, todos os seus pormenores se fundiram na estratégia do Comandante Supremo, Gen. Eisenhower. A primeira grande expansão de reservas deu-se 49 dias após o desembarque: os alemães tinham mantido suas linhas depois de os ingleses tomarem Caen (V. mapa, p. 9). O Gen. Bradley desencadeou então, logo abaixo de Saint Lô, o maior ataque aéreo desta guerra. Nada pôde resistir a êsse golpe de 2000 aviões, que era apenas o início do ataque. Pela brecha, Bradley lançou o 3º Exército, sob o comando do Ten.-Gen. George S. Patton, Jr.

Esse exército blindado rolou contra Abranches e Rennes, e depois explodiu em todos os sentidos: a Oeste, para varrer a Bretanha e fechar as bases submarinas de Brest, Lorient, e St. Nazaire; a sul, até o Loire e Nantes; a leste, até Le Mans. Aqui, o Gen. Patton irrompeu velozmente

para norte e leste, em vastas penetrações de tanques e infantaria motorizada. Os alemães ficaram cercados entre Argentan e Falaise, sobre as quais incidiam os ingleses e canadenses de Montgomery. Aqui, o grosso do 7º Exército Alemão ficou à mercê dos Aliados. Só lhe restava retirar, para cair em uma nova e maior armadilha disposta pelo Gen. Patton, cujas colunas haviam atravessado o Sena, paralisando os alemães, sem pontes, na margem esquerda. Outras colunas, entre elas a 2ª Divisão Blindada do Gen. Jacques Leclerc, envolveram Paris, donde ajudaram a expulsar os alemães.

Ao norte do Sena, os alemães vinham trazendo reforços do seu 15º Exército, apenas para os fazerem cair sob os canhões de Montgomery e Patton. A estratégia de Eisenhower vira mais longe: antes que os alemães percebessem claramente o que se estava passando, já os tanques americanos iam rolando para o norte e o leste, a caminho das fronteiras da Alemanha.



O GEN. DWIGHT D. EISENHOWER, Comandante Supremo da Fôrça Expedicionária Aliada em França, dirigiu o assalto que fêz ruir as defesas alemãs.



O TEN.-GEN. GEORGE S. PATTON, JR., chefe do 3º Exército Americano, cujas hábeis manobras envolveram numerosas fôrças do 7º Exército Alemão.



DOIS GENERAIS AMERICANOS, Patton e Bradley (chefe das fôrças terrestres americanas), e o Gen. Montgomery, inglês, conduziram o assalto tríplice.



QUANDO CHERBURGO CAIU, o Gen. de Gaulle, líder dos Franceses Livres, regressou à França, depois duma longa ausência de cinquenta meses no exílio.

PATTON AVANÇA!

A BLINDAGEM LIBERTA O NORTE DA FRANÇA

Quando, 49 dias após o Dia D, o maior exército americano de todos os tempos irrompeu da sua base normanda, foi como fogo-de-vistas: jactos partiram em todos os sentidos. Um varreu direito ao Loire; outro atravessou a Bretanha. No turbilhão das rápidas manobras, o êxito parecia subverter os planos dos Aliados. Mas a continuidade dos sucessos mostrou não ser obra de inspiração apenas. Estava em marcha a campanha de libertação da França.

Nos mapas destas páginas mostramos seis fases das três primeiras e decisivas semanas de Agosto de 1944. A 3 de Agosto definiam-se os 3 tentáculos do primeiro avanço. Qualquer dêles—o do N., o do S. ou o do W.—seria objetivo capital digno dum grande exército. Neste caso, a operação-mor desenrolou-se na direção de Rennes, ao sul. Daqui, a grande "foice" da blindagem de Patton devia virar e avançar sobre Paris, num esforço peremptório para salvar a capital. A 9 de Agosto, as forças inglesas e canadenses começaram a rolar ao sul de Caen, para Falaise. Ao mesmo tempo, um ramo do corpo principal do 3º Exército Americano virava para Argentan.

A 19 de Agosto os esforços conjugados de ingleses e americanos fechavam o "saco" de Argentan, capturando mais de 50.000 prisioneiros. As forças alemãs que tinha conseguido escapar ao nó achavam-se agora frente a nova ameaça: Paris insurgia-se, e o grosso da coluna americana expedia uma força francesa, blindada, em socorro da capital. O 3º Exército variava agora na sua frente os restos das tropas blindadas alemãs, ao encontro das forças aliadas que avançavam da costa. Quando se encontrassem, teriam libertado a França.



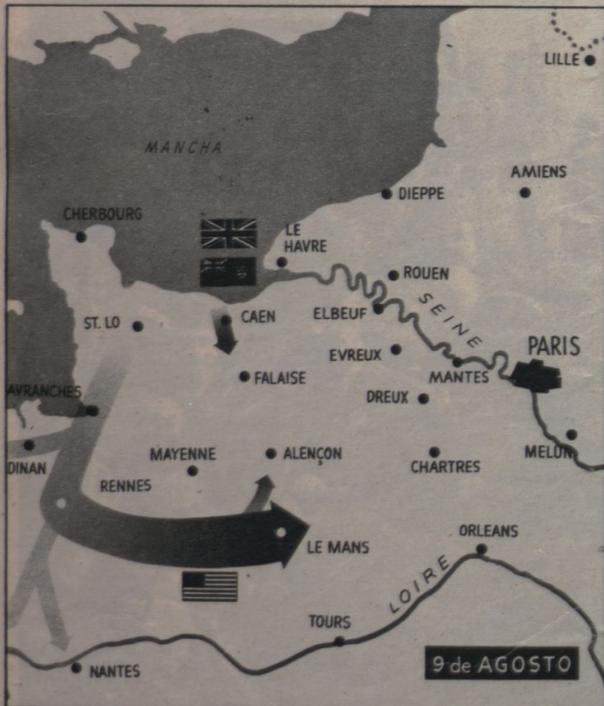
OS DESEMBARQUES iniciais realizaram-se a 6 de Junho e 15 de Agosto. Ao norte, na primeira destas datas, as tropas norte-americanas atacaram Isigny, enquanto os ingleses e canadenses caíam sobre Arromanches e Bernières. Firmemente assentes as testas-de-ponte normandas, Franceses Livres e Aliados abriram ao sul a campanha libertadora da zona Toulon-Marselha e do Ródano.



A RUPTURA de St. Lô precipitou a grande preamar de blindagem que iria libertar o norte da França. A 3 de Agosto o porto de Cherburgo estava disponível para uso dos Aliados. No ínterim, o grosso da coluna ianque tinha avançado veloz até Rennes, e outra coluna rolava através da Bretanha, atingindo Brest em 4 dias. Os anglo-canadenses incidiam agora em grande força sobre Caen.



O SENTIDO da ofensiva principal definiu-se quando a coluna de Patton virou em Rennes para Paris. Mas continuaram os golpes menores, concertados. Colunas americanas, secundárias, derivavam para Nantes e St. Nazaire, a sul e sudoeste. A Bretanha foi cortada numa marcha de 4 dias até ao litoral. A resistência dos alemães, porém, ainda iria demorar os ingleses em Caen.



A PRIMEIRA armadilha dos Aliados tomou forma à chegada das tropas a Le Mans. Com a queda de Caen, os anglo-canadenses projetaram-se em direção a Falaise; outra coluna subsidiária dos americanos arremeteu ao mesmo tempo para Alençon, ao norte. Podendo essas duas colunas unir-se, antes de organizada a retirada do General von Kluge, o Sétimo Exército estaria liquidado.



A SITUAÇÃO dos alemães se agravou a 12 de Agosto, quando a pressão dos Aliados se fez sentir na zona Falaise-Argentan. Von Kluge fazia esforços desesperados, mas a maior parte do seu exército estava pegado na ratoeira. Apesar desse golpe de mestre, o grosso das forças americanas prosseguiu para Paris, expedindo aqui e além um golpe a pontos estratégicos laterais, como Orleans.



O MAIOR DIA da campanha foi 19 de Agosto. Nessa data fechou-se o saco de Falaise-Argentan, e começou a obra de aniquilamento do 7º Exército Alemão. Nesse dia levantou-se o povo de Paris. Socorrida a capital, Patton voltou seu esforço maior para o norte, na intenção de cercar em mais vasta escala o inimigo, agora que os ingleses já marchavam costa adiante, a caminho do Havre.



A 25 DE AGOSTO Paris estava livre, e era segura a libertação da França. Por toda a parte os tropas aliadas avançavam sem oposição. Passada a cidade de Elbeux, uma coluna francesa entrava em Paris. Outros braços se iam unir além de Troyes, e capturavam Melun. Ao norte, o avanço inglês continuou, num segundo arco de pinça, para varrer os hunos do norte da França.



PARAQUEDISTAS, as caras untadas de cacau, recebem instruções finais do Gen. Eisenhower, antes de irem assaltar pontos estratégicos em França.



AVIADORES AMERICANOS, prontos a tomar lugar nos aparelhos para o último bombardeamento preparatório da costa. Em baixo, vemos seus aviões.

APOIO AÉREO

NUVENS DE AVIÕES ABREM CAMINHO À INVASÃO

Nas primeiras oito horas do dia D, 7500 aviões e 31.000 aviadores aliados entraram, com mau tempo, em ação. Foi o ponto culminante da superioridade aérea dos Aliados. A invasão exigia o super-domínio do ar, sem o qual milhares de navios teriam sido fácil presa da aviação nazista. Artigo capital do Grande Plano Aliado, isso custou muitos esforços e dinheiro.

Tratava-se de aniquilar as reservas da *Luftwaffe*, impedindo-a de travar uma batalha contínua. Era uma espada estratégica de dois gumes: destruir os aviões alemães em via de produção, e pôr abaixo aviões e pilotos já em combate. A solução era uma grande força combinada de bombardeiros pesados, americanos durante o dia e ingleses durante a noite.

A 19 de Fevereiro desencadeou-se a fúria máxima da ofensiva aérea de saturação. A primeira força contava 1600 bombardeiros e caças. O objetivo valia bem a perda de 200 dêles. Só se perderam 41, mas outros ataques saíram mais caros. Quatro dias antes do dia D, o Gen. Spaatz, americano, podia computar os resultados estratégicos: a *Luftwaffe* nunca mais se voltaria a erguer para disputar aos Aliados o domínio dos ares!

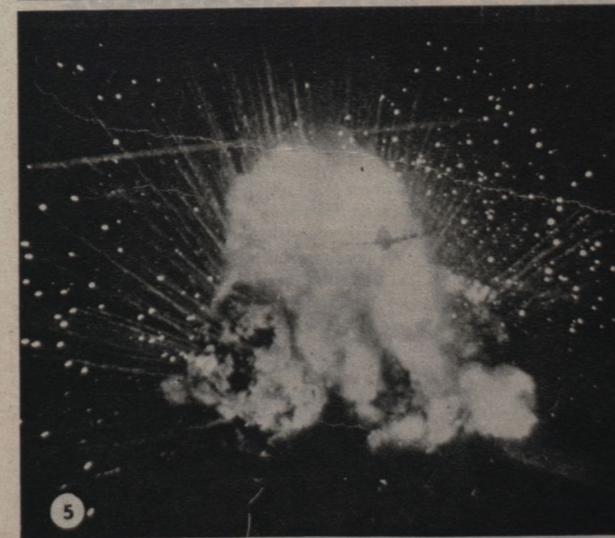
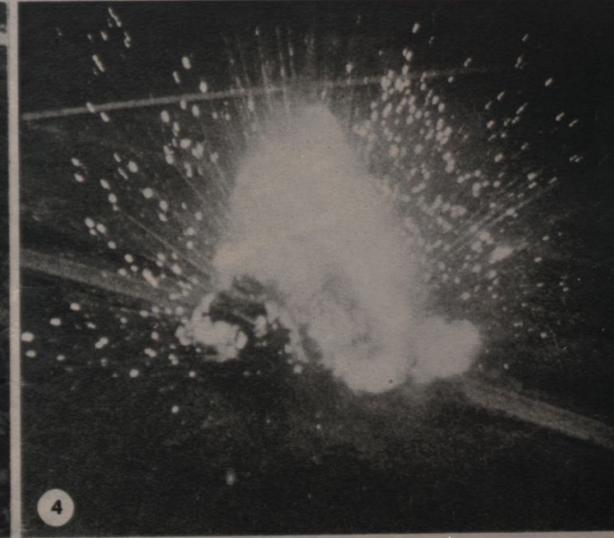
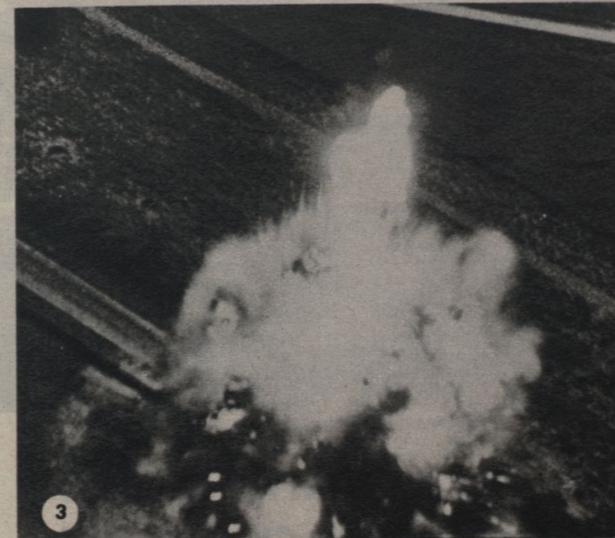
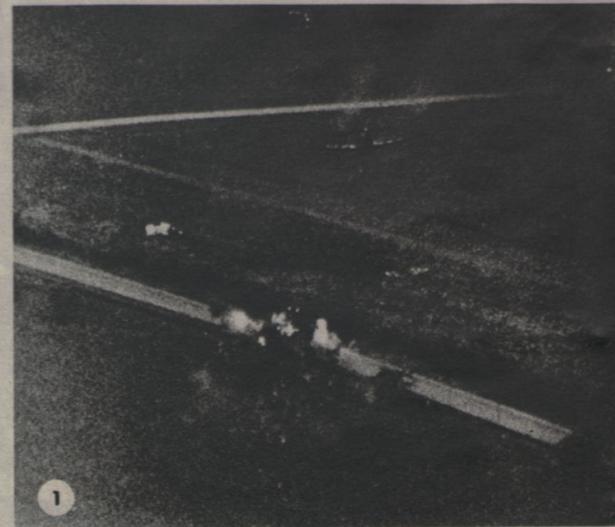
O desenrolar do plano estratégico ia agora mostrar quanto essa superioridade era imperativa: os maiores ataques aéreos da guerra quase não encontraram oposição dos alemães no ar. A partir do dia D, tudo se limitou a destruir as grandes massas do inimigo colhidas em terra. 2200 aviões abriram caminho ao avanço do General Montgomery no setor de Caen. Dois mil aviões, atacando a pequena altitude, desalojaram os nazis dos campos todos entrecortados de sebes em St. Lô. Em Falaise, o avanço das tropas canadenses foi precedido por um inexorável enxame de mil aviões.

Esses ataques fulminantes possibilitaram os sucessivos envolvimento do Sétimo Exército Alemão pelas forças blindadas aliadas. Cercados, os alemães, que só retiravam de noite, foram forçados a retirar à luz do dia. Um inferno de ferro e fogo choveu sobre eles, à medida que se arrastavam pelas estradas patrulhadas pela nossa aviação. Era a oportunidade que os generais e aviadores aliados tinham esperado! Para ter idéia do que isso foi: em 3 dias, a nossa aviação destruiu 10.000 tanques e outros carros, e tôdas as pontes do Sena foram demolidas à retaguarda dos alemães.



AO AMANHECER, logo antes da invasão, os Martin Marauders sobrevoam a península de Cherburgo, para pulverizar as baterias costeiras alemãs que, se

ficassem intactas, poderiam causar prejuízos tremendos aos Aliados e atrazar o horário dos desembarques. O bombardeamento foi feito com precisão máxima.



A EXPLOSÃO deste caminhão nazi de munições foi fotografada por um caça americano que voava atrás do bombardeiro. Este conseguiu escapar à formi-

dável concussão. Por aqui se vê como a força aérea anglo-americana pôde desorganizar as linhas de reabastecimento do inimigo, abrindo passo ao avanço.



DESEMBOLANDO-SE NAS DUAS MARGENS DO SENA SOB A FULGURAÇÃO DE MIRÍADES DE LÂMPADAS, PARIS SEM MEREÇIA EM TEMPO DE PAZ O NOME DE CIDADE-LUZ

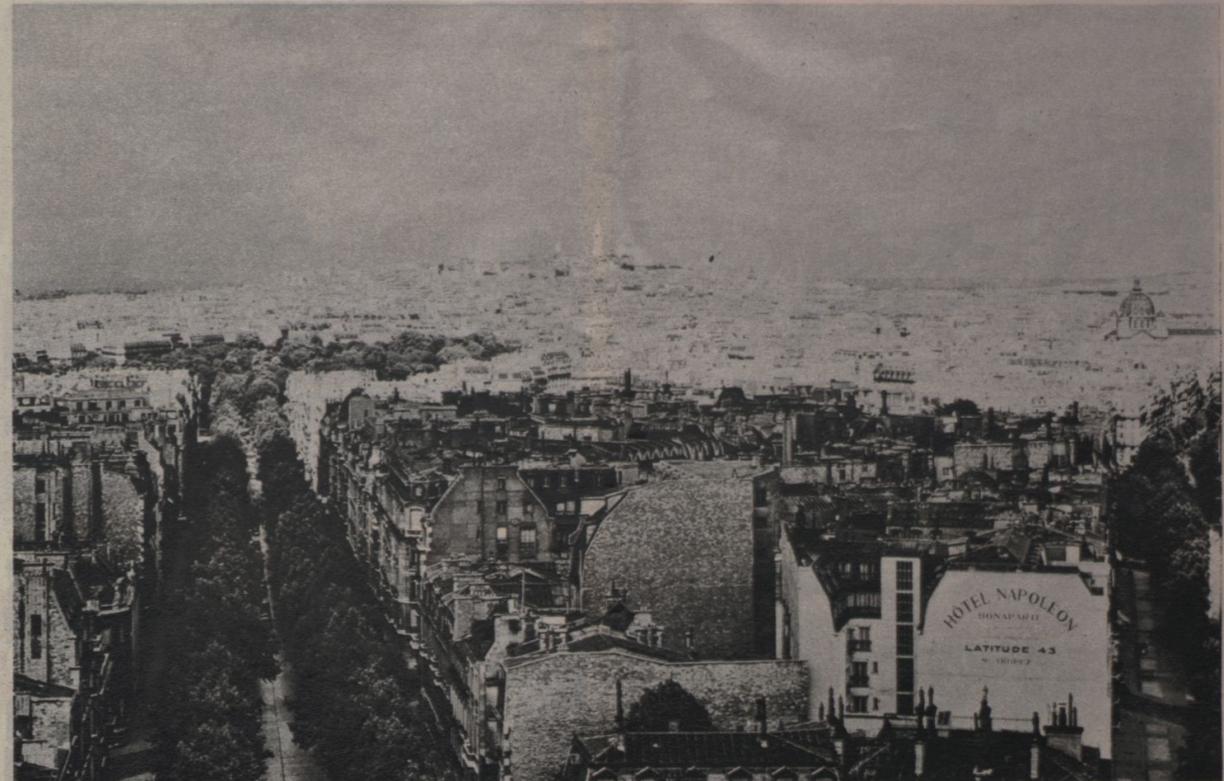
PARIS OS ALIADOS ARRANCAM ÀS TREVAS DO NAZISMO A VELHA CIDADE-LUZ

O grito de libertação de Paris levou aos homens de todas as raças e terras do mundo uma emoção eletrizante. Durante 4 anos e 72 dias enlutada e escurecida, acabou-se para a *Ville Lumière* a noite de terror e de opressão, de perigo e morte, e raiou enfim o dia glorioso da libertação. Livre Paris, o mundo inteiro espera o renascimento de uma das maiores culturas que já lhe foi dado presenciar. O General Pershing, que foi comandante supremo das forças americanas em França, em 1917-1918, afirma: "Quando os alemães tomaram Paris, mais de quatro anos passados, eu não encontrei palavras que exprimissem a minha tristeza. Para mim, Paris era e continua sendo o coração da França. Hoje, Paris está de novo livre, e os filhos dos americanos que se bateram em 1917 e 1918 para preservar a liberdade da capital da França, tiveram por sua vez um papel preeminente na libertação de 1944. Ao cooperar com seus aliados ingleses, canadenses e franceses, estes combatentes americanos de 1944 souberam honrar as tradições militares do Exército dos Estados Unidos. A libertação de Paris foi um passo gigantesco dado a caminho de Berlim."

Para os parisienses de todas as nações—pois nenhum homem podia visitar a cidade bem-amada sem se sentir seu cidadão—o mundo é hoje um lugar onde há mais alegria de viver. Mais uma vez, poderemos encontrar inspiração no calmo ambiente das escolas de Paris, ao escutar as lições dos novos Pasteur, Bergson, Maritain, Branly, Curie. A alegria de Montmartre e da Rive Gauche, a delicada culinária dos restaurantes de Paris, ficarão de novo acessíveis aos turistas e gourmets do mundo.

Nunca, em época alguma da história, foi possível reunir tantos homens e tantas máquinas para esmagar o invasor dum país, que era deles apenas pelo laço comum duma tradição cultural. As tropas dos Estados Unidos, os combatentes do Canadá, da Inglaterra, da Bélgica e da Holanda, não foram à França apenas para defender a Terceira República, ou a Quarta República, mas para defender os ideais que o mundo exauriu primeiro na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão: os direitos da liberdade, da propriedade, da segurança e da resistência à opressão. Declarava esse histórico documento: "A Liberdade consiste no direito de fazer tudo o que não ofenda os direitos do próximo; assim, o exercício dos direitos naturais de cada Homem não tem outros limites além dos que sejam necessários para assegurar aos outros membros da Sociedade o gozo desses mesmos direitos." Estas palavras, onde há um eco da revolução de Washington e Jefferson, haviam de inspirar depois a libertação da América Latina, cujos líderes se formaram nas idéias da Revolução.

As luzes de Paris, de novo acesas, representam uma esperança para os milhões de homens que ainda sofrem sob o jugo da tirania; das suas próprias entranhas, Paris tirou forças para sublevar-se e expulsar o brutal invasor, ao mesmo tempo que os seus aliados convergindo do exterior repeliaram a fera nazi para o seu covil. O que o bravo Marquês de Lafayette disse outrora da Revolução Francesa, pode hoje repetir-se a propósito da libertação de Paris: "Oxalá este grande monumento erguido à liberdade possa servir de lição aos opressores, e de exemplo aos oprimidos."



A BASÍLICA DO SACRÉ COEUR coroa a colina de Montmartre. Sua construção, iniciada após a guerra de 70, veio a completar-se no começo da Primeira Guerra Mundial. O templo foi consagrado em 1919. Em volta do Sacré Coeur encontram-se dúzias dos mais famosos cabarês noturnos da Cidade-Luz.



O JARDIM DAS TULHERIAS era povoado da mais diversa coleção de mármore nús e de grandes vasos ornamentais. Ao fundo do jardim estende-se o Louvre, que é a mais vasta galeria de arte do mundo inteiro. O Jardim das Tulherias foi sempre um paraíso para os amadores de arte, poetas e crianças.



OS "CEBOS" dos cais do Sena vendem livros e quadros desde 20 e 40 centavos, respectivamente. Muitos estrangeiros têm deixado ficar ali a sua pele.



A ESTAÇÃO DO QUAI D'ORSAY, uma das oito de Paris, copiou o nome e a aparência do Ministério das Relações Exteriores. Servia o sul da França.



O "MERCADO DAS PULGAS" é a Feira da Ladrã de Paris: bôlsa do bricabraque e roupa velha. Objetos de valor há muito perdidos reapareciam ali.



AOS FLORISTAS ELEGANTES, o parisiense preferia o mercado de flores ao ar livre. Este ficava na Cité, a ilha do Sena que foi o berço de Paris.



A CABEÇA DE CAVALO à janela do açougueiro anunciava a carne que ali se vendia. Sob a ocupação nazi, carne de cavalo era luxo: CR.200 o quilo!



AS RUAS DE PARIS, nos dias negros da ocupação, ficaram quase desertas, exceto de caminhões nazis e outros automóveis militares em serviço oficial.



OS CAFÉS DA PLACE DU TERTRE, a dois passos do Sacré Coeur, em Montmartre, eram, antes da ocupação nazi, um animado centro de concorrência.



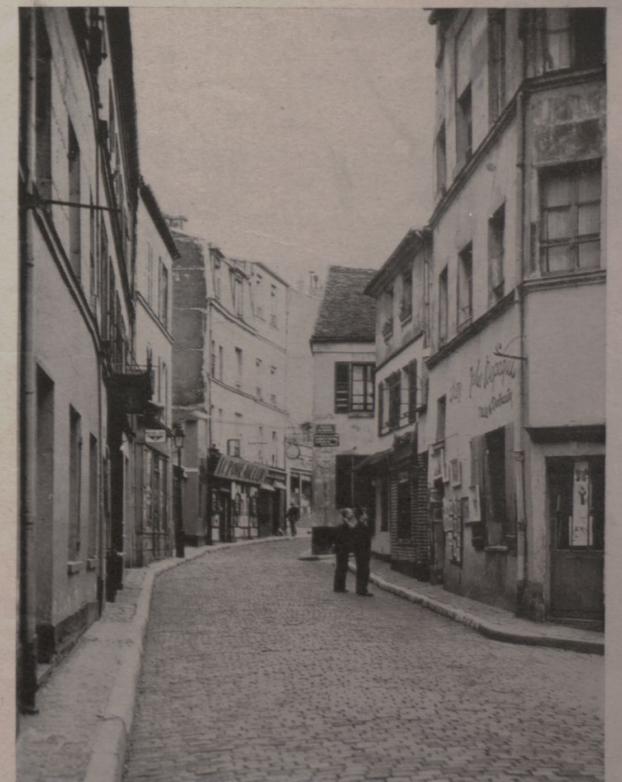
O LANCHE DO OPERÁRIO, nos bons tempos da paz, constava de salame, pão, carne guisada e queijo, tudo regado por uma boa garrafa de vinho tinto.



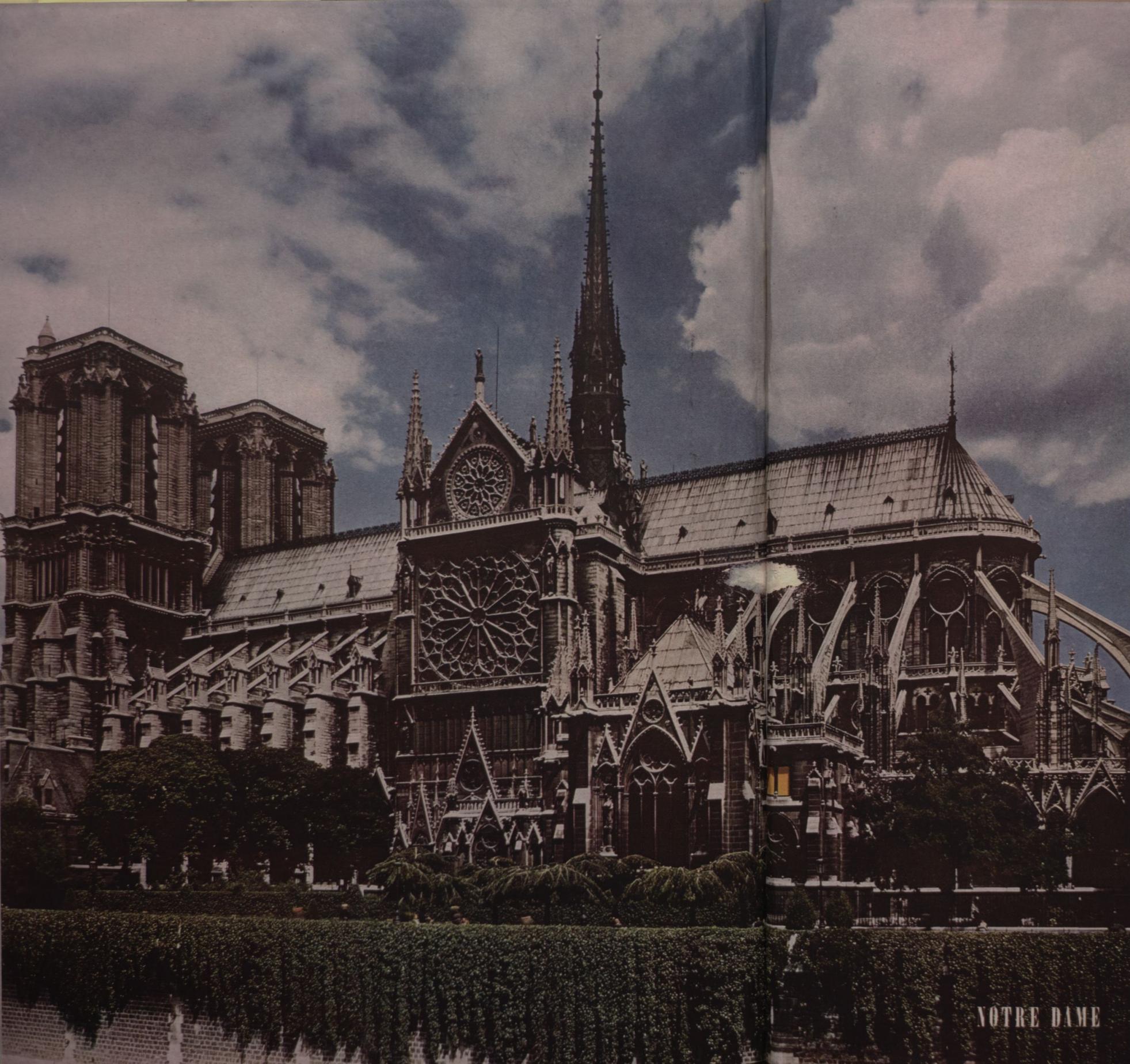
O 14 DE JULHO, Dia da Bastilha, era antigamente celebrado nas ruas de Paris com bailes populares, discursos e cortejos. Voltará a ser dia festivo.



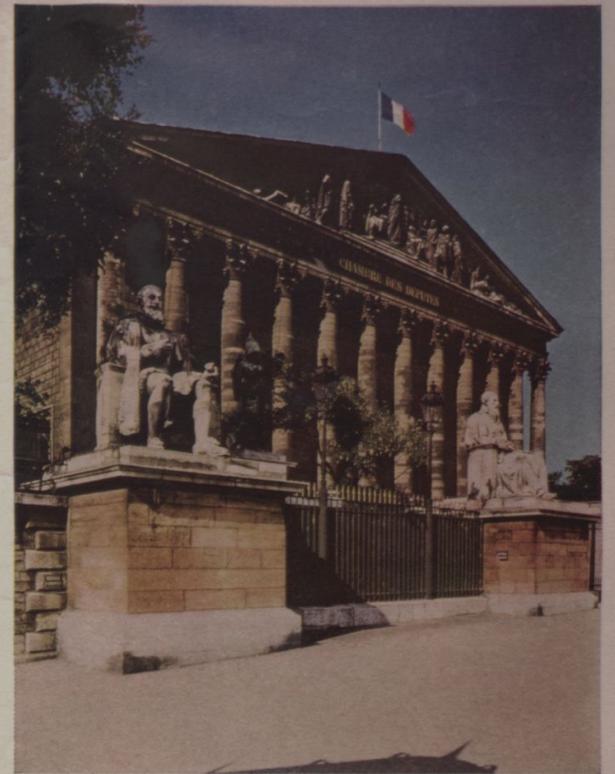
O SENA descreve um arco de 13 quilômetros através de Paris, fazendo da cidade, a 160 km. da costa, o primeiro pórtio da França. Vê-se ao alto a Cité.



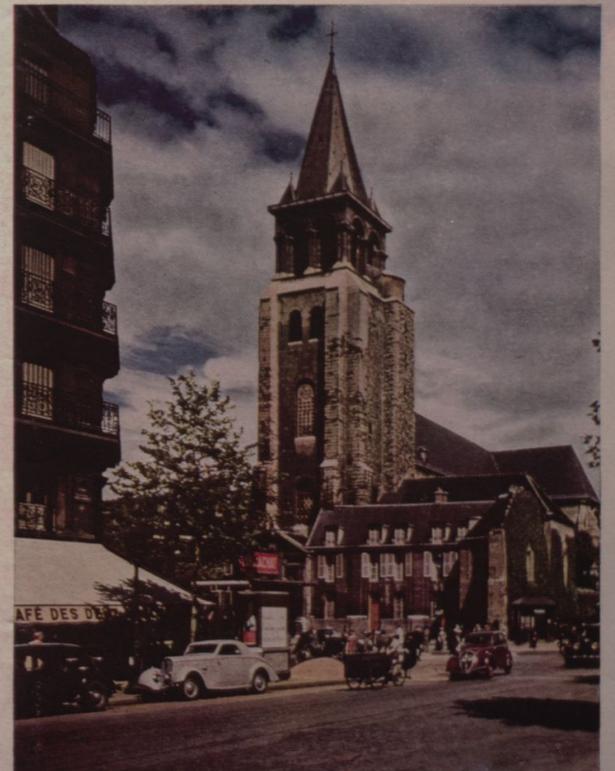
ESTA RUELA empedrada coleia por Montmartre acima. Paris oferece-nos o contraste das suas vastas avenidas com os recantos destas ruas angulosas.



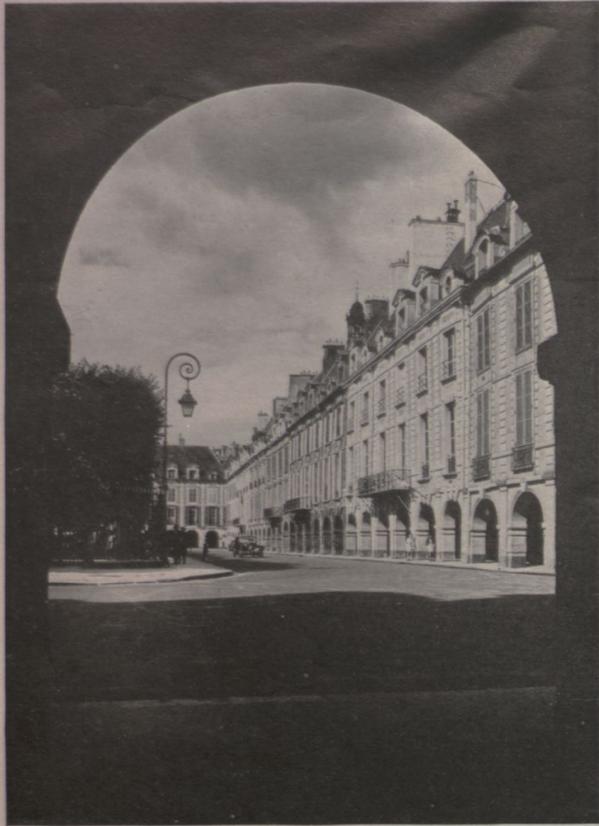
NOTRE DAME



A CÂMARA DOS DEPUTADOS formava, com o Senado, o Congresso Nacional da França. Os nazis hastearam a suástica em todos os edifícios públicos.



ST. GERMAIN DES PRÉS, na margem esquerda do Sena, é uma das igrejas mais velhas de Paris. À esq., Notre Dame, soberbo exemplar do gótico francês.



NA PRAÇA DOS VOSGOS residiram antigos reis da França. Este gracioso exemplar neo-clássico do século XVII contrasta com o Paris do século XIX.

A PRAÇA DA CONCÓRDIA É DAS MAIORES DO MUNDO. À ESQUERDA DA FONTE, A ANTIGA EMBAIXADA AMERICANA; À DIREITA, O HOTEL CRILLON, COMANDO NAZI



A COLUNA DA PRAÇA VENDÔME foi erigida em honra de Napoleão. Centro do bairro das elegâncias, é conhecido dos americanos pelo Hotel Ritz.



A ÓPERA É O TEATRO mais amplo do mundo, embora apenas tenha lotação para 2167 pessoas. Muitos dos seus artistas visitaram as duas Américas.



A ETOILE, com seu imponente Arco de Triunfo, é o centro donde irradiam as doze grandes avenidas de Paris, na concepção grandiosa de Napoleão Iº



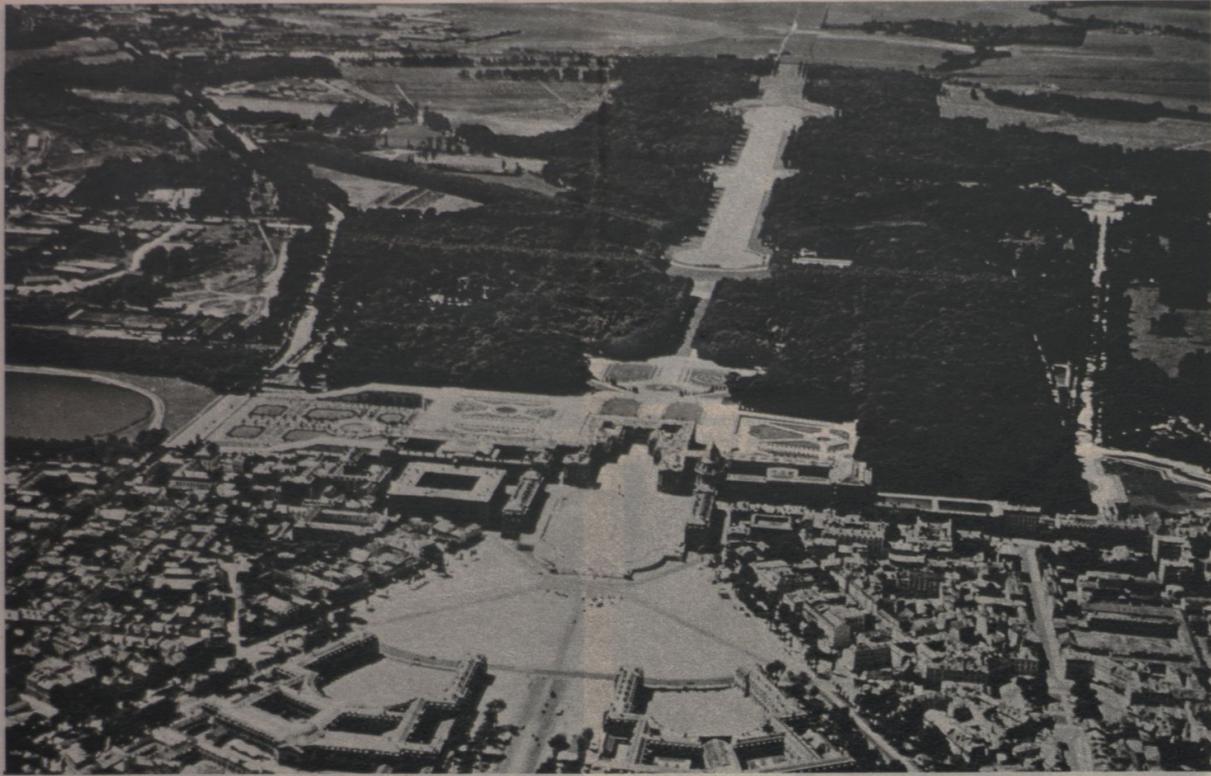
O SOLDADO DESCONHECIDO repousa sob o Arco de Triunfo. Os nazis multaram Paris em 6000 fr., por consumo excessivo de gás na Chama Eterna!

O IMPONENTE ARCO DE TRIUNFO DA ETOILE É O MAIOR DO MUNDO. A CONSTRUÇÃO, INICIADA POR NAPOLEAO EM 1806, SO VEIO A CONCLUIR-SE NO ANO DE 1836



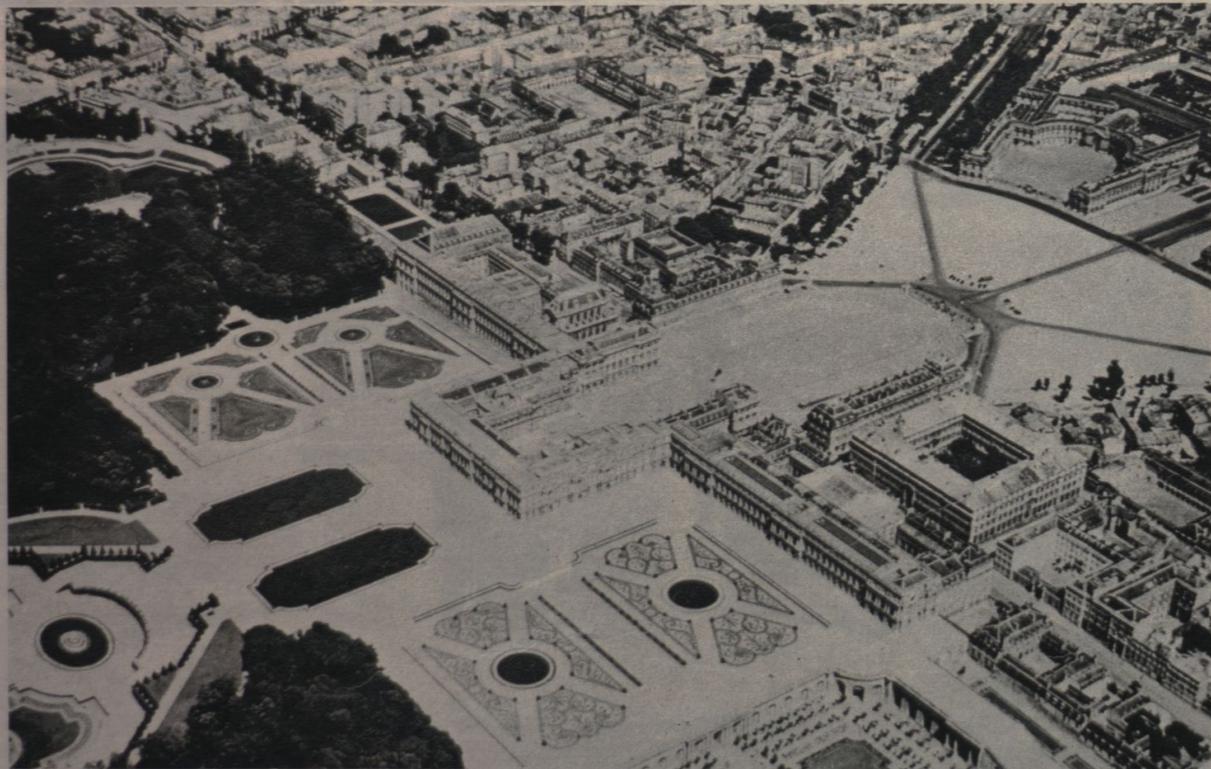
A TÔRRE EIFFEL, símbolo do Paris moderno, era a mais útil rádio-emissora da França. Mede 300 metros, e bateu por muito tempo o recorde de altura.





O PALÁCIO DE VERSALHES, com seus jardins e fontes, coroou os sonhos de grandeza de Luis XIV. Aqui foi assinado o tratado pelo qual a Inglaterra,

em 1783, reconheceu a independência dos E.U.A. O Tratado de Paz de 1919 foi solenemente firmado na Sala dos Espelhos do belo e histórico edifício.



PARA CONSTRUIR o Palácio de Versalhes, que custou dois bilhões de cruzeiros e aloja 6000 pessoas, durante 20 anos trabalharam 56.000 homens e

9000 cavalos. Os meninos da França costumavam ir, pela mão de seus papais, contemplar os magníficos edifícios e jardins como a França não constrói mais.



AO QUARTO DIA da libertação, milhares de soldados norte-americanos desfilarão pelos Campos Elíseos, para logo prosseguirem no seu avanço contra

a Alemanha. O General Bradley e o General Koenig, governador de Paris, depositaram flores no túmulo do Soldado Desconhecido, sob o Arco da Etoile.



ESTA VISTA AÉREA de St. Georges d'Elle dá uma idéia do que é uma frente de batalha nos campos axa-

dreizados por inúmeras sebes. Tirada dum avião de observação dos Aliados, a fotografia está marcada

para mostrar as áreas de combate, e permite situar os detalhes das fotos à direita. (Sinais X, Y, Z). A bar-

OBSTÁCULOS

TROPAS ANGLO-AMERICANAS

AVANÇAM EM TERRENO DIFÍCIL

Nas incarniçadas batalhas iniciais da Libertação, as tropas bateram-se em campos todos cortados de sebes, onde era difícil ver a mais de 150 metros. Cada sebe formava uma trincheira natural, e o seu número parecia não ter fim. A artilharia e a infantaria preparavam palmo a palmo o terreno para o avanço das forças blindadas,

que depois irradiavam em diversos sentidos, cercado os alemães, e assim libertaram quase um terço da França até 25 de Agosto.

As fotos destas páginas pormenorizam perfeitamente um pequeno setor do avanço, de maneira a tornar bem compreensíveis os grandes movimentos estratégicos das forças aliadas.

de artilharia que abre caminho ao avanço das tropas aliadas, e que se vê à vanguarda das linhas,

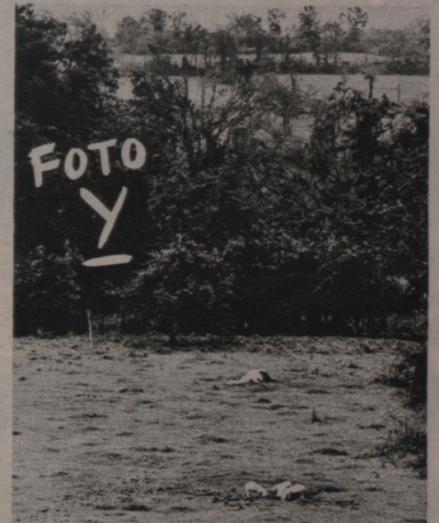
um fotógrafo americano retratou em terra o curioso avanço das vanguardas de ataque à pequena vila normanda de St. Georges d'Elle, e depois tomou um avião para obter a foto panorâmica supra. Indicou nesta a linha do front, e marcou os trechos das fotos à direita para dar a idéia de conjunto do renhido combate. No

provém da unidade que depois irá tomar posição na colina 192. Daqui poderá depois dominar St. Lô.

pequeno setor aqui mostrado, o objetivo era flanquear a colina 192, pôsto de observação nazista, donde a artilharia massacrava os Aliados. Tomada a colina, a vantagem passou para as mãos dos americanos. A artilharia destes pôde então dominar St. Lô, abrindo passagem aos movimentos de avanço envolvente do General Patton.



UMA VISTA tirada da igreja: mostra parte de St. Georges d'Elle (X) pulverizada pelo combate que ali raivou.



AO SUL DA TÔRRE (Y na vista aérea) os porcos fozsam em paz, e uma vaca fertiliza a terra de ninguém.



O CEMITÉRIO (Z) virou campo de batalha pela posse do vilarejo. Um americano tombou morto no entulho.



A OFENSIVA AMERICANA ganha impulso, e começa a envolver o inimigo. As forças blindadas rolam através dos campos revolvidos pela artilharia e a infantaria. Acima, infantaria, destruidores de tanques, e jeeps americanos sul-

cam um campo de trigo, em marcha sempre acelerada. Passada a difícil zona das sebes, a infantaria trepou nos tanques e nos canhões motorizados, para se transportar através da Bretanha e da França central, em direção a Paris. Em

baixo, uma formação de tanques aliados rompe através das brechas feitas nas sebes, pelos "bulldozers". Os tanques puderam assim esquivar-se aos canhões anti-tanques alemães, que esperavam detê-los à sua passagem pelas estradas.



UM TANQUE arde enquanto as tropas americanas atravessam uma pequena vila. A "limpeza" realizou-se com a rapidez que caracterizou toda a campanha.



ENQUANTO OS CAMARADAS vão recolher alguns dos feridos alemães, este americano dá caça a um atirador nazi. Outro soldado procura atiradores ocultos.



DOIS EX-SUPERHOMENS nazis jazem entre destroços, numa estrada da Normandia. A libertação custou bem cara, com pesadas perdas para ambos os lados.



CARROS E TANQUES ALEMÃES destruídos ao longo da estrada de Roncey a St. Legast Denis, onde caíram na emboscada de forças motorizadas americanas.



TROPAS FRANCEAS, equipadas com o que há de melhor e mais moderno em material de guerra americano, desembarcando nas praias da Normandia. A queda da França deixara estes patriotas com pouco mais do que os uniformes

que envergavam; mas hoje, reorganizados em Exército da França, eles regressam ao solo da pátria, munidos de tudo o que lhes faculta a produção da América, e batem-se ao lado de soldados ingleses, canadenses e norte-americanos.



O GENERAL KOENIG recebe, das mãos do Ten.-Gen. R. G. Stone, a medalha D.C.O., pela corajosa defesa de Bir Hacheim contra forças nazistas esmagadoras. Comandante Supremo das F.F.I., foi nomeado Governador Militar de Paris.

A FRANÇA LUTA PELA LIBERDADE

Nem nas horas mais negras da ocupação os franceses perderam a fé. De começo, pouco mais tinham do que esperança. Depois, foram-se organizando lentamente. As forças clandestinas assistiam aos aviadores aliados postos abaixo em França, escondendo-os dos nazis e reconduzindo-os à Inglaterra e à luta. Por toda a França os guerrilheiros do Maquis e outros sabotavam a cada passo os alemães, afrontando a morte certa. Pouco a pouco, os grupos de resistência foram-se fundindo num exército subterrâneo, que vem auxiliando os Aliados na libertação da França. Os restos do Exército Francês refizeram-se fora do país. Com a ajuda da Inglaterra e dos Estados Unidos, e reforçados por muitos fugitivos que chegavam da França, prepararam-se para regressar. Quando souu a hora da invasão, duas nutridas forças francesas participaram na luta. Sob o comando de oficiais franceses, elas vieram da Inglaterra e da África do Norte ao lado dos Aliados. Reforçaram as forças expedicionárias destes nos primeiros desembarques ao norte; desembarcaram ao sul em grande número, dos navios aliados, para redimir Marselha e Toulon. E, com a derrocada do anel defensivo dos alemães, um terceiro exército francês se ergueu: as Forças Francesas do Interior (FFI). Sob o comando do Gen. Joseph Pierre Koenig, herói de Bir Hacheim, no norte de África, atacaram as linhas alemãs de aprovisionamento, libertaram numerosos departamentos no sudoeste, e abriram Paris aos exércitos aliados que avançavam. O Exército do Interior não é mais um grupo de patriotas mal armados e mal organizados: seu comandante é atualmente membro do comando superior da F.E.A., logo sob a direção do General Eisenhower.



SOLDADOS DA FRANÇA LIVRE, estes homens se ergueram para formar o exército voluntário, atualmente conhecido como "Forças Francesas do Interior". Lê-se-lhes nas caras a confiança risonha dos que combatem por uma causa

digna, certos da vitória. Vê-se que não são homens formados na obediência servil. São caras de combatentes que, como o veterano da direita, ao alto, foram um dia forçados a depôr as armas, mas as retomam hoje com renovado fervor.



NUMA MINÚSCULA ALDEIA FRANCESA, estes bravos guerrilheiros do Maquis empunham orgulhosamente as metralhadoras e fuzis de marca americana que, de bordo dos grandes bombardeiros ianques, lhes lançavam em para-

quedas durante a ocupação. Foi graças à precisão e rigor destas armas que eles puderam ferir certos golpes contra os seus opressores, e, dessa maneira, ajudar os grandes exércitos aliados a libertar a doce e querida terra da França.



ESTA INTERMINÁVEL COLUNA de prisioneiros alemães arrasta-se tristemente a caminho do campo de concentração (Vide abaixo). Sua expressão de profunda fadiga caracteriza a maioria dos cativos tomados.

VENCIDO: O TEUTÃO

Muito embora os exércitos nazistas tivessem tido quatro anos para se entrenchear sólidamente na França, os Aliados simplesmente os reduziram a pó com o seu emprego de hábeis manobras táticas e superior aptidão militar. É certo que os Aliados tinham consigo a força, mas foi o gênio dos planos e o uso de táticas brilhantes que pôs em fuga os nazis e reduziu a *Wehrmacht* à derrota vergonhosa. Até libertarem Paris, os Aliados tinham feito 200.000 prisioneiros. Tinham além disso capturado ou destruído 23.000 tanques, canhões pesados, e mais material de guerra.



O GEN. SCHLIEBEN (esquerda), o Alm. Hennecke (direita) e seu captor o Gen. Collins, em Cherburgo.



MILHARES DE SOLDADOS ALEMÃES capturados pela avançada fulminante das divisões aliadas, esperam, enquanto prossegue a marcha sobre Paris, que

cheguem as ordens para serem conduzidos a bordo dos navios que depois os deverão transportar para os imensos campos de concentração na Inglaterra.



NAS FACES DESTES dois ex-membros da *Wehrmacht*, engolfados como tantos outros pelo avanço aliado, observa-se o desânimo dos vencidos. Capturados du-

rante a renhida batalha entre as sebes da Normandia, esperam resignadamente, à beira duma estrada, que os seus captores os conduzam para a retaguarda.



OS CIDADÃOS DE RENNES, CAPITAL DA BRETANHA, REUNEM-SE NA PRACA PRINCIPAL DA TERRA, PARA SAUDAR COM FERVOR A CHEGADA DOS SEUS LIBERTADORES AMERICANOS

O POVO GAULÊS DE NOVO LIVRE

Por tôda a parte o povo francÊs aclamou os seus libertadores, em cenas idênticas às que aqui vemos. Após 4 anos de opressão a França regressa à vida, com a certeza de que a guerra está perto do fim. Atê onde foi grande a destruio e numerosas as baixas entre os civis, os franceses tudo fizeram para ajudar as nossas tropas a liquidar o inimigo desmoralizado. Mas o entusiasmo excedeu tudo na Bretanha, onde o *blitz* aliado sobrepujou todos os *blitz* alemães. Em tôda a França volta hoje a respirar-se o ar da liberdade.



ESTA VELHOTA de Cherburgo celebra o Dia da Bastilha, fazendo continência à tricolor e às bandeiras aliadas. A cidade está já entregue ao governo civil.



EM VALOGNES, esta guria francesa desembrulha com delícia um tablete de chocolate, que um soldado americano lhe deu, à sua passagem para Cherburgo.



ÊBRIOS DE VITÓRIA, êstes franceses agitam bandeiras, e abraçam aquêlo soldado americano que passa.



A-PESAR-DE VELHO, TOMOU ÊSTE CANHÃO AOS ALEMÃES

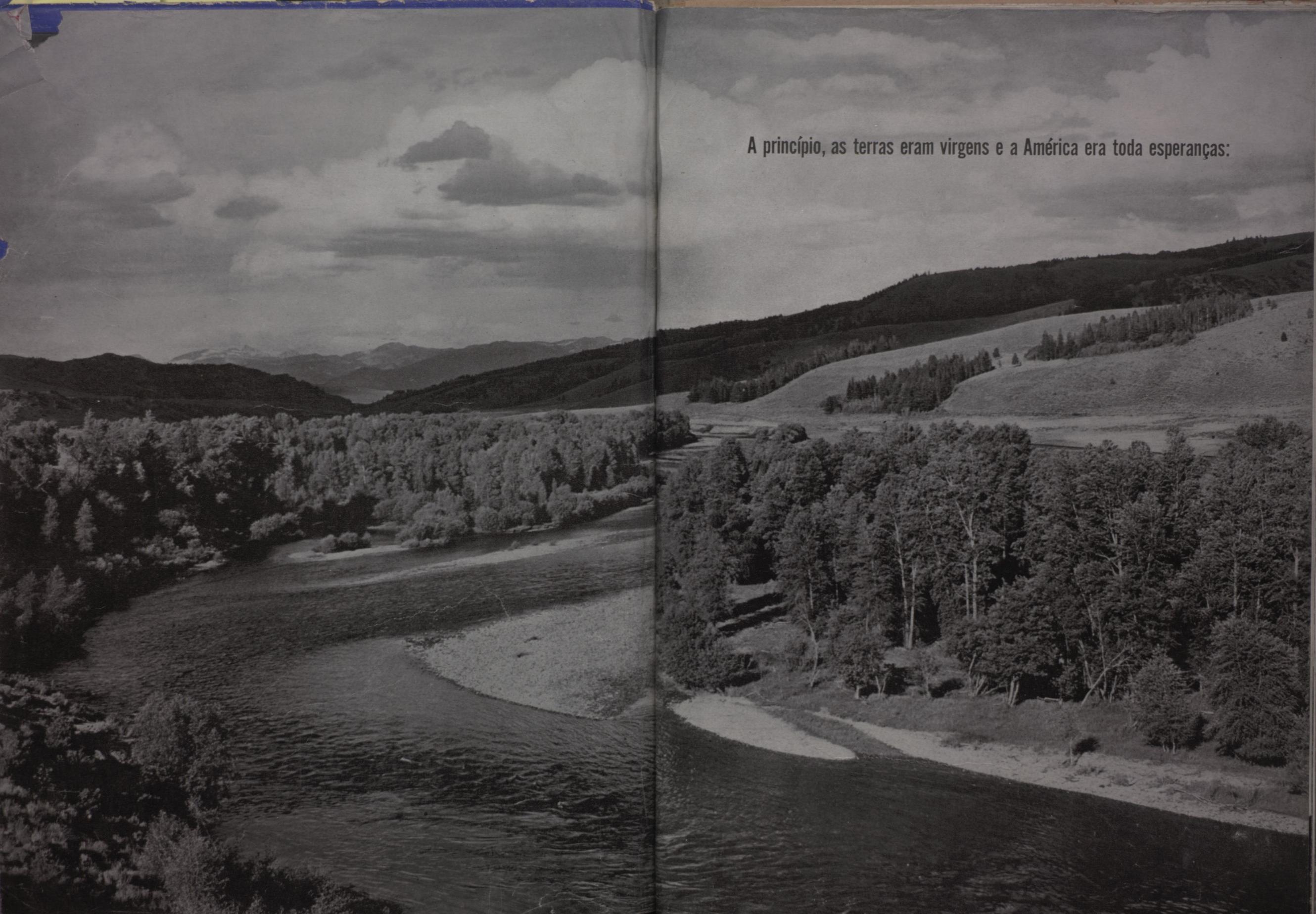


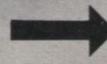
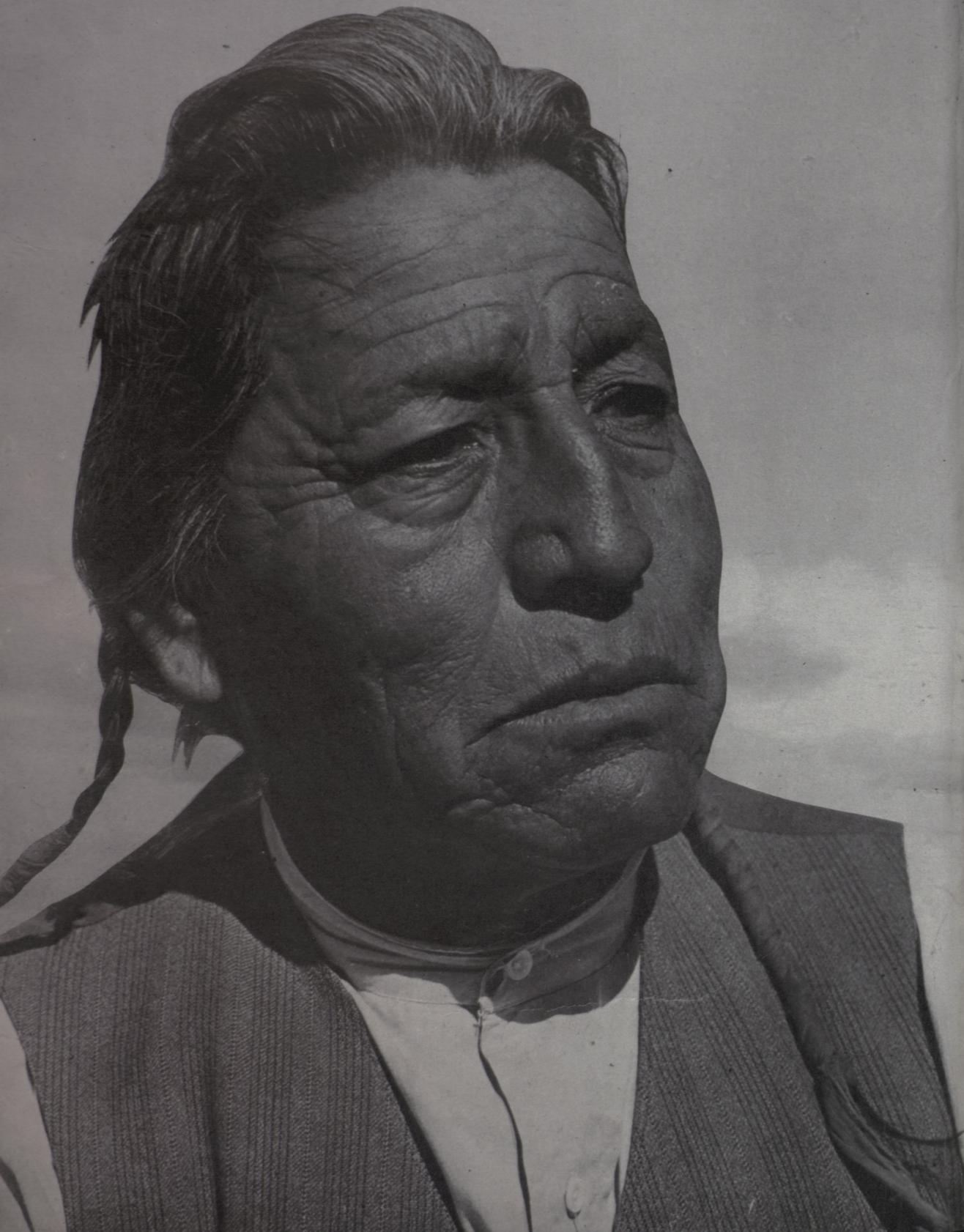
ÊSTE MONUMENTO AO POILU SIMBOLIZA A FRANÇA LIVRE



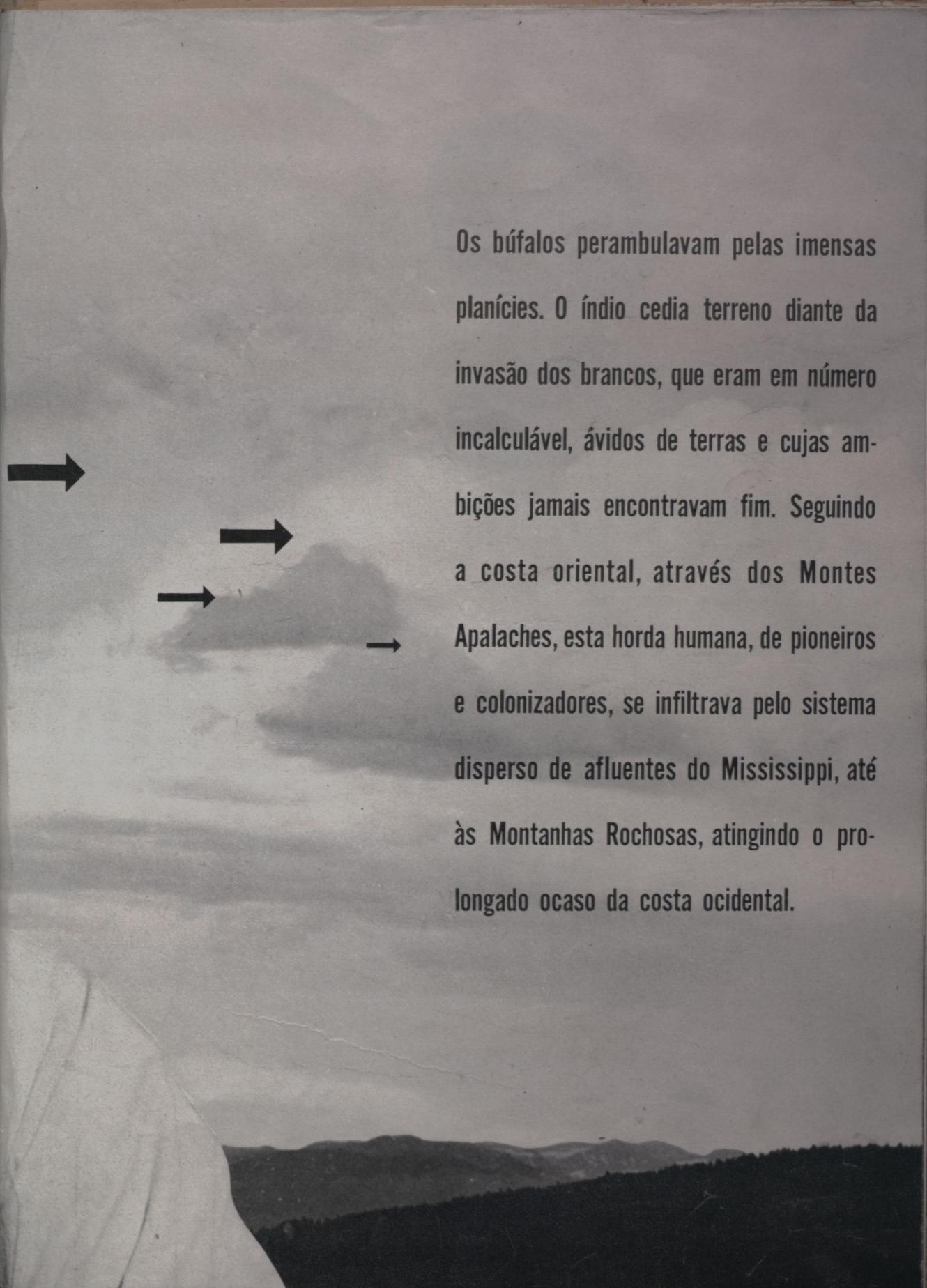
ATÉ A VITÓRIA

A princípio, as terras eram virgens e a América era toda esperanças:





Os búfalos perambulavam pelas imensas planícies. O índio cedia terreno diante da invasão dos brancos, que eram em número incalculável, ávidos de terras e cujas ambições jamais encontravam fim. Seguindo a costa oriental, através dos Montes Apalaches, esta horda humana, de pioneiros e colonizadores, se infiltrava pelo sistema disperso de afluentes do Mississippi, até às Montanhas Rochosas, atingindo o prolongado ocaso da costa ocidental.





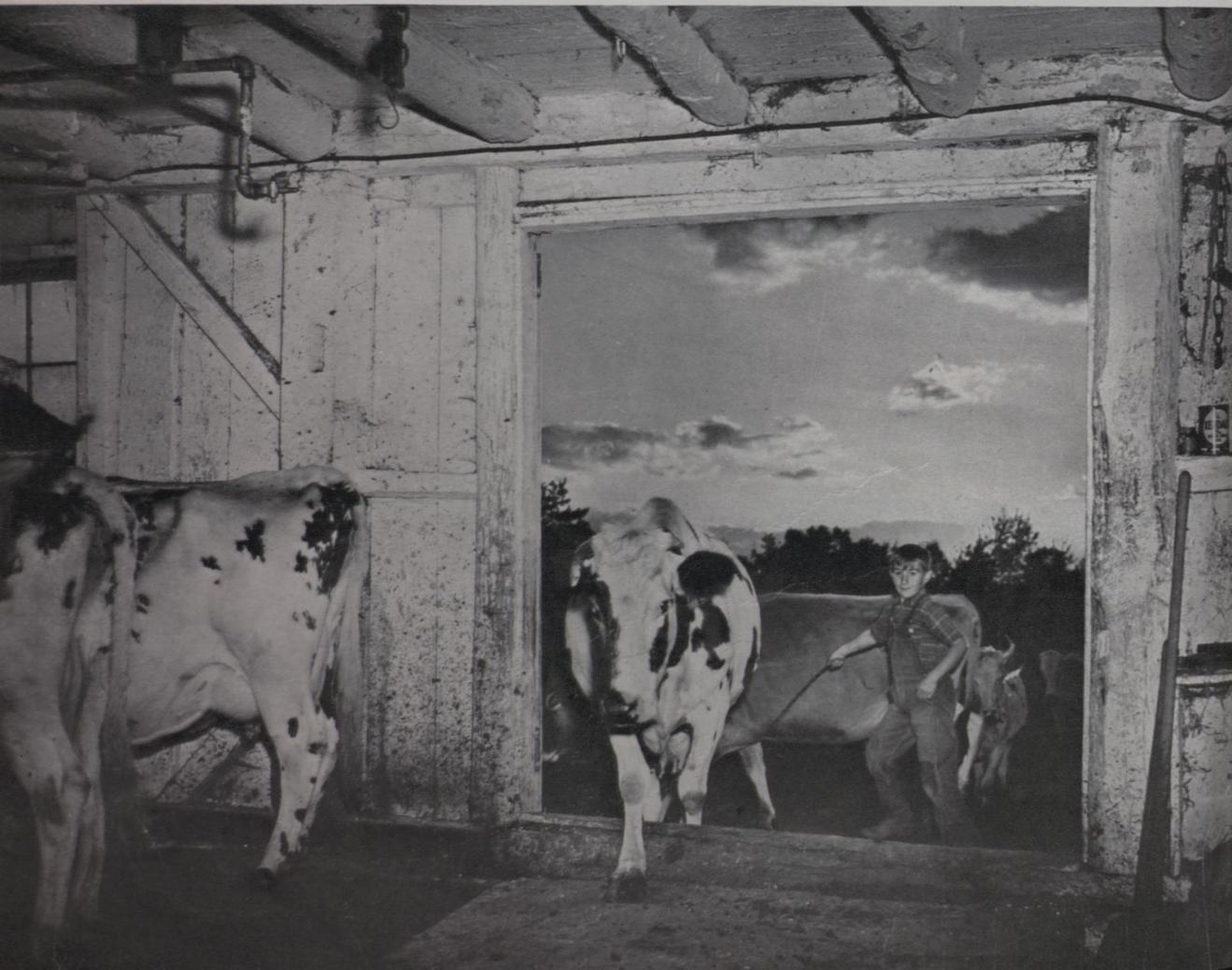
Erguem-se as espigas, até o horizonte e muito além.

Do trigo, faz-se o pão, que sacia a fome—

O pão é o restaurador da vida.

A terra tem vida e é alegre.

Os habitantes são alegres e a pujança da terra neles se manifesta.





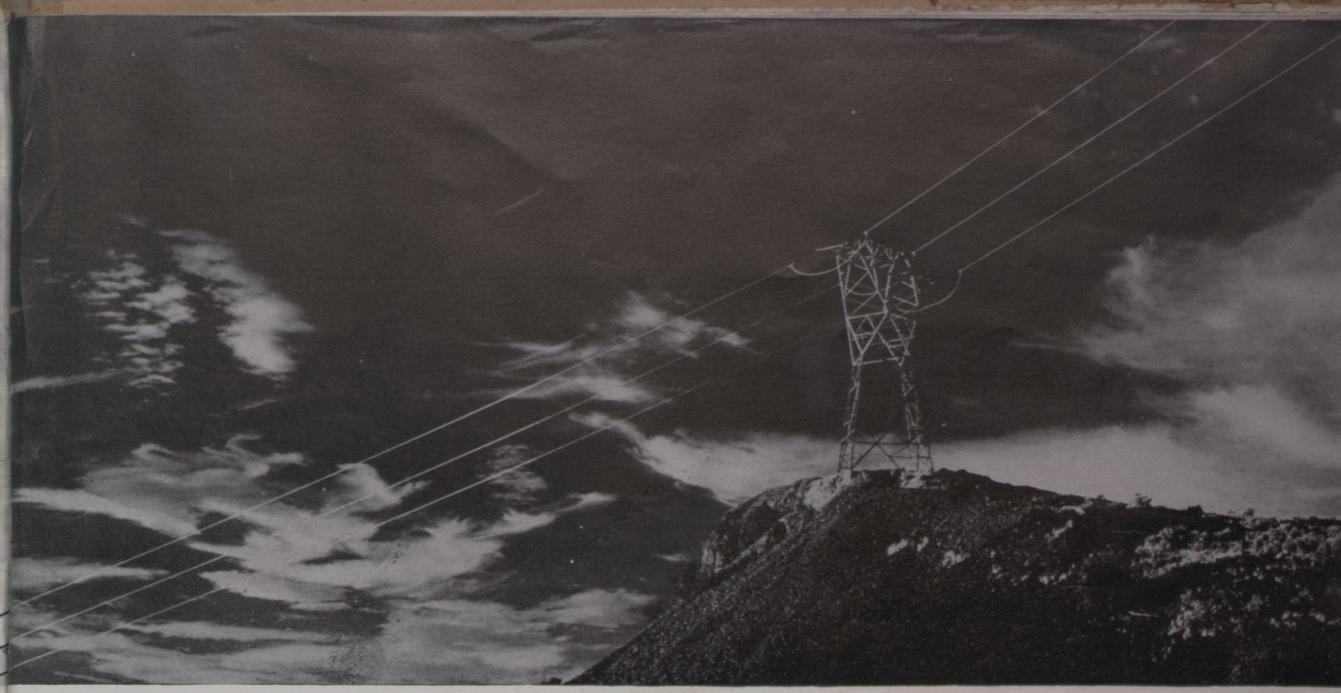
nas cidades, nos lares, nas igrejas, nas
oficinas e nas escolas, onde os livros
divulgam o saber muitos semblantes
felizes confirmam ser a pátria...

“a última e melhor esperança na terra.”

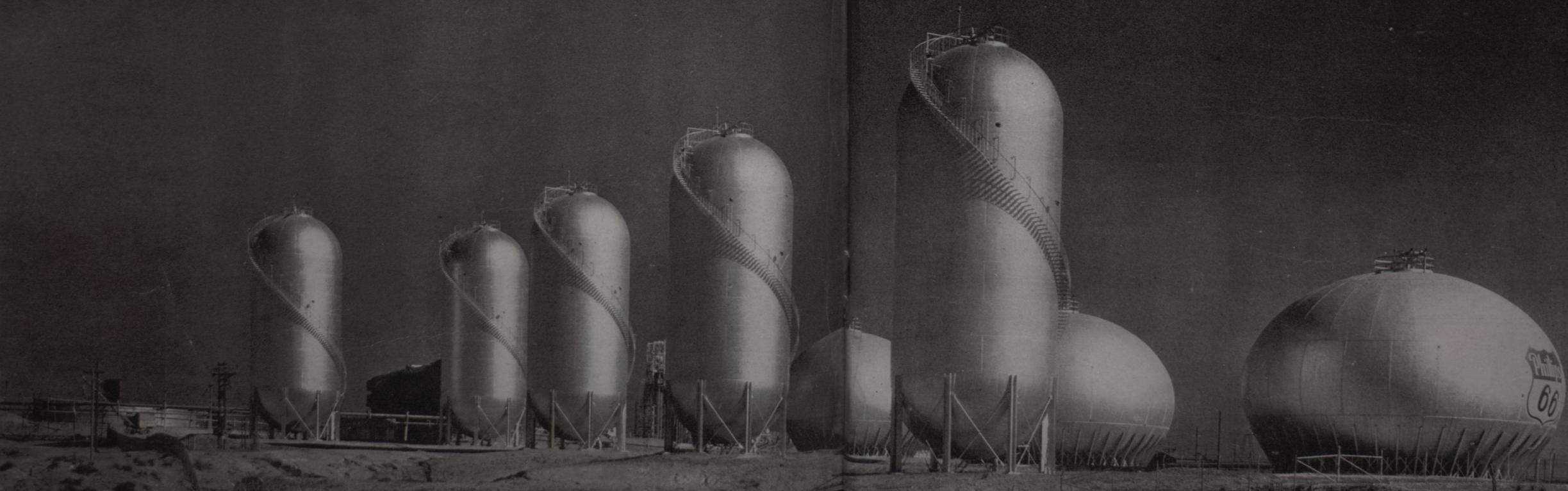


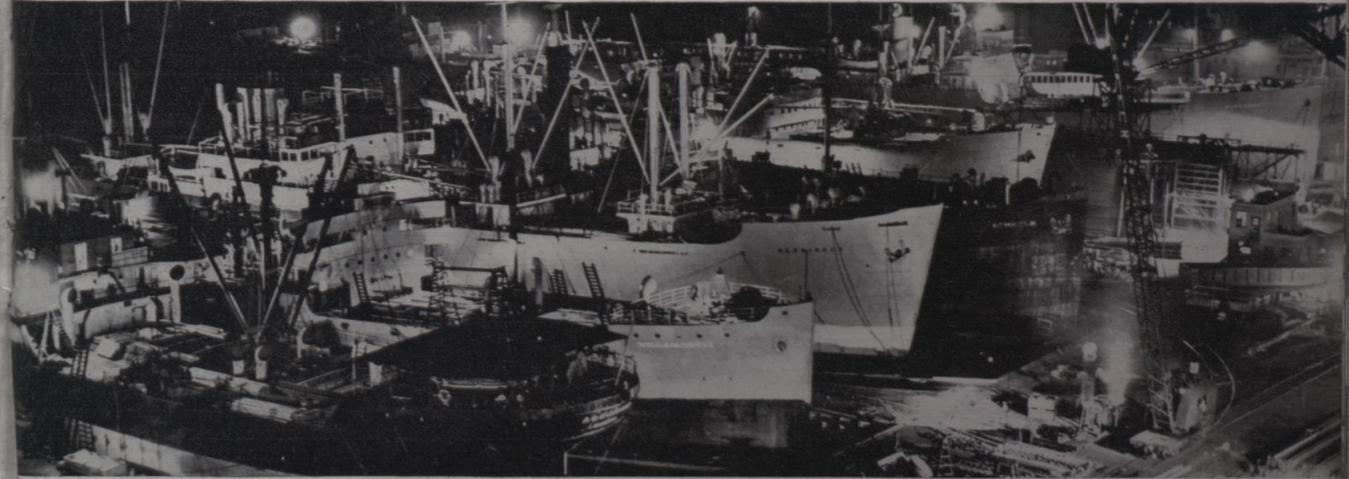
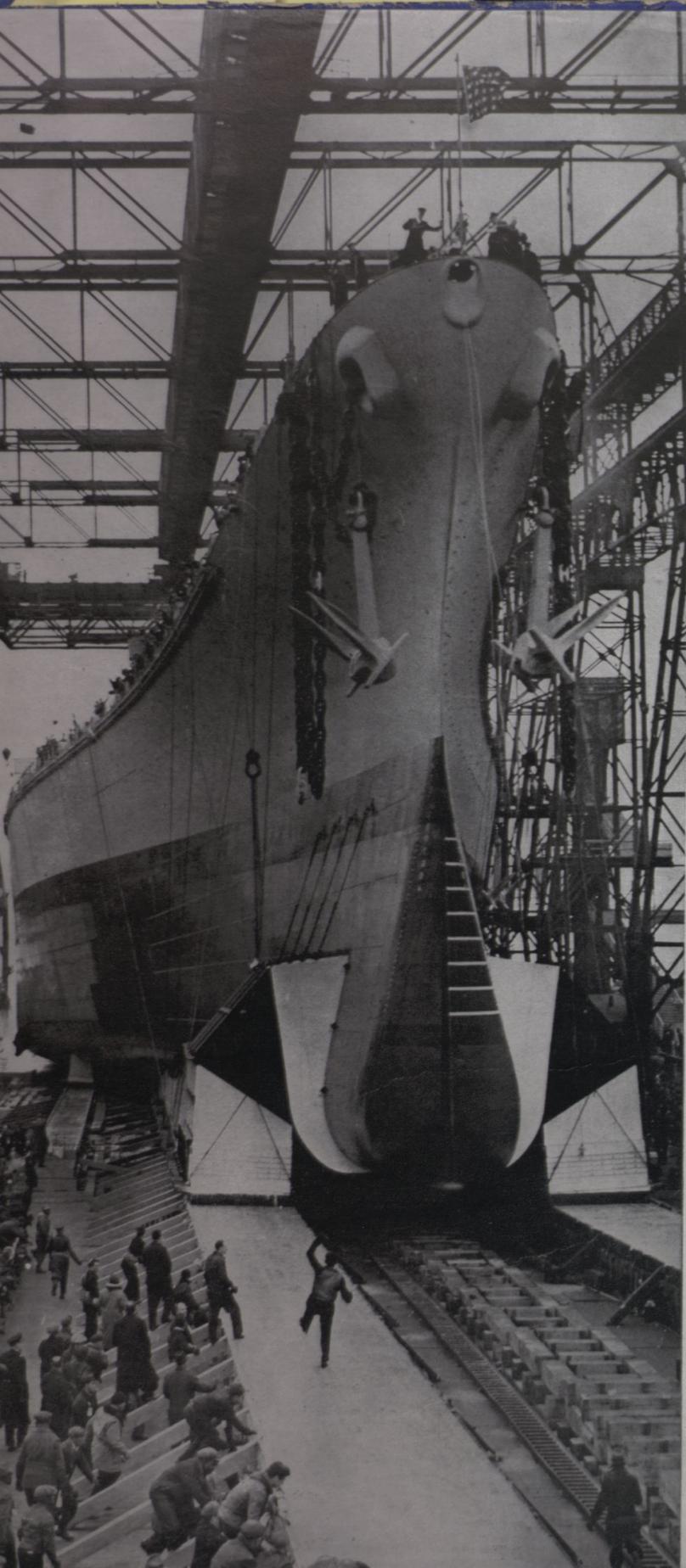


Represas, geradores e transmissores para irrigarem as terras áridas; para dominarem as inundações; para levarem luz e força aos lares e fábricas. Cavalos-vapor, aos milhões, transportando, triturando, excavando, perfurando e içando. Impetuosos cavalos eletro-dinâmicos, controlados e encerrados em concreto, cooperam com o homem. Passando através dos fios aéreos, os quilovátios se submetem à vontade humana, auxiliando a farefa dos trabalhadores diurnos e noturnos.



“Os homens que apoiam o homem atrás do canhão,” extraem o minério das profundezas tenebrosas; fazem brotar o petróleo dos poços; decantam a escória do cobarde; com perfuradores de aço, penetram e trituram o coração das pedras; forjam as barras de aço, para os fuzis e canhões; rebitam, fortemente, as chapas de aço para que resistam às tempestades e torpedos;





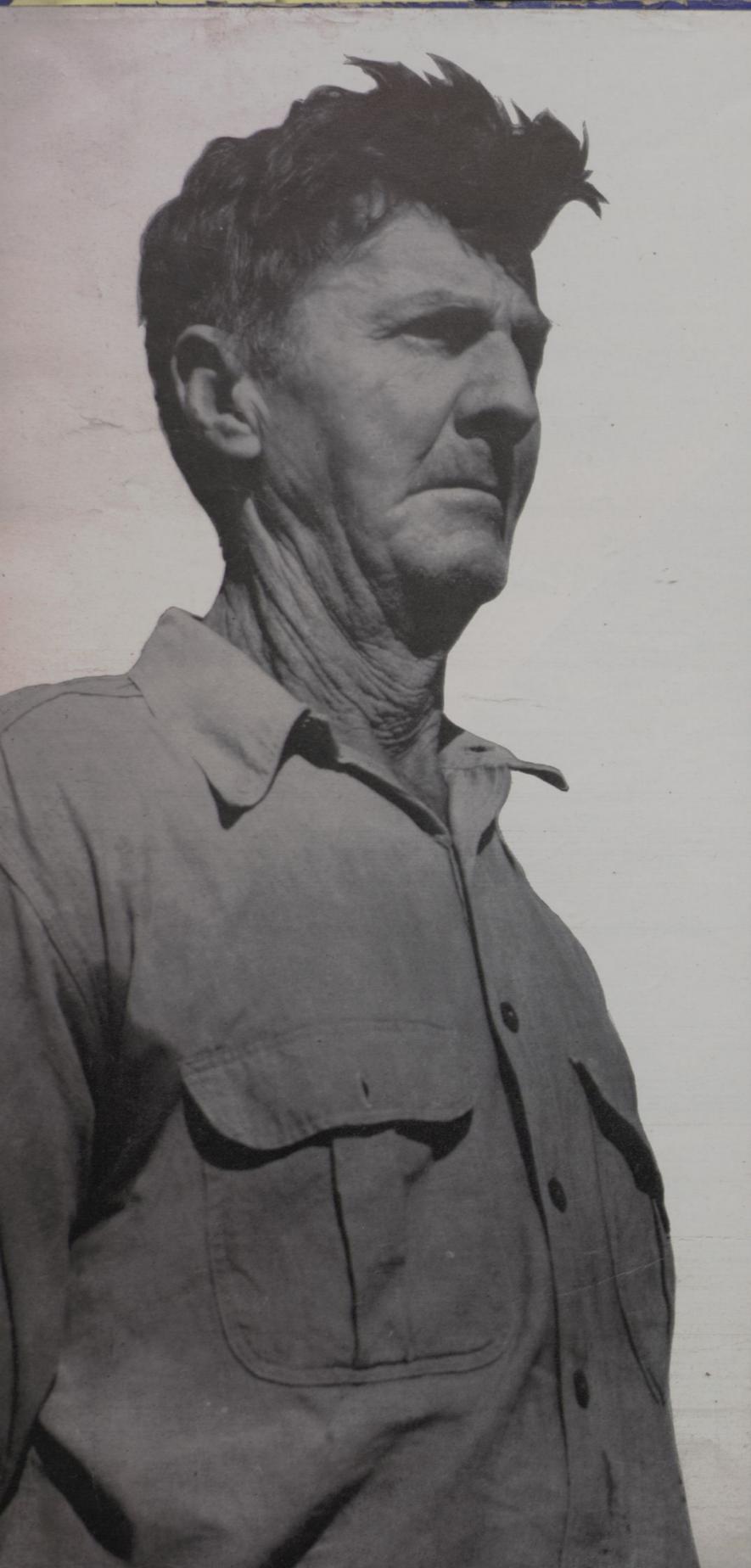
Prestai atenção, êles fazem ressoar, intensamente, as vibrações do aço;



a extensão do trabalho de montagem se reflete nas intermináveis filas de tanques de guerra e

suas impressões digitais são visíveis, nos aviões de bombardeio, que sobrevôam cinco oceanos.

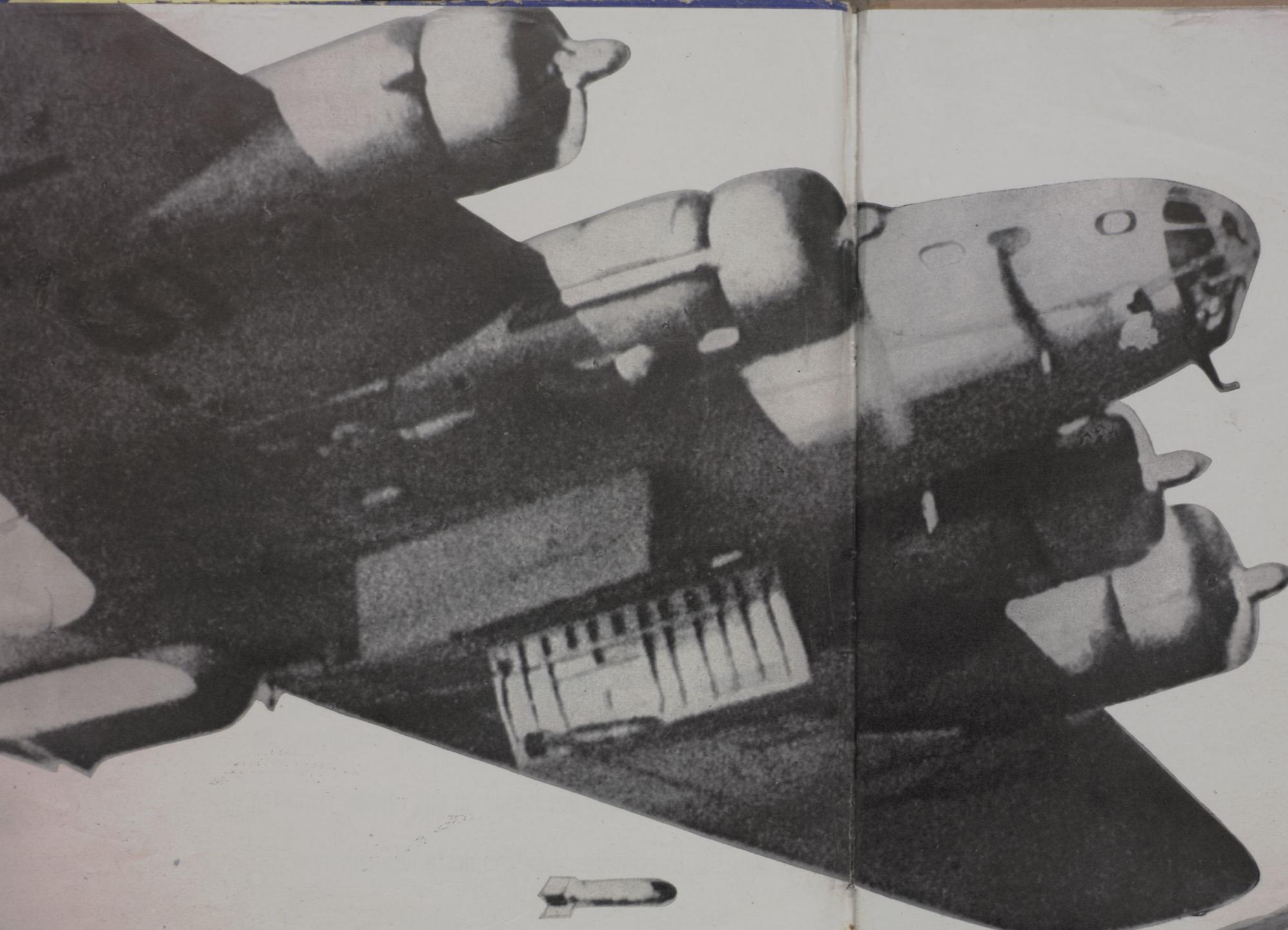




GUERRA—Quizeram-na, ei-la, com a ajuda divina''. Dezembro 7 de 1941''

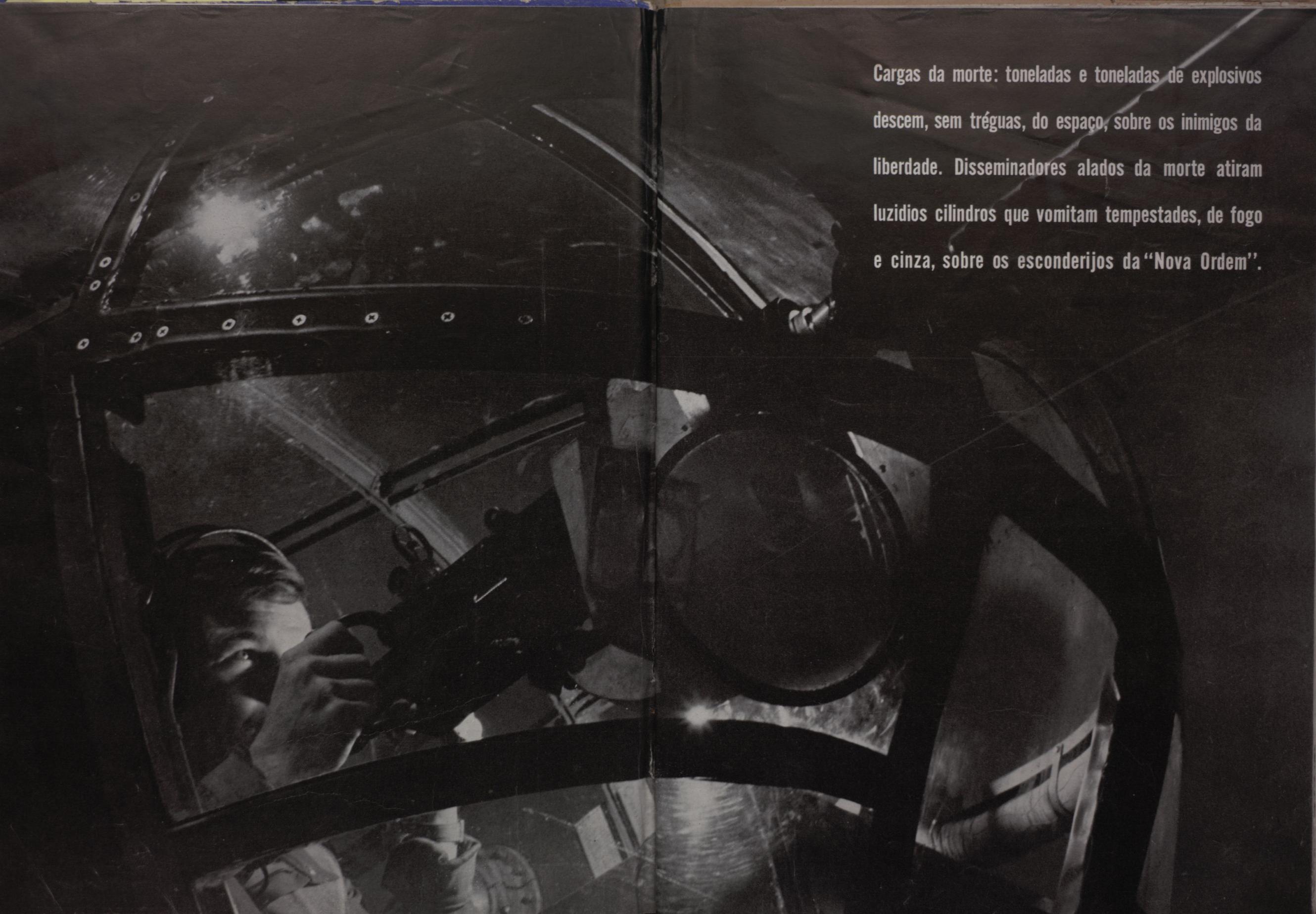


Jovens do interior, das grandes cidades e das aldeias se encontram, neste momento, não manejando o arado, mas nos veículos de guerra do exército. Engenheiros que constroem pontes; paraquedistas no ar; guerrilheiros em terra; tropas nos transportes, em alto mar, enfrentando o nevoeiro e as brumas das praias; soldados que, ousadamente, avançam aos milhões, precedendo outros milhões; seres humanos, vestidos de caqui e nos caminhões, dispostos ao morticínio dos longos ou dos rápidos combates, sim, são os primeiros paladinos desta luta universal.



Pássaros da morte. Deslizam suave mas, terrivelmente, semeando a carnificina e o horror das chamas. "Aí, vão as balas para as tuas entranhas".

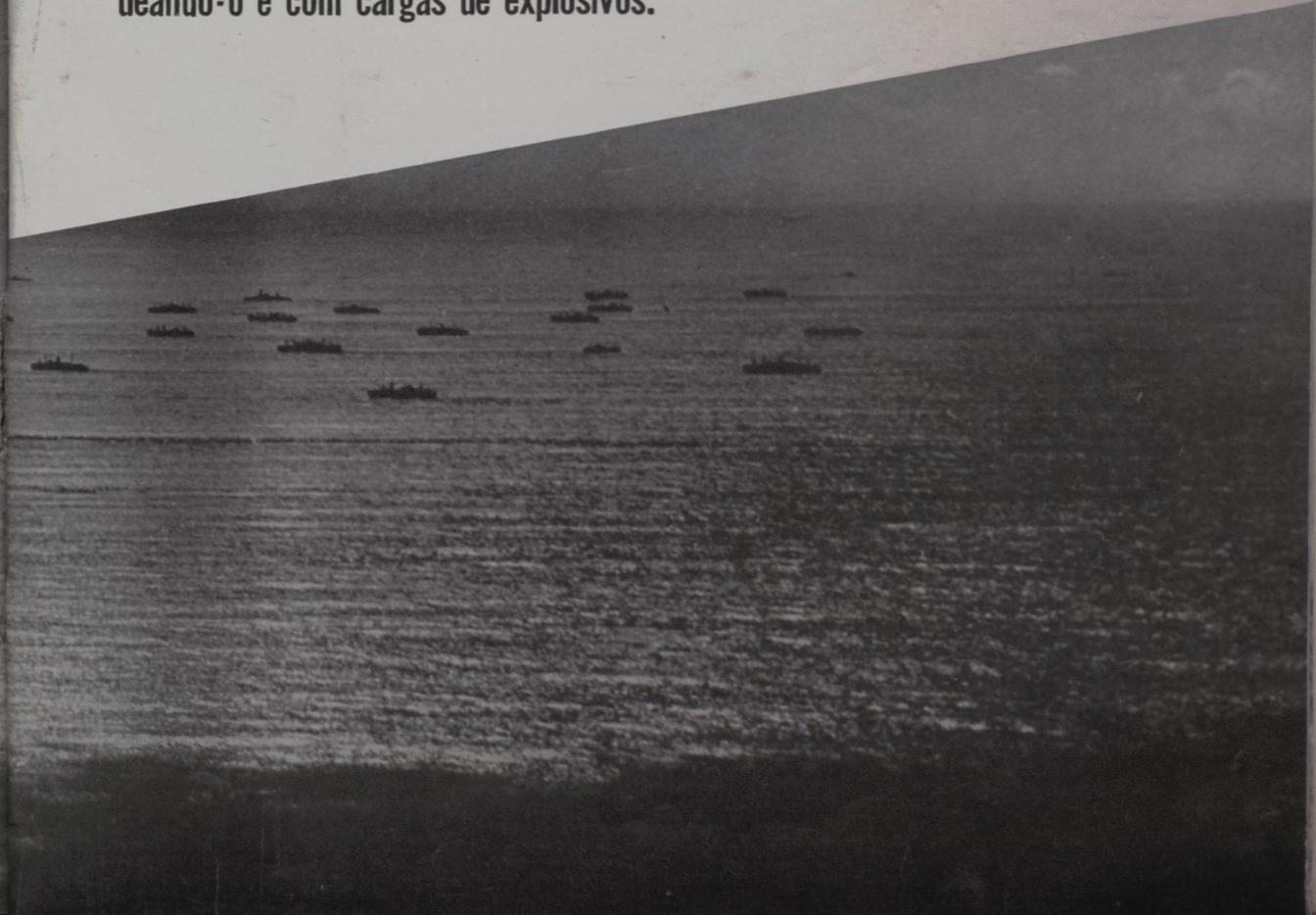




Cargas da morte: toneladas e toneladas de explosivos descem, sem tréguas, do espaço, sobre os inimigos da liberdade. Disseminadores alados da morte atiram luzidios cilindros que vomitam tempestades, de fogo e cinza, sobre os esconderijos da "Nova Ordem".



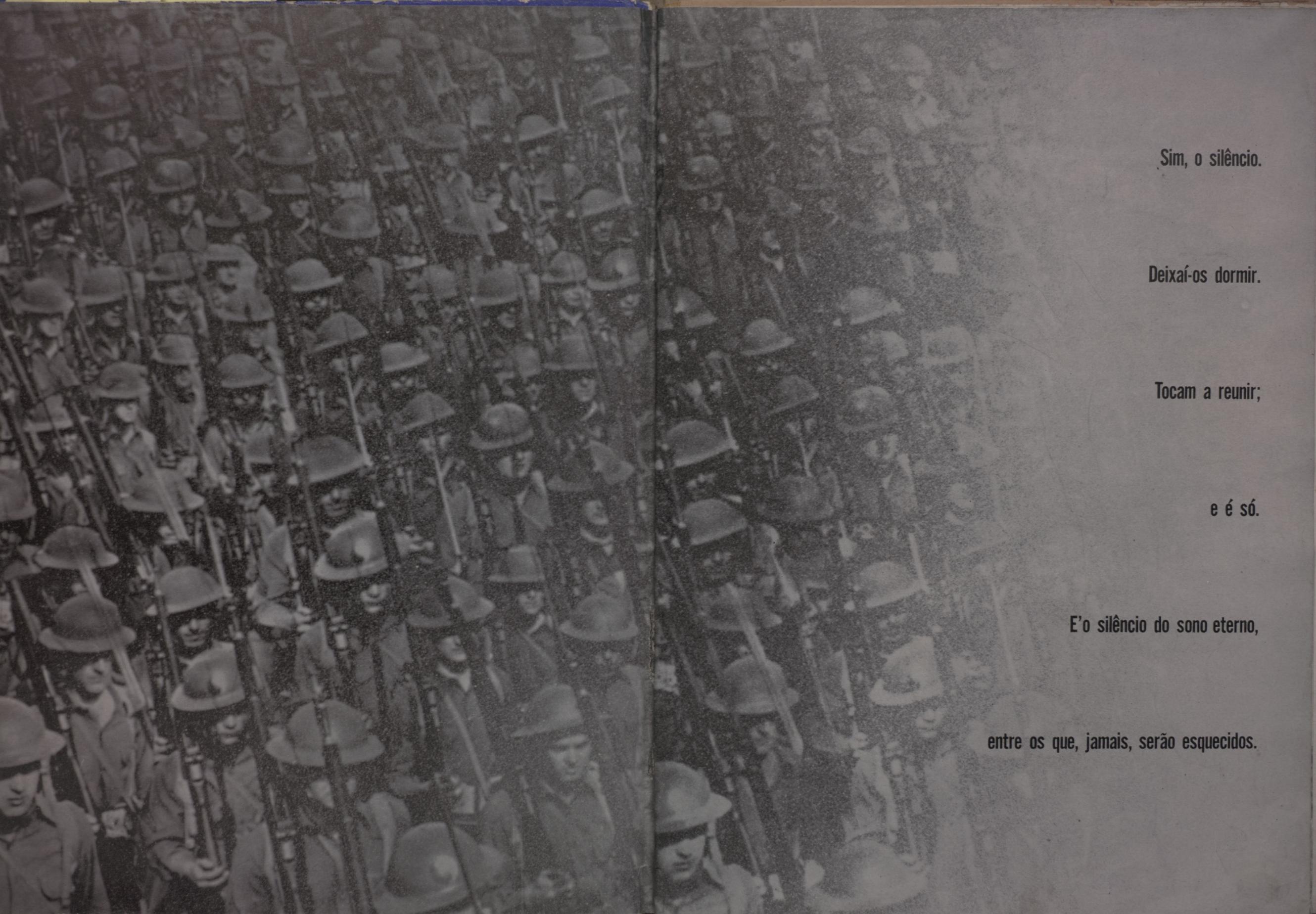
A armada tudo percebe: seja o pardacento nevoeiro ou a esverdeada neblina; a água refletindo os raios solares ou a tempestade espumante; o esplendor do dia ou a noite trevosa; um sinal ou muitos; mar tropical ou ártico, seja, ainda, o antártico ou o equatorial. Formidanda e paradoxal é a armada, com seu rude bojo. Mas, assestando seus canhões, com astronômica precisão e exatidão de segundos; com seus propulsores trepidando em pleno mar; com seus submarinos submersos e aviões, acima, perseguindo o inimigo, metralhando-o, bombardeando-o e com cargas de explosivos.





E que diremos dos árduos trabalhos que nos oferecem os navios auxiliares, navios-tanques, rebocadores, cortinas de fumaça, redes contra submarinos, navios mineiros, caça-minas, torpedos e bombas de profundidade. E que, ainda, diremos dos mais árduos labores, com o interminável patrulhamento, grandes comboios, verdadeiras caravanas marítimas. "Na marinha, sereis alvo de todas as asperezas do mar".





Sim, o silêncio.

Deixai-os dormir.

Tocam a reunir;

e é só.

E'o silêncio do sono eterno,

entre os que, jamais, serão esquecidos.

América, o embrião do teu destino deu vida a
uma prole de muitas gerações; uma longa história
de labores ingentes; tristezas e sofrimentos . . .



a luta gigante dos lenhadores; mulheres de corpos opulentos—ainda vivem os pais e mães dos soldados. Marinheiros, aviadores, fazendeiros, construtores, trabalhadores, filhos e filhas de todos estes, prosseguí. O amanhã pertence às gerações moças.



Exposição de fotografias da Nação em Guerra,
preparada para o Gabinete do Coordenador de Assuntos Interamericanos
pelo Museu de Arte Moderna.
Organizada pelo Capitão de Corveta Edward Steichen,
da Reserva da Marinha dos Estados Unidos
Texto por Carl Sandburg. Traduzido por Armando Pacheco



ATÉ A VITÓRIA